

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS, AMBIENTAIS E DE
TECNOLOGIAS

MARIANA PIOVAN BLÜMER

POROSIDADE URBANA:
CONTINUIDADE, DESCONTINUIDADE E AÇÃO
NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

CAMPINAS – SP

2017

MARIANA PIOVAN BLÜMER

POROSIDADE URBANA:
CONTINUIDADE, DESCONTINUIDADE E AÇÃO
NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Dissertação apresentada como exigência para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Orientadora: Prof. Pós-Dra. Jane Victal Ferreira

CAMPINAS-SP

2017

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação - SBI - PUC-Campinas

t711.40981 Blümer, Mariana Piovan.
B658p Porosidade urbana: continuidade, descontinuidade e ação na cidade contemporânea. / Mariana Piovan Blümer. - Campinas: PUC-Campinas, 2017.
192p.

Orientadora: Jane Victal Ferreira.
Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias, Pós-Graduação em Urbanismo.
Inclui anexo e bibliografia.

1. Planejamento urbano - Brasil. 2. Espaço urbano. 3. Sociologia urbana. 4. Cidades e vilas - Melhoramentos públicos. 5. Crescimento urbano. I. Ferreira, Jane Victal. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de tecnologias. Pós-Graduação em Urbanismo. III. Título.

22. ed. CDD – t711.40981

MARIANA PIOVAN BLÜMER

POROSIDADE URBANA: CONTINUIDADE, DESCONTINUIDADE E AÇÃO NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Urbanismo do Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como requisito para obtenção do título de Mestre em Urbanismo.

Área de Concentração: Urbanismo.

Orientadora: Profa. Dra. Jane Victal Ferreira

Dissertação defendida e aprovada em 16 de fevereiro de 2017 pela Comissão Examinadora constituída dos seguintes professores:



Profa. Dra. Jane Victal Ferreira
Orientadora da Dissertação e Presidente da Comissão Examinadora
Pontifícia Universidade Católica de Campinas



Prof. Dr. Wilson Roberto Mariana
Pontifícia Universidade Católica de Campinas



Prof. Dr. Estevam Vanale Otero
Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP

A vó *Olga*, que faz uma falta inexplicável e dolorida, mas que estará sempre aqui pela luz e pelas cores únicas de seu coração: ensinou sobre amor e fé, e assim sobre sentir a dimensão da vida, inesperada, trabalhosa e preciosa.

A minha irmã, meu amor, Marina: referência de dedicação e garra, que me proporciona as felicidades mais puras e únicas da vida. Faço por ela e por eles: aos meus pais Mara e João, que nunca deixaram faltar o que mais me importa na vida: o sentido de ser e estar; presentes com o amor que descubro maior sempre e assim aprendo.

Ao Edley, meu amigo, meu amor, meu noivo, que me incentiva, participa e me envolve de paz.

A Jane, orientadora sempre presente, com respeito, incentivo e capricho, me assegurou explorar capacidades inesperadas e incalculáveis; sua paz garantiu que fosse um processo rico e transformador. Juntas, plantamos algumas sementes que a vida tratará de fazer florir.

Ao Vitor, presente precioso dessa vida, amigo, irmão e professor. Filho da Dna. Cida, os quais com fé e muito carinho, ambos cuidaram de mim e hoje inspiram meu ser.

A CAPES, pela estrutura financeira e apoio possível pela bolsa.

A professora, coordenadora Laura, pelas orientações e contribuições no dia-a-dia.

Aos professores que me acolheram como ouvinte no programa: Caracol, Tomás e Manoel, assim como a Jane, foram essenciais nesse processo de progresso intelectual. Assim como os mestrandos e doutorandos (2014-2016), me apoiaram no processo desse ingresso e no dia-a-dia no programa.

Ângela que esteve contribuindo no CAD, com seus afazeres profissionais com atenção e carinho nas conversas, torcendo junto desde o início. Assim como os profissionais da secretaria, manutenção, segurança e limpeza.

Juliana, revisora deste trabalho que fez com paciência e profissionalismo.

A Adelita, ao Sabaté, com orientações precisas e atenciosas entre os compromissos e eventos acadêmicos e, sobretudo, alimentando o valor do desenho como processo de leitura.

Ao Paulo, profissional que me ensinou que o *natural e menos*, tem força, dimensões grande e rica.

A Renata, ao Maxim e ao Estevam, que me incentivaram a “adubar” as sementes que comecei a semear sobre arquitetura e urbanismo nos debates das bancas de TFG (UNIMEP, 2013).

Ao Mario, grande responsável pela escolha de continuar, acreditando na dimensão do agora e na força positiva que há entre o que não sei e o que pode ser; assim fiz: o processo é o que vale.

Ao Ivan, amigo, que no momento de difícil transição e de grande insegurança, me assegurou que seguisse meu coração e buscasse minha verdade, em cada “barranco” da vida.

Aos professores Mira e Tim, apoiando em diversas escolhas, assertivas, sempre presentes.

Aos amigos, Rodrigo, Caio, Diógenes, Fabricio, aos parceiros do NAU, que aprendi sempre com bons papos e interesses.

Rafael e Ricardo, primos de coração, que me acolheram e estiveram abertos para os debates entre Arquitetura, Urbanismo e a Química, trazidos para este trabalho.

A tia Heloísa, Tia Suse e Tia Patricia, artistas do viver; sempre com poucas palavras, disseram muito.

A vó Dirce e tia Márcia, família que a vida me agregou, nada é preciso pontuar, porque é amor; amor recíproco, que me dá esperança sobre a vida.

As minhas meninas-irmãs, Camila (irmã de alma), a Laíz (parceira de curiosidades e interesses) e Rafaela (coração que me amolece), raras, preciosas e que me curam dos tropeços.

Tia Stella e Tio Paulo, médicos, amigos, anjos que cuidaram da recuperação de minha saúde, e da minha família, no momento de grande fragilidade física e emocional, no início dessa fase.

As amigas Ana Laura, Bruna, Flávia e Luísa.

A Amanda, Cleusa, Davi, Mario Jr., Yasmin, Renan, amigos de graduação que vieram me apoiando.

A Deus, que colocou esses seres nesse meu caminho e me iluminou para que eu estivesse com o coração aberto para perceber-los, valorizá-los, e assim ser extremamente grata.

”A porosidade é a *técnica* das cidades. A imagem é a sua *teoria*.”

Mauricio Lissovsky (A Descoberta da Porosidade, 2010)

“A porosidade é a lei inesgotável dessa vida, a ser redescoberta.”

Walter Benjamin (*In: LISSOVSKY, 2010*)

SUMÁRIO

RESUMO	9
INTRODUÇÃO	10
 CAPÍTULO I – A PAISAGEM DAS <i>TEMPORALIDADES, ESPACIALIDADES</i> E AÇÕES CONTEMPORÂNEAS	
1. <i>Corpo e ser - a experiência do presente</i>	17
1.1. Impulsos Globais e a velocidade	17
1.1.1. A narrativa de “Medianeras: Buenos Aires na era amor virtual”	
1.2. <i>Medianera</i> como metáfora – <i>poro</i> como estratégia	31
2. Lugar, Espaço e a Paisagem da Urbanidade	35
2.1. Espaço e Lugar	36
2.2. Espaço e Paisagem em Milton Santos	39
2.2.1. Geografia humanista / geografia física: Paisagem Cultural	
2.3. Paisagem globalizada: o espaço passivo	41
3. Fenomenologia da <i>urbanidade</i> do presente: a busca contemporânea.	47
3.1. Ação e ocupação da/na cidade contemporânea	50
3.1.1. Primavera Árabe	52
3.1.2. Occupy Wall Street	54
3.1.3. Jornadas de Junho	56
3.2. Salvar o planeta ou nos salvar? Reconnectando o engenho humano e a natureza: <i>diversidade dos mundos</i>	57

CAPÍTULO II - POROSIDADE URBANA: GEOGRAFIAS E GEOGRAFIZAR ESPAÇO-TEMPORAL

4. Poros e membranas	59
4.1. <i>Espaço existencial: geografizar e permeabilidades sociais</i>	63
4.2. <i>Tipologia espacial: geografia e permeabilidades físicas</i>	65
4.3. <i>Tipologia Urbana: compondo a tipologia espacial por associação ao espaço existencial na geografia e no geografizar a paisagem</i>	71
4.4. <i>O patchwork de narrativas da Avenida Paulista: a reunião dos retalhos no espaço público urbano</i>	74
4.4.1. <i>Indícios de uma dinâmica cultural urbana</i>	75
4.4.2. <i>O estrangeiro e o território da indiferença</i>	110

CAPÍTULO III – CONTINUIDADE, DESCONTINUIDADE E AÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO (O CASO DO LARGO DA BATATA-SP)

5. Arquitetura e significado na polis contemporânea: da acrópole à ágora.....	114
5.1. Qualificando o espaço e produzindo o lugar na metrópole contemporânea	114
5.1.1. Segregação: por espacialidades e por sociabilidades	
5.2. <i>Tempo artesanal e o território da resistência</i>	130
5.2.1. Largo da Batata como poro urbano	
6. A força do espaço existencial: o ser e estar na transformação do espaço público na construção da paisagem do Largo da Batata	136
6.1. Momento de inflexão espaço-temporal UM A construção da paisagem e do lugar: dinâmica social e cultural de um cotidiano local	136
6.2. Momento de inflexão espaço-temporal DOIS Adensamento da área e início das infraestruturas	140
6.3. Momento de inflexão espaço-temporal TRÊS Operação Urbana Consorciada Faria Lima	145
6.4. Momento de inflexão espaço-temporal QUATRO O diálogo amorfo entre passado, presente e futuro: espaço em movimento; recompondo o lugar.....	151

7. Urbanidade e intersubjetividade no Largo da Batata	168
7.1. O diálogo orgânico, necessário e possível, entre a ação institucional e a ação popular/autêntica	168

CONCLUSÃO170

Reflexão final.....	174
---------------------	-----

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS176

ANEXOS182

- Planta da Cidade de São Paulo levantada pela Companhia Cantareira de Esgotos – 1881
- Planta Geral da Cidade de São Paulo Adaptada pela Prefeitura Municipal para uso de suas Repartições - 1905
- Planta da Cidade de São Paulo – Propriedade Exclusiva da Companhia Lithc Graphica Hartmann – Reichenbach - 1913
- Planta da Cidade de São Paulo mostrando todos os arrebalde e terrenos arruados - 1924
- Mapa Topographico do Município de São Paulo - 1930
- Áreas residenciais de Pinheiros – entre 1952 e 1957
- Coletividade Nipo-Brasileira de Pinheiros - Distribuição das residências – 1962
- Mapa do crescimento do bairro de Pinheiros – até 1960
- Área Urbanizada do município de São Paulo – até 1914
- Área Urbanizada do município de São Paulo – até 1949
- Caminhos de saída de São Paulo – século XIX

RESUMO

Faz-se uma leitura sobre *temporalidades*, *especialidades* e a *ação* na cidade contemporânea, a partir do conceito de *Porosidade Urbana*. Entende-se este, como condicionante de *urbanidade*; referencia-se o urbanista Bernardo Secchi, o qual defende a importância de manter relações osmóticas com os diversos contextos cotidianos, assim como o sociólogo Richard Sennett que o complementa, sobre a relevância de construir “cidades abertas”, por *membranas de permeabilidade*. Esta análise se divide em três partes: um levantamento teórico que estrutura a abordagem sobre a experiência do *corpo* e do *ser* na metrópole contemporânea, a partir da narrativa do filme “Medianeras – Buenos Aires na Era do Amor Virtual” (2011), seguido de uma teórica sobre *espaço*, *lugar*, *urbanidade* e *ação* no espaço público; segunda parte, uma reflexão teórica que busca descrever o conceito de *tipologia urbana*, a partir do diálogo entre o geografizar de *espaços existenciais* (manifestados como permeabilidades sociais) e a geografia de *tipologias espaciais* (manifestadas como permeabilidades físicas), onde se desfruta da paisagem da Avenida Paulista (São Paulo) como narrativa de um espaço urbano *poroso*, para o exercício de análise; finaliza-se com a reflexão sobre estruturação e morfologia urbana, somadas às teorias e conceitos levantados inicialmente, para a compreensão da resignificação do sentido de *lugar* no Largo da Batata (São Paulo), como *território de resistência* em meio aos impulsos globais que ressoam em todo o mundo e arrasam densidades socioculturais. Assim, *poros* e *membranas* são compreendidos aqui, a partir de parâmetros materiais e imateriais na composição da esfera urbana e tratados sobre uma leitura fenomenológica, onde narrativas e morfologias são identificadas ao longo da história desses contextos, e recortadas como momentos de inflexão espaço-temporais com o objetivo de compreender as diversas camadas na paisagem urbana. São abordagens que trazem luz a outras lógicas possíveis de construção e transformação urbana, a partir da solidariedade sociabilidade da *diversidade dos mundos*, impulsionando o processo de identidade e do enraizamento, como *construção coletiva*, ou seja, em contato com *o outro*.

Palavras-chave: Porosidade urbana. Ação coletiva. Lugar. Tipologia urbana. Morfologia Urbana.

INTRODUÇÃO

A dimensão do que se percebe como desenvolvimento urbano está entre os principais paradigmas da atualidade quando se busca a compreensão sobre o ser humano inserido na complexa trama da cidade, ou seja, a compreensão sobre a noção de território e sua densidade de valores socioculturais nesse processo. Essa é a realidade que se deparam tanto os pesquisadores que mergulham no desafio sobre a leitura da cidade contemporânea, quanto os cidadãos em busca do *lugar* e do sentido de *ser e estar* no mundo. Na reciprocidade dessas relações que se estabelecem em distintas realidades, nas quais o pesquisador busca cumprir com um papel social, e o ser cidadão põe em prática a *arte* de sobreviver – esse último, diariamente em uma guerra por espaços e direitos - ambos lutam por outra lógica possível no processo de construção e estruturação da cidade. Essa lógica é possível de ser lida nas ações de resistências presentes na cidade - as quais são *manifestações ativas* em diversas localidades do mundo contemporâneo.

O momento histórico presente extrapola as condições ambientais, desde a relação insustentável com o meio ambiente natural, até as realidades socioculturais consolidadas a partir de lógicas próprias herdadas, as quais produziram uma relação específica com *lugar* ao longo dos tempos. Essas são as condições impostas por ações arrasadoras, condicionantes do padrão de consumo em escala global, sobrepondo as racionalidades locais. Com isso, é deixado para trás um desenvolvimento urbano democrático, caminhando para o consequente esgotamento da natureza, assim como expressões espaços-temporais (*formas de ser*), que servem para a vida de todos. Ana Clara Torres Ribeiro (2013) discorre sobre esse impulso global caracterizado pela velocidade de transformação, a autora acredita que esse fenômeno tenha a “capacidade de conquistar a duração, a irreversibilidade dos desígnios de que é portadora e o fechamento de caminhos de retorno a situação vivida antes da sua manifestação”.

Portanto, para o estudo declara-se necessária a apreensão sobre uma *totalidade* - ainda que na escala local - para a leitura dessa complexidade contemporânea. É importante esclarecer essa apreensão como um grande desafio do momento aos pesquisadores interessados pela história do presente,

que, por exemplo, relativiza, em fragilidades, a construção de uma metodologia linear e pré-definida. A *totalidade* é apresentada por Milton Santos (2006), como um elemento que não se esgota e está sempre em aberto, incompleta, a ser sempre complementada pela ação humana e assim ressignificada a cada momento, continuamente, “[...] está sempre se desfazendo para voltar a se fazer. O todo é algo que está sempre buscando renovar-se, para se tornar, de novo, um outro todo”. Soma-se ainda à lógica dos impulsos globais citadas anteriormente, os fenômenos da fragmentação e da descontinuidade, os quais produzem reflexos nas esferas sociais, ambientais, políticas, administrativas, culturais, entre as diversas características que constroem o espaço urbano.

Das diversas condicionantes que dirigem o modo de ser nos últimos tempos, a tecnologia e a velocidade são características proeminentes da lógica vivida, as quais conduzem novas abordagens no cotidiano do ser humano. Relativizam as relações tanto nas esferas *material* quanto *imaterial*, alterando a significação das *coisas do ser*. Criam-se assim, como define Milton Santos (2006), as “paisagens da reflexão e da razão”, resultado da “combinação entre ação presente e objetos da ação”. Objetos e ações modificam significados, os quais se metamorfoseiam submetidos pelas técnicas e pela diversidade de instrumentos de trabalho. As particularidades dos contextos atribuem características qualitativas e quantitativas ao espaço, o qual é a “síntese, sempre provisória, entre conteúdo social e as formas espaciais” (SANTOS, 2006).

Ao pensar as transformações do espaço público entre as esferas *social* e *espacial*, é inevitável considerar as condicionantes como *redes urbanas*, como fluxos e dimensões entre o real e o virtual, os quais se apresentam indissociáveis hoje e constituem uma importante esfera com potencial de multipossibilidades de exploração das relações no/com espaço público. Aqui vale lembrar Peter Eisenman (2014), quando, em uma entrevista recente, discorreu sobre a “necessidade da arquitetura mais do que nunca” como reflexão sobre a atual problemática da convivência entre tempos distintos, ou seja, um lento processo de produção arquitetônica (como construção tanto de uma ideia e seus sentidos imateriais em seus determinados contextos, quanto de sua materialidade) e a percepção, interação e significação das pessoas ao

passarem por ela (processo extremamente rápido, pois se encontram sempre conectadas e conduzidas por essas tecnologias, e em conseqüente ritmo acelerado).

A questão levantada, da velocidade a partir da tecnologia, é uma das diversas possibilidades para interpretarmos as relações do ser humano no ambiente urbano hoje e suas novas condições espaços-temporais; afirmando assim, abrem-se amplas possibilidades de debates sobre as diversas características da relação *forma e experiência*. Aqui esse raciocínio nos conduz ao que interessa: retomando Eisenman (2014), em um alerta sobre a necessidade de uma “arquitetura crítica”, menos preocupada em ser nova e sim em ser densa de sentido, bem como uma urgente busca em que o ser humano em evolução reconheça o espaço urbano como *habitat*. Segundo Norberg-Schulz (1975), “[...] como la identidad del hombre está establecida em relación con la totalidad del espacio existencial, todos los niveles del espacio arquitectónico tienen que tener su identidad definida”, questão que sugere a coexistência e a interdependência da dimensão do espaço físico e do corpo humano (físico, psíquico e emocional). Para a presente reflexão, essas dimensões são reflexos de um conjunto de interpretações, significações, definições estas que são adquiridas por meio das vivências, as quais produzem “experiências íntimas” tal como define Yi-Fu Tuan (2013) em seus estudos.

Como produto da experiência, forma-se uma espécie de repertório, o que Olgária Matos (2013) chama de “alargamento da condição de mundo” ao analisar uma condição contemporânea sobre o “tempo sem experiência”, identificando-o como “tempo vazio”. Na concepção de Matos, em um processo entre cognições e sentidos, os corpos imersos em situações e lugares constroem um modo de ser no mundo. Portanto, sua experiência está intimamente ligada ao que se vê e sente de forma seletiva, em relação ao meio. Tal seleção parte das referências íntimas e das especificidades do organismo de cada um: é instintiva e qualifica a percepção¹. O ser humano

¹A habilidade espacial se desenvolve lentamente nas crianças; o conhecimento espacial vem bem depois. A mente aprende a estabelecer as relações espaciais muito depois que o corpo tenha dominado o seu desempenho. Porém, a mente, uma vez iniciado o caminho exploratório, cria grandes e complexos esquemas espaciais, que vão muito além do eu o indivíduo pode abranger por meio da experiência direta. Com o auxílio da mente, a

produz paisagem e, ao fazê-lo, torna-se reflexo dela no seu cotidiano. Por isso, busca-se aqui uma interpretação das formas atuando como comunicação entre tempos e espaços, na construção material e imaterial do cotidiano – *forma-conteúdo* (SANTOS, 2006). Segundo Milton Santos (2006), “[...] o objeto tem autonomia de existência devido a sua existência corpórea, mas não tem autonomia de significação”. Nessa linha de pensamento, coloca-se importante a reflexão sobre as escolhas ao construir a cidade e seu determinado contexto, considerando a dinâmica social e a realidade local, presentes na constituição morfológica e, assim, o acúmulo das camadas de *significação* em cada momento histórico.

Referenciando e relacionando de forma direta alguns estudiosos, como o arquiteto e urbanista Bernardo Secchi e o sociólogo Richard Sennett, esta reflexão utiliza-se do conceito de *porosidade* para analisar e discutir projeções urbanas a partir de questões como as apresentadas anteriormente. Ao proporem algumas condicionantes desse conceito para explicá-lo e desenvolverem estudos sobre arquitetura e cidade, esses dois autores buscam refletir a partir do debate proveniente de diversas áreas do conhecimento e, entendendo a cidade como um *sistema* (como possibilidade de *identidade* e *integração*), rompem com o urbanismo tradicional abandonando a ideia de *zonas* (as quais classificam, separam e distanciam). Ambos evidenciam a importância sobre uma *relação osmótica* com o contexto, o que nos permite buscar e traçar um complemento também conceitual, definido por Sennett (2013) a partir de uma compreensão sobre o valor urbano de *membranas* (possível controle sobre a permeabilidade dos poros).

A partir desses estudos, é possível identificar algumas temáticas que se relacionam, apresentando-se duas condicionantes que se tornaram parâmetros de leituras para o presente estudo: a *porosidade física* (sobre limites/muros, controles/acessos, público/privado, entre outros a complementar) e a *porosidade social* (sobre tempo, herança, memória, cotidiano, cultura entre outros a complementar). Essa diferenciação contribui para densificar uma leitura arqueológica-temporal e arqueológica-espacial, clareando suas

habilidade espacial do homem ultrapassa a de todas as outras espécies.” (TUAN, 2013, p. 89)

distinções em situações nebulosas e liminares de *porosidade*, e, enfim, ampliar o entendimento sobre tal elemento como condicionante qualitativa em futuros processos. Investiga-se, portanto: o que são parâmetros que definem a porosidade? Há relação entre as condicionantes de porosidade física e de porosidade social? Como elas qualificam os espaços urbanos públicos no cotidiano citadino (*espaço existencial*)? É possível construir porosidade?

Para que sejam compreendidas as camadas espaços-temporais da paisagem, o estudo é desenvolvido a partir de processos metodológicos, os quais partem de indícios fenomenológicos, ou seja, um olhar sobre as coisas como elas são, como se apresentam aos sentidos, tomando as narrativas como importantes fontes primárias: uma investigação da existência que “amarra o fio de todo o questionamento filosófico no lugar de *onde ele brota e para onde ele retorna*” (HEIDEGGER, 2005). São elas: fotos, filme, vídeo, jornais, redes sociais virtuais, croquis e pesquisa de campo para as fontes arqueológicas. Assim, são definidos recortes, compreendidos aqui como “momentos de inflexão espaços-temporais”: não se trata de um processo de construção de uma leitura historiográfica, mas sim de utilizar referências e fatos históricos, no intuito de traçar as narrativas que contextualizam a paisagem atual, na qual as ações ligadas a espacialidades declaram a possibilidade de lermos a *diversidade de mundos* e seu papel na dimensão urbana entre as distintas *temporalidades*. Na recuperação de uma *memória*, os significados que foram compondo o sentido do *lugar* se sobrepõem em camadas, formando um contexto que faz sentido para diversas realidades, declarando-os como *espaço público* por excelência.

O objetivo é verificar a relação entre *forma* e *experiência*, voltando o olhar para os valores associados aos patrimônios imateriais na cidade contemporânea, definindo-os como *cultura urbana* propriamente na medida em que estabelecem os estatutos próprios dessa forma peculiar de ser no mundo. São análises das formas de ocupação somada às dinâmicas de uso e de formação de identidades, construídas ao longo do tempo e entendidas aqui como *membranas* de permeabilidade, buscando compreender o elemento *poro* como condicionante de urbanidade. Somam-se a isso leituras morfológicas, ao verificar as inter-relações do espaço físico sobre a esfera social, no intuito de

complementar o entendimento sobre o que desenha a *porosidade urbana* na construção do espaço público contemporâneo. Para cumprir esse objetivo, o tema será tratado por meio do estudo de caso, no qual se analisa dois contextos contemporâneos da cidade de São Paulo, o Largo da Batata (Largo de Pinheiros) e a Avenida Paulista, a partir de abordagens distintas.

O estudo apresenta-se dividido em três capítulos, os quais seguem a seguinte racionalidade: capítulo um, “Temporalidades, Espacialidades e Ações Contemporâneas – Desvendando os Poros Urbanos”, no qual se busca, por meio do filme *Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual* (TARETTO, 2011) como narrativa, ler as condições em que o *corpo* e o *ser* estão impostos a viver na contemporaneidade; busca-se, por meio de recortes do filme, compreender e contextualizar os corpos passivos em uma grande metrópole, onde mostra-se a possibilidade de relacionar o *tempo*, o *espaço* e o *ser* hoje. Ainda é levantada uma estrutura teórica sobre *espaço*, *lugar* e *urbanidade*, que servirá de base conceitual para compor as diversas reflexões práticas ao longo deste estudo. Foca-se em reflexões de caráter contemporâneo, visando ampliar o entendimento do que se vive atualmente espacialmente e temporalmente.

No capítulo dois, “Porosidade Urbana: geografias e o geografizar espaço-temporal”, apresenta-se uma reflexão teórica dentro do campo da arquitetura trabalhada como linguagem e a capacidade que essas, em leituras de especialidades e propostas de projetos, denotam valor científico, capaz de ampliar a leitura de espacialidades entendidas aqui como *tipologias espaciais fenomenais* em interações contínuas com o *espaço existencial*, capazes de categorizar *tipologias urbanas*. Nesse capítulo, procura-se relacionar esses ao espaço geográfico e o geografizar dos seres no meio em que se inserem, respectivamente associados a *poros físicos* e *poros sociais*. Desfruta-se da paisagem da Avenida Paulista – constituindo um *tipo urbano* de centralidade linear específico - como narrativa capaz de apresentar diversos fragmentos legíveis pela presença de *tipos espaciais* às *forças existenciais*, para dar início aos conceitos propostos com a direta intenção de um exercício reflexivo norteador.

Finaliza-se com o capítulo três “Continuidade, descontinuidade e ação no espaço público (o caso do largo da Batata - SP)”, com uma abordagem dirigida pelos indícios de estruturação intra-urbana, onde, a partir do vetor de desenvolvimento sudoeste do município de São Paulo, traçam-se condições distintas de lógicas de transformação do espaço geográfico, a partir da comparação por semelhança/diferença de processos de estruturação e consolidação do Largo da Batata, no Largo de Pinheiros e a Avenida Paulista, ambas nesse sentido geográfico. Nesse momento, o objetivo é compreender *tempo artesanal* a partir do *território da resistência*: Largo da Batata como *poro urbano*, uma leitura processual entre morfologia e a intersubjetividade da ação coletiva no espaço público hoje, recompondo seu sentido de *lugar*, a partir do *ser e estar ativos* na cidade.

A utilização do conceito de *porosidade*, ainda que pareça ora nebulosa, ora a iluminar o caminho do pesquisador, ganha potencial a ser valorizada no entendimento de que se busca compreender a realidade – além dos números e censos -, dentro de diversas verdades possíveis e coexistentes. Essa se apresenta uma possibilidade de leitura do espaço público e da ação do homem inserido nesse contexto urbano, como conteúdo científico, de reflexão e de crítica, assim alinha-se esse entendimento na apreensão de que toda *materialidade* está naturalmente sujeita a condições físicas, biológicas, químicas, enfim, inserido na lei natural das composições e interferências da *vida*.

Acredita-se que, na presente pesquisa, sugere, como relevância dentro da área da arquitetura e do urbanismo, uma contribuição nos processos de leitura do espaço, assim como um incentivo para a cultura de projeto, também como conteúdo científico. Dentro das relevâncias acadêmicas, somam-se as questões ditas anteriormente à ampliação de processos metodológicos e suas informações extraídas, podendo complementar as diversas pesquisas da linha, especialmente as que buscam compreender a história contemporânea do homem e do espaço público no contexto urbano. Assim, busca-se a valorização da densidade da relação corpo-espaço e de condicionantes que desenham a cidade em busca de gerar urbanidade no cotidiano citadino, em que o homem se reconheça como parte constitutiva e constituinte do mesmo.

CAPÍTULO 1

As diversas realidades percebidas nos países, bem como sobre seus territórios, consolidam-se a partir de condicionantes locais, as quais constituem aos seres humanos suas formas de *ser no mundo*. Essas, relativizadas por seus momentos históricos particulares, contextos geográficos e, portanto, suas relações entre sociedade, religião, política, economia, arte, ciência, configuram determina *cultura urbana*. Nos últimos tempos, essas realidades convivem com o fenômeno da globalização, impulsionando processos complexos na construção da cidade e de seus espaços públicos: seguem lógicas específicas que metamorfoseiam a relação corpo-espaço; **a paisagem das temporalidades, espacialidades e ações contemporâneas.**

Impulsos globais e a velocidade

Nos últimos tempos, a relação entre *ser* e *espaço* passa por uma ampliação da complexidade, a qual se apresenta contextualizada entre poderosos elementos impulsionados pelo fenômeno denominado *globalização*. Entende-se este como o resultado da lógica capitalista ocidental, constituída a partir de uma dinâmica sistêmica, a qual padroniza as condicionantes de modernização dos processos desenvolvimentistas de construção político-econômico-social. Entre as grandes e principais referências estão os países identificados pelo geógrafo Milton Santos (2006), como primeiro-mundistas, que ditam as tendências a conduzir a superprodução e o lucro de grandes empresas transnacionais. Nesse processo há, como uma das principais condicionantes, a divisão social do trabalho e de classes, de forma a radicalizar as diferenças, produzindo, então, diversas categorias de exclusões.

Considera-se hoje que o mundo está urbanizado, ainda que existam as áreas rurais, sendo que ambos apresentam-se como fenômenos complexos. São reflexos da construção de diversas camadas constituídas em determinados momentos históricos, relativos a partir de esferas imateriais/sociais que se metamorfosearam ao longo dos tempos, refletindo em transformações de seus conteúdos materiais/formais. O processo de urbanização consolida-se e ganha força em um ambiente pós-guerra (Segunda Guerra Mundial), no qual a densificação técnica condiciona novos caminhos,

demandas, assim como ritmos e velocidades nunca antes vivenciados, compondo uma lógica e, em consequência, um novo contexto que veio a ser identificado como meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2006).

Seres e espaços passam por esse processo de transformação, sobre suas experiências e formas, no predomínio de caminhos que alteram a natureza com perspectivas de curto prazo e egocentristas, nos quais o foco sobre as grandes e principais decisões em todo o mundo concentra-se na economia. Apresenta-se como um *sistema em rede*, somado a uma extrema racionalidade que visa à superação de competências técnicas e intelectuais, induzindo ao consumo exacerbado e, portanto, a uma lógica de superprodução. São transformações cuja dimensão inconsequente altera densidades socioculturais e biológicas, tanto sobre os espaços urbanos, quanto sobre os seres que neles habitam, em uma velocidade acelerada que dificulta o processo de compreensão e consciência clara da realidade em que se vive. Com isso, percebe-se uma pandemia por meio das próprias forças reagentes da natureza, e, nessa reação, pode-se dizer, são identificadas morbidades sobre a realidade ecossistêmica natural (água, fauna, flora, ar, entre outras), assim como o reflexo na saúde do ser humano (entre as principais consequências, estão as doenças respiratórias e as psíquico-emocionais).

A narrativa do filme “Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual”

A apreensão urgente da realidade sobre o cotidiano citadino e o que se busca como qualidade no desenvolvimento dos seres no mundo é estudada, relatada ou narrada por uma grande diversidade de interessados por tais caminhos tomados pela humanidade. Desde as ciências médicas (alertando sobre índices alarmantes, principalmente em grandes metrópoles) até as reflexões estudadas dentro do campo da sociologia e da filosofia sobre as diversas análises e questionamentos do *sentido dos seres* nesse contexto. Como narrativa, nesta linha de abordagem, pode-se citar o filme “*Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual*”, escrito e dirigido por Gustavo Taretto (2011), que apresenta uma reflexão crítica sobre tais questões, no qual é perceptível uma compilação sobre algumas dessas ciências, ao narrar o cotidiano sociocultural de dois cidadãos jovens na cidade de Buenos Aires.

Corpo/ser e espaço

Essa narrativa possibilita a reflexão sobre o contexto de viver em metrópoles contemporâneas, na qual se identificam duas distintas dimensões centrais para a presente pesquisa, ambas coexistentes e interdependentes: são as relações entre *corpo* e espaço e *ser* e espaço. A esfera *corpo* designa sentidos e reflexos mais sensoriais, físicos visuais e táteis, motores e de direções, dimensão em que se geram respostas imediatas trabalhando as atividades psíquicas de forma menos “sofisticada” (com menor riqueza do pensamento), forma que a autora e psiquiatra Maia Rita Kehl (2013) designa de “consciência”. As respostas do *corpo* são sujeitas às dinâmicas condicionadas pelos *símbolos*, os quais se qualificam a partir de analogias formais, sugerindo respostas diretas e objetivas às ações. A esfera *ser* pode ser apresentada com maior complexidade, pois designa sentimentos e reflexos mais emocionais, de identidade e pertencimento a partir da *percepção*, dimensão em que há um processo de compreensão e de maior conteúdo – trabalhando com amplas associações entre as diversas atividades psíquicas (KEHL, 2013). As respostas que constituem o *ser* intensificam e qualificam a reflexão e as *significações* no mundo, o qual denota um valor de importância, a partir de um conjunto de sinais e referências de conteúdo mais denso e não palpável na maioria das situações.



Figura 1. Recorte da cena do filme onde a personagem Mariana compara a dinâmica de sua vida ao tabuleiro do Jogo da Vida.
(Fonte: MEDIANERAS, 2011)

A partir da crítica central do filme, sobre a lógica em que é construída a cidade, principalmente grandes metrópoles e o reflexo de escolhas administrativas e de planejamento sobre a dinâmica da sociabilidade no cotidiano, a realidade apresenta-se de forma clara: essa situação vem continuamente degradando o *corpo* e o *ser* inseridos no espaço urbano. É possível perceber algumas situações nas quais essa interdependência se expressa no ser humano, e, pode-se dizer, que essas situações refletem como sendo o resultado da interação entre *corpo* e *ser*, no espaço. Essa interação constitui, também, a coexistência e interdependência de igual valor entre *eu* e o *outro* – sendo que o *outro* são seres, temporalidades, condições, enfim, que se apresentam como a *diversidade de mundos*, expressando então a complexidade do *eu contextualizado*. Uma abordagem mais clara sobre isso virá mais à frente, mas cabe esclarecer, no presente momento, que tal reflexão se dá como: *corpo + ser = eu + outro*. Essa é uma trama complexa, se refere ao que Kehl define, em sua terminologia, como sendo a composição entre signos perceptivos (momento presente), as marcas mnêmicas (consciência + percepção) e a memória inconsciente (a partir de associações e do repertório acumulado) (KEHL, 2013). É uma análise que parte do debate do *ser no mundo*, a partir do *corpo no espaço*.

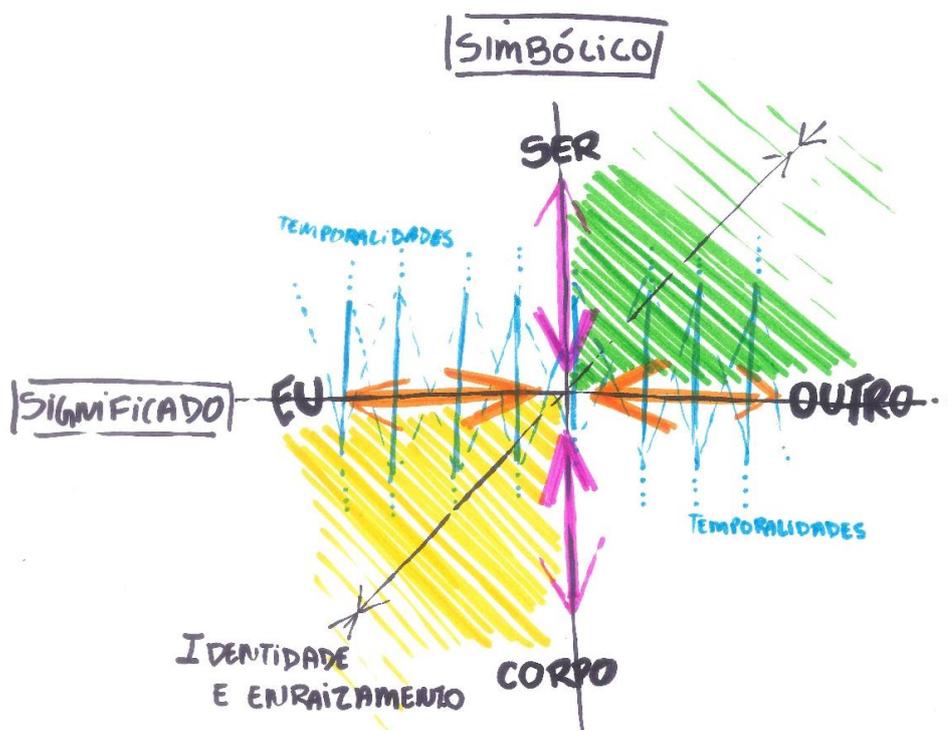


Figura 2. Diagrama *corpo/ser* e espaço.
(Fonte: BLUMER, M.P. 2016)

A velocidade e a “contração do tempo”

“Vivemos como se estivéssemos de passagem em Buenos Aires”, é uma frase que introduz as falas iniciais do filme *Medianeras* que descreve a intensa e incompreensível convivência espaço-temporal que se apreende hoje. É, portanto, colocado um debate relacionando os novos ritmos e as formas de construir consequentes de diversas esferas urbanas. A esquizofrenia dos fluxos inapreendidos, a dinâmica do mercado, que é a dinâmica do consumo, dinâmica a qual as pessoas em suas profissões estão contextualizadas e compondo seu cotidiano, são conduzidas pelo “tempo do capitalismo”: “um momento em que pela primeira vez, assim como o homem não é senhor do seu tempo, também não sabe que uma parte do seu tempo é tirada [...]” (KEHL, 2013). Perdeu-se a capacidade de administrar o tempo (e apreender a convivência entre temporalidades), pois ele está contido como parte de um sistema que o predetermina e induz o *todo* a esse ritmo. Uma racionalidade excessivamente objetivada pelos impulsos descritos até aqui, hoje condicionada pela velocidade e por seus diversos fluxos.

[Rafa]: Saber tudo o que é preciso fazer para viver mais, é o pior que poderia nos acontecer. Ninguém vem nadar para curtir, vem para contar as voltas.

[Mariana]: Por que você não dorme?

[Rafa]: Achei que você perceberia. Não acho o interruptor para desligar a cabeça.

[Mariana]: Já tentou terapia?

[Rafa]: Sim, sou psicólogo.

[Mariana]: Então só o que ajuda é nadar?

[Rafa]: Se eu pudesse, ia nadando até a beira da cama.”
(MEDIANERAS, 2011, 59:40 – 1:27)

Presencia-se uma grande sensação de *vazio*, reflexo dessa realidade que concretiza a não-identidade, o não-pertencimento, a não-consciência da dinamização que se vive e as consequências das transformações presentes. São elementos que se degradam com o volume de informações resultando, assim, na fragmentação das *coisas*. Coloca-se necessária a aceleração mental das respostas psíquicas aos diversos estímulos presentes no contexto urbano

hoje, constituída em uma sucessão contínua de acontecimentos, imagens, símbolos, temporalidades, informações, entre muitos elementos que excitam nossa mente; mas não adentram a densidade que amplia as perspectivas de compreender e dar sentido ao *ser e estar* no mundo, pois se mantém no campo das superficialidades do acontecer cotidiano.

“[Martín]: Sem estirpe, selvagens, inclassificáveis para a Botânica, uma estranha beleza cambaleante, absurda, que enfeita os cantos mais cinzentos, elas não têm nada e nada as detém, uma metáfora de vida irrefreável, que paradoxalmente, me faz ver minha fraqueza.” (MEDIANERAS, 2011, 46:56 – 47:20)



Figura 3. Recortes de cenas do filme referente à fala do personagem Martín.
(Fonte: MEDIANERAS, 2011)

Acompanhando o pensamento dos estudos da filósofa Olgária Matos (2013), essa sensação descrita por Martín (um personagem fóbico) apresenta o viver acelerado que ressoa sobre um sentimento de vazio referido anteriormente, o qual gera a percepção de que há apenas um passado – o qual é o símbolo de atraso e melancolia -, e um futuro – o qual se declara suficiente como justificativa para as ações compreendidas como progressistas hoje. Essa lógica se mantém imperando na construção da cidade como símbolo do progresso, que hoje, na maioria das situações, materializa-se sobre um presente inexistente nas operações de transformações urbanas e práticas cotidianas, degradadas de sentido. O oposto dessa condução linear e

fragmentada, portanto descontínua, seria um processo que conecta particularidades, induzido por tempos cíclicos e, por conseguinte, contínuos espacial e temporalmente, segundo o qual, o ser humano deve acompanhar esse processo, ou melhor, deveria ser o ditador de seus caminhos e direitos.

Martín narra o estado físico-psíquico dos seres humanos contemporâneos que convivem nesse contexto, fazendo uma reflexão em que descreve tal processo. Esse se apresenta como um fenômeno consequente das formas em que os seres estão inseridos, sobre as lógicas de construção e organização das cidades que geram distúrbios mentais e o extremo distanciamento da realidade. Uma total degradação da cidade como *habitat*, como espaço de cidadania e civilidade, fechando os seres e impedindo-os de conviver e ampliar a apreensão da *diversidade dos mundos*, em uma esfera democrática e saudável.

Inércias globalizantes - Corpo/ser passivos e as patologias

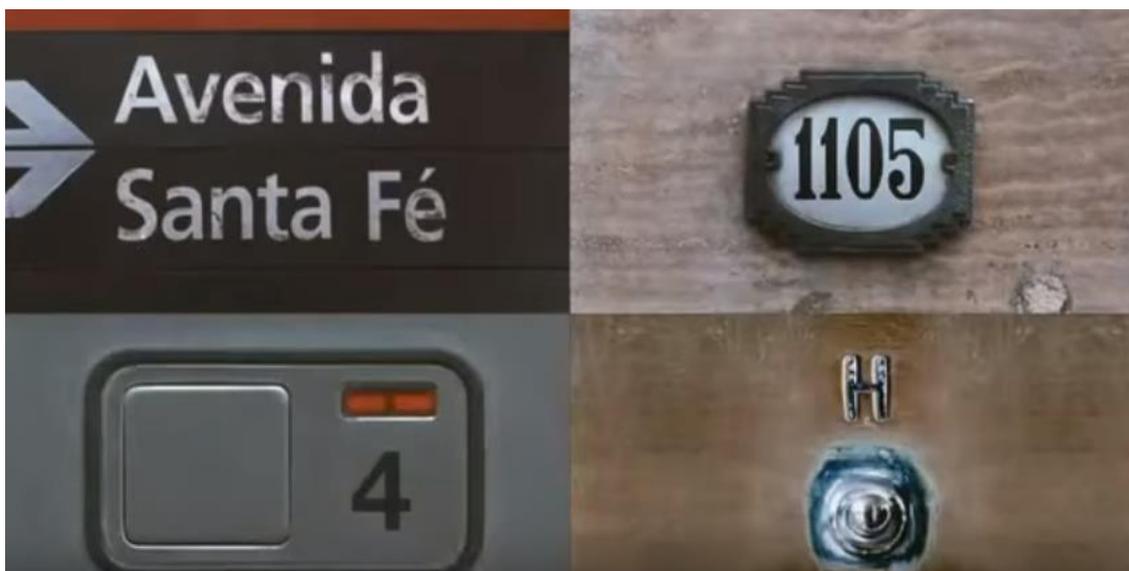


Figura 4. Recorte da cena do filme onde Martín descreve a extrema organização da cidade e se localiza dentro desse espaço racional.
(Fonte: MEDIANERAS, 2011)

Apresenta-se possível desvendar parte das condições *ser* e *corpo* em degradação nos últimos tempos. Pode ser dividida em duas partes, a *priori*: a *passividade* dos seres humanos e as *patologias* as quais estão condenados a desenvolver sob esse contexto. Tomados pelas *inércias globais* presentes em seu cotidiano, os seres humanos se declaram *passivos* nesse contexto em que

o filme é narrado. Os personagens de Martín e Mariana, assim como suas relações com os diversos personagens, se apresentam em *condições heteronômicas*.

“O que esperar de uma cidade que dá as costas para seu rio?” (MEDIANERAS, 2011, 3:31) é uma fala de Martín que revela uma sensibilidade sobre a extrema objetividade e uma alta racionalidade na composição da paisagem. Sujeitos às racionalidades e ritmos dos meios que os conduzem, pelas padronizações das legislações, pelas friezas que conduzem a prática do planejamento urbano, pelos ares que respiram e paisagens cinzas que convivem, os seres humanos apresentam-se desestimulados em relação às ações criativas, às possibilidades de explorar o *eu* e o *outro*, ao agir subjetivo e, portanto, a estarem envolvidos em interação com/no espaço-público urbano. Esse último, caracterizado pela estagnação de possibilidades em meio ao denso fluxo, vazio de sentidos e significados virtuosos.

“[Martín]: Estou convencido de que as separações e os divórcios, a violência familiar e o excesso de canais a cabo, a falta de comunicação, a falta de desejo, a apatia, a depressão os suicídios, as neuroses os ataques de pânico, a obesidade, a tensão muscular, a insegurança, a hipocondria, o estresse e o sedentarismo, são culpa dos arquitetos e incorporadores. Esses males, exceto o suicídio, todos me acometem.” (MEDIANERAS, 2011, 3:41-4:06)

Apresentam-se condições dominadas e dirigidas pelo medo, pela insegurança, pela fragilidade emocional, deixando o *corpo* aberto de possibilidades de diversas doenças tomarem suas saúdes. Assim como se sabe, o viver na cidade trouxe uma resistência às imunidades, como exemplo de doenças que não vemos mais com a frequência de antigamente, ampliam-se a aparição de outras diversas possíveis. Como a poluição pelo excesso dos gases combustíveis no ar que traz à tona o câncer de pulmão em pessoas que possivelmente em outros contextos não o desenvolveria; o índice de mortalidade por doenças pulmonares e cardíacas, que estão entre as principais doenças do mundo contemporâneo, apresenta-se em crescimento nas grandes metrópoles. Esse cotidiano traz ainda uma diversidade de doenças citadas pelo personagem Martín, que, pesquisadas pelos neurocientistas, psiquiatras e

psicólogos, se apresentam como alerta sobre a evolução dessas doenças psíquico-emocionais, entre elas a obesidade, o pânico e a depressão disseminando nesse momento para o futuro.

O conforto da tecnologia e seu uso exacerbado também ampliam o quadro dessas doenças relacionadas ao sedentarismo, por exemplo. Conduzem a um cotidiano que busca vencer longas distâncias no mínimo uso do tempo, referenciando aqui desde o acesso a informações até as pessoas, localizações e destinos. “[Mariana]: O futuro está nas fibras óticas, dizem os visionários. Do trabalho, você vai poder aumentar a temperatura da sua casa. Claro, ninguém vai esperar você com a casa quentinha” (MEDIANERAS, 2011). Esses acessos e contatos foram mantidos até agora em um caminho cada vez menos físico, cada vez menos sensível, situações essas que impedem de se colocar, em exposição, o *corpo no espaço*, o que proporcionaria a densificação das *experiências* e a *evolução do ser*. Esse novo estar em contato é estudado pela filósofa Marilena Chauí (2013), a qual descreve que os processos do conhecer, se expressar, se aproximar, viver, são dimensões cada vez mais virtuais, ou seja, ocorre “a desmontagem do corpo como ser sensível e ser simbólico, reduzindo-o”. Isso se reflete, então, em um determinado *ser social* a ser compreendido nos últimos tempos.

Encontros e desencontros: Individualismo, solidão e a modernidade líquida



Figura 5. Recorte da cena do filme em que Martín apresenta seu cotidiano. (Fonte: MEDIANERAS, 2011)

“[...] a internet me aproximou do mundo mas me distanciou da vida” (MEDIANERAS, 2011). Nesse fragmento expresso pelo personagem, manifesta-se a acentuação do não-contato com o *outro* que pode ser percebido como resultado da limitada vivência do presente estabelecida no espaço público urbano. A *fluidez* das dimensões virtuais, hoje impulsionada pela internet, adensa a complexidade que se constitui, no interior dos seres humanos, a apreensão e percepção do seu cotidiano. Primeiramente, o volume e o fluxo de informações, e a velocidade em que se alteram e se atualizam, já referenciados, estão entre os principais motivos da confusão mental causada espacialmente e temporalmente. É uma esfera interrompida – que mantém os diversos estímulos psíquicos a serem capturados a todo o momento -, a qual tem como fonte poderosa a mídia e a internet (CHAUÍ, 2013). O sociólogo Zygmunt Bauman (2011) descreve, em seus estudos, sobre essa “modernidade líquida”, que consolida-se, nesse momento, uma facilidade do *conectar* e do *desconectar*. Quando “antes” eram ações densas de significados e questionamentos, portanto traumáticas, um exercício de elaboração de explicações e justificativas, dominadas pela insegurança, orientava as escolhas e as condicionava ao futuro. Essas eram ações entendidas a partir do valor de um *passado* e de um *presente* de grande significância. Essas se apresentam claramente narradas no filme da seguinte forma:

“Num ato simples e irreversível, me desprendo de 38,9MB de história. Quem dera minha cabeça funcionasse tão bem quanto meu Mac, quem dera um simples clique, me fizesse esquecer de tudo.” (MEDIANERAS, 2011, 36:28).

O desfrute dessa tecnologia se declara delicado, pois há a banalização do valor de uso desse meio em algumas circunstâncias. Há ainda, nessa esfera que se agrava, a acessibilidade e a possibilidade da manipulação de desejos e ideais, expressos a partir do referenciar realidades intencionalmente construídas. Na confusão de cognições entre o que é *real* ou *virtual* no mundo, representa-se nele uma nova forma de ver, pensar e instituir ações entre os seres; relativizam seus interesses, suas sociabilidades e, assim também, novas condições sobre as esferas públicas e privadas – tratadas mais à frente. São ações representadas que intensificam ainda mais o sentimento de vazio -

dissolvendo um futuro que também é capaz de ser representado, assim como o presente – e que representam as perspectivas a partir do imaginário (KEHL, 2013). Tais ações traçam novos caminhos de sociabilidade, de identificações e legibilidades entre os *seres* e também as *coisas*.

“Concluí que esses encontros são como o combo do McDonalds, nas fotos é tudo melhor, maior e mais apetitoso que a realidade. Cada vez que vou a um encontro, tenho a mesma decepção que vem diante de um BigMc.” (MEDIANERAS, 2011, 52h35)

O objeto (e também as relações entre os *seres*) é transformado em produto de consumo imediato e de *status*, com temporalidade limitada (obsolescência programada), constituindo em falsa liberdade de escolha, assim como a efetividade da não-experiência, de acordo com o raciocínio do filósofo Franklin Leopoldo e Silva (2012): “Se esse mundo está simplesmente posto diante do sujeito como objeto, então os outros também são objetos. Mas, se se trata do mundo em que o sujeito existe, a experiência dos outros será uma experiência antes de ser um dado objetivo”. Soma-se ainda - como características nesse meio e como reflexo dos diversos impulsos da globalização - uma maior concretização do *individualismo*. Entendido como um ser fechado em si – que se coloca fora do mundo -, o filósofo diz que tal fenômeno, o *solipsismo* (LEOPOLDO E SILVA, 2012), gera condições de uma comunicação específica, “a experiência da ausência de comunicação”; dá-se, diferentemente da impossibilidade da fala, mas efetivamente uma recusa. Tal dinâmica se manifesta em oposição da revelação *intersubjetiva*, como condição pré-reflexiva da existência – *ser no mundo* – a qual se gera a *experiência*.

Para Leopoldo e Silva (2012), o ser *autossuficiente* é uma abstração, pois a relação com o *outro* se apresenta como requisito primordial da *existência*. Há, em grande parte da sociedade, a predominância de atitudes *egocêntricas*, quando o *eu* é colocado como centro ao interpretar e agir espacialmente e temporalmente, afirmando o *individualismo* referido; com isso, suas interações e entendimentos sobre sociedade, religião, cultura, arte, ciência, economia e política, voltados para os interesses de si, geram *descontinuidades*. Ao contrário, atitudes filantrópicas, dinamizadas pela

intersubjetividade, dadas pelo interesse na humanidade como constituição coletiva - na qual as ações do *eu* vão em direção às esferas citadas anteriormente, portanto uma ação de *alteridade* -, geram *continuidades*. Na interpretação de que há um mundo a ser entendido e a se envolver, o *ser alterocêntrico* coloca o *eu* como *parte* e não como *todo*.

“[Mariana]: Se bem que o planetário me põe mais no meu lugar, lembra que o mundo não gira ao meu redor, que sou uma parte muito pequena de um planeta, que faz parte de um sistema, que faz parte de uma galáxia, que como milhares de galáxias fazem parte do universo. Isso me lembra que sou parte de um todo, infinito e eterno.” (MEDIANERAS, 2011, 9:40-10:05)



Figura 6. Diagrama ser-alterocêntrico/ser-egocêntrico; continuidades e discontinuidades.

(Fonte: BLUMER, M. P. 2016)

Leopoldo e Silva (2014) responsabiliza esse fenômeno à constituição de uma “máquina social”, a qual predomina a força do racionalismo junto ao

progresso, o qual é positivo e apropriado para o controle e atuação dos poderes homogeneizantes, nos quais o *indivíduo* – fragilizado de suas ações e de seu poder como parte constituinte de uma trama complexa – subestima-se ao ser inserido como parte de um sistema, pré-definido, pré-ordenado, tornando-se funcional e mecânico - o qual o constitui: desmoralizado e menos sensível a agir e reagir *subjetivamente e intersubjetivamente*. Seguindo esse raciocínio, é gerada uma *integração sistêmica*. “O *individualismo* é, portanto, gerado pela perda do perfil social, onde a *diferença* e a *indiferença* se superpõem” (LEOPOLDO E SILVA, 2014). Esse processo denota grande valor sobre a constituição de identidades, *diferenciação e indiferenciação* – seleção por semelhança – as quais fazem parte da base do processo de produção identitária. De acordo com o filósofo, vive-se em um momento de compreensão, de elaboração sobre as dimensões dadas entre *ser-em-si* e *ser-com-os-outros*, como ele descreve a seguir:

“[...] talvez devêssemos perguntar por aquilo que de fato compartilhamos e também por aquilo que nos separa, desde a consciência mais obscura da existência. Talvez venhamos a descobrir, assim, que, a princípio, não estamos nem sós, nem numa comunidade já formada, mas que nosso modo de ser no mundo envolve ambas as possibilidades, e que tanto a solidão quanto a vida em comum estão de algum modo presentes, imbrincadas uma na outra, nos primórdios da existência [...]” (LEOPOLDO E SILVA, 2012, p.37-38)

Bauman (2011) acredita que esta sociedade de hoje deve ser lida como “um tipo diferente de sociedade” se comparada a épocas anteriores, já que impera a dificuldade de projetar o futuro, assim como um presente. Há uma confusão mental entre convivência e percepção entre dimensões e distâncias físicas e geográficas, assim como os envolvimentos corporais e afetivos, reais e virtuais. Segundo Bauman (2011), os laços humanos e as comunidades, a partir do entendimento do que esses significavam antes, hoje são percebidos a partir das *redes*, nas quais todo o mundo se apresenta conectado, interdependentes, e a autonomia do *indivíduo* desaparece (LEOPOLDO E SILVA, 2012). É mais um dos sinais da fragmentação humana, a qual se estende desde seu *corpo*, com seus íntimos processos psíquicos e de

percepção, descritos anteriormente, até a própria vida humana, momento em que as condições da sociedade perdem força de atuar como um *todo*, como um conjunto *orgânico* e dinamizado pela força do envolvimento *coletivo*.

“Se concordamos que o indivíduo se define pela comunidade à qual está organicamente vinculado e que o sentido da existência singular é inseparável do contexto comunitário que o produz e o sustenta, então poderemos entender que os vínculos intersubjetivos são intrínsecos e são vividos como dimensão essencial da realidade humana” (LEOPOLDO E SILVA, 2012, p.26)

Perde-se o valor de colocar questões comuns, entendidas como públicas, assim como a força de atuação em buscar caminhos que recuperem a democracia a partir de seu sentido de origem. Esse sentido apresenta-se distinto da típica relação resultante de “instituições criadas e adaptadas às necessidades do Estado-nação”, como descreve Bauman (2011). Assim, a democracia efetiva-se como resultante de ações com maior poder de reparar os problemas que hoje distanciam os seres do seu *sentido de humanidade* e de suas necessidades compartilhadas (BAUMAN, 2011). Reparar e ressignificar o bem-estar de todos como iguais, mudando os caminhos que degradam os *corpos*, os *seres* e as diversas naturezas socioambientais. O poder da democracia se faz sobre a antítese da lógica que impera atualmente, no qual o “escândalo pessoal” (BAUMAN, 2011) e egocêntrico sobrepõe as escalas do ser humano em comunidade (*coletiva*) e instaura ainda um sentimento típico na contemporaneidade: a *solidão*. Esta lógica mostra afetar os conflitos íntimos, como pode ser visto na fala da personagem Mariana, a seguir:

“[Mariana]: Até poder trabalhar como arquiteta, ganho a vida como vitrinista, isso me distrai e ocupa minha cabeça com outras coisas. Gosto de pensar nas vitrines como um lugar perdido, que não está nem dentro nem fora, um espaço abstrato e mágico. Reconheço que refletem parte de mim, mas me tranquiliza o anonimato. Penso talvez estupidamente, que se alguém para diante da vitrine, de alguma forma se interessa por mim.” (MEDIANERAS, 2011, 16:29 - 17:20)

Nas mesmas condições dessas lógicas de sociabilidade é que se organizam os espaços privados e os espaços-públicos. Entre o que se busca como liberdade e segurança, vive-se entre a escravidão e o caos (BAUMAN, 2011). Vive-se uma cíclica contradição entre a *fluidez virtual* – a qual coloca as ações e percepções sobre o tempo em velocidades extremamente rápidas e põe a liberdade a ser ressignificada – e o *estar* nos espaços públicos rígidos e frios - o qual põe a convivência com diversas temporalidades e apresenta-se fragilizados pelos limites excessivamente controlados -, gerando um tipo de caos e confusão sobre os sentidos de *ser* e *estar* no mundo e refletindo na forma de construí-lo.



Figura 7. Recorte da cena do filme onde mostra algumas das fotografias tiradas por Martín em seu tratamento psiquiátrico, onde aparece como recorte na paisagem, suas diversas percepções aguçadas na busca de encarar a cidade de uma nova forma. (Fonte: MEDEIANERAS, 2011)

“[Martín]: Para a psiquiatria sou um fóbico em recuperação [...] Com a estratégia do psiquiatra fui perdendo o medo da cidade, do mundo lá fora, dos outros. Tirar fotos [...]. Observar é estar e não estar [...]. Procuo a beleza onde não existe [...]” (MEDIANERAS, 2011, 5:30 – 6:13)

***Medianera* como metáfora – poro como estratégia**

O filme desfruta de uma abordagem metafórica para fazer uma crítica sobre a realidade em uma metrópole contemporânea, narrando as condições de seres humanos em idade ativa, jovens – símbolo de saúde e ação – em uma possível degradação física e psicológica - *seres passivos* nesse contexto. Esse contexto citadino declara-se composto por materialidades e

imaterialidades, colocando os seres que nele habitam como vítimas do viver neste espaço, o qual está imposto por um sistema pré-definido e ditador, desenhado e condicionado por *medianeras*:

“[Mariana]: Todos os edifícios, todos mesmo, têm um lado inútil, não serve para nada, não dá para frente nem para o fundo: a *medianera*. Superfície que nos divide e lembra a passagem do tempo, a poluição e a sujeira da cidade. As medianeiras mostram nosso lado mais miserável, refletem a inconstância, as rachaduras, as soluções provisórias. É a sujeira que escondemos embaixo do tapete. Só nos lembramos delas às vezes, quando submetidas ao rigor do tempo, elas aparecem sob os anúncios. Viraram mais um meio de publicidade, que, em raras exceções, conseguiu embelezá-las [...]. Ultimamente lembram a crise econômica que nos deixou assim, sem emprego. Para a opressão de viver em apartamentos minúsculos, existe uma saída. Uma rota de fuga. Ilegal como toda rota de fuga. Em clara desobediência às normas do planejamento urbano, abrem-se minúsculas, irregulares e irresponsáveis janelas, que permitem que alguns milagrosos raios de luz, iluminem a escuridão em que vivemos.” (MEDIANERAS, 2011, 1:06:52 – 1:08:45)

A *medianeira* declara a dimensão dessa forma de construir e seu reflexo sobre a constituição do *ser* e de sociabilidades, da saúde e da relação com o espaço em que se vive e da relação com o *outro*. Entre o íntimo - o espaço dentro -, e a exposição do corpo – inserido na cidade -, esse não-espaço apresenta-se como um elemento *entre*, que controla ações e fluxos, visões e atividades e estão presentes em todas as esferas urbanas. Assim, cabe a descrição feita pela personagem Mariana, dos espaços que habitamos: “[...] uma janela deprimente que dá para um pulmão sem ar” (MEDIANERAS, 2011) e que em muitos casos apresentam-se como “metade janela, metade sacada, que o sol evita o ano inteiro.” (MEDIANERAS, 2011). A esperança, a “rota de fuga” como descreve Mariana, é a abertura dessa condição imposta, “clara desobediência às normas”; portanto uma ação que destoa do sistema: é *ilegal*.



Figura 8. Recorte da cena do filme onde mostra diversas imagens de aberturas ilegais em *medianeras* e sua utilização como espaço de desfrute das ações publicitárias, como de costume.
(Fonte: MEDIANERAS, 2011)

Compreende-se a metafórica *medianera* a partir de duas dimensões, nas quais há uma cíclica composição: as condições do *ser* – em degradação, *corpo passivo e fechado* - e o desenho da cidade – delimitado, fragmentado, fechado. Ou vice-versa: o desenho do *ser* - intencionalmente definido e sistematizado na lógica do capital e do mercado, compondo como parte desse todo inerte - e a condição da cidade – descontínua, inorgânica, excludente. Percebe-se, nessa narrativa do filme, que os processos que compõem tanto os *seres* quanto os *espaços*, e assim a materialização das diversas esferas urbanas e a construção da cidade, são como um todo de *medianeras*: empenas cegas e seres invisíveis, público fechado e privado doente, praças e ruas sem vida e seres sem ar e sem luz, fluxo contínuo e denso, memória frágil e vazia, distâncias virtuais quase inexistentes e distâncias geográficas incalculáveis.

No processo em que a materialização da cidade se concretiza, esses contextos, limitados de aberturas e virtualidades capazes de se metamorfosearem de acordo com as intenções e necessidades dos seres, fragilizam os valores qualitativos de bem-estar, identificação, democracia, memória, experiência, troca, entre as diversas esferas públicas do espaço urbano. Assim, os próprios espaços são fragmentados entre si, entre as hierarquias urbanas radicalmente definidas, controladas friamente, violentando

a moral do ser que nela habita. Perde-se a capacidade da legibilidade/inteligibilidade de diversos caracteres.

A ação contrária, portanto, “as irresponsáveis janelas”, “permite que iluminem a escuridão que vivemos” (MEDIANERAS, 2011): ilumina novas possibilidades, virtualiza a *organicidade do ser*, aflora as condições *corpo/espaco*, uma maior interação entre público (em convívio com o *outro*) e o privado (a exposição e constituição da identidade, entre as *vontades de ser no mundo* em interação com a *diversidade dos mundos*). Esse fragmento pode ser percebido em cenas narradas após a abertura das *medianeras* e as novas atitudes escolhidas pelos personagens, revigorados pela luz, pela visibilidade, e pela autonomia que trouxe essa tomada de decisão; simbolicamente, Mariana faz um *piercing* e começa uma faxina em seu apartamento, e Martín observa o céu e a luz, desfocando de sua introspecção cotidiana, fechada em seu computador e em sua escuridão.

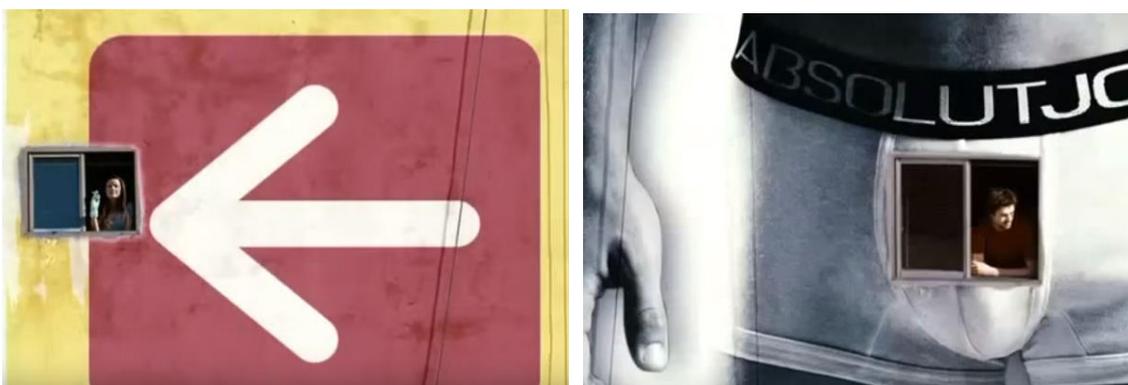


Figura 9. Recorte de cenas do filme em que Mariana e Martín se abrem para novas perspectivas de *ser/estar*, o momento em que abrem uma janela na *medianera* de seus apartamentos; em seguida, virtualiza-se o encontro no momento em que ela o avista andando na rua, de sua janela.
(Fonte: MEDIANERA, 2011)

Para o geógrafo Milton Santos (2006), os contextos são caracterizados por um meio “cada vez mais *artificializado*”, uma substituição do meio natural, a qual se apresenta como um fato hoje a ser composto nos tempos que virão. Essa artificialização, como visto, atinge diversas esferas, desde o íntimo dos seres e suas perspectivas sobre o *estar* no mundo, até seus meios de locomoção, formas de trabalho, e assim o desfrute nos diversos espaços. As futuras condições espaços-temporais necessariamente irão compor a partir da

convivência inevitável entre essas transformações e a natureza, de forma a gerar respostas inteligíveis e saudáveis de construir as cidades, como descrito no trecho do geógrafo, citado a seguir:

“[...] história das chamadas relações entre sociedade e natureza [...] sucessivamente *instrumentalizado* por essa mesma sociedade. Em cada fração da superfície da terra, o caminho que vai de uma situação a outra se dá de maneira particular; e a parte do ‘natural’ e do ‘artificial’ também varia, assim como mudam as modalidades do seu arranjo [...]” (SANTOS, 2006, p.156)

Esse filme se apresenta como narrativa que aponta algumas das características do cotidiano vivido, principalmente nas grandes metrópoles em todo o mundo, e são identificadas por diversas categorias *aporosas*: “vivemos como se estivéssemos de passagem em Buenos Aires [...]” (MEDIANERAS, 2011). Referenciam-se aqui, reflexos de condições do momento histórico em que se vive, que limita e determina a relação entre tempos, seres, naturezas, interesses, mundos, escalas, enfim, entre *materialidades* e *imaterialidades* presentes na dimensão urbana. Essas são coexistências que desenham as cidades ao longo dos tempos, possíveis de compreender a partir de *poros* ou *áporos* na constituição urbana, conceitos que serão desenvolvidos mais à frente, os quais induzem diversas categorias de leituras de *ser/estar do/no* espaço.

Lugar, Espaço e a Paisagem da Urbanidade

O homem é um *ser complexo*, com capacidade de responder a estímulos assim como desenvolver-se a partir deles. Há uma natural relação entre *corpo* e *espaço* capaz de gerar o fenômeno da *topofilia*, termo usado pelo geógrafo Yi-Fu Tuan (2012). Tuan coloca os “animais humanos” em uma mesma condição nessa relação, mesmo que com certas particularidades de cada íntimo e de cada contexto inserido: “toda pessoa está no centro de seu mundo, e o espaço circundante é diferenciado de acordo com o esquema de seu corpo” (TUAN, 2013). Esse fenômeno é a virtualidade de elo afetivo, capaz de constituir diversos caracteres da relação *ser/espaço-corpo/espaço* a partir

de percepções e valores, qualificados pelos mesmos; podem ser respostas estéticas, táteis (contatos físicos) ou sentimentais. Importante ressaltar, para a presente análise, relacionando tal linha do pensamento, uma coerência entre as seguintes esferas: “as palavras ‘saúde’, ‘totalidade’ e ‘integridade’, etimologicamente ligadas, sugere um fato em comum” (TUAN, 2012), a partir de seus significados, respectivamente tratam sobre a condição geral do corpo e da mente, de ser total, de tornar-se inteiro, traçando aqui uma conexão complexa a ser apreendida.

“[...] medimos e mapeamos o espaço e lugar, e adquirimos leis espaciais e inventários de recursos por meio de nossos esforços [...] nós somos humanos. Temos o privilégio de acesso a estados de espírito, pensamento e sentimentos. Temos a visão do interior dos fatos humanos, uma asserção que não podemos fazer a respeito de outros tipos de fatos.” (TUAN, 2013, p.13)

Espaço e Lugar

Coloca-se relevante a compreensão da distinção entre *espaço* e *lugar*. São condições de caracteres distintos, coexistentes, e clareiam os futuros caminhos de análise. Sinteticamente, a partir de Milton Santos (2006), *espaço* sugere movimento, e *lugar* sugere pausa. Vale aqui relacioná-lo ao arquiteto Josep Montaner (2012) o qual os distingi da seguinte forma: “o primeiro tem uma condição ideal, teórica, genérica e indefinida; o segundo possui um caráter concreto, empírico, existencial, articulado, definido até os detalhes”. Relacionado ambos estudiosos, chega-se ao entendimento *a priori*, de forma objetiva, em que *espaço* mantém uma organicidade de interações; e *lugar*, uma organicidade de valores.

No processo em que possibilitam caracterização, denotação qualitativa, interpretação, agregando sentidos e significados, as localidades identificadas no *espaço* ganham densidade e compõem a dimensão do *lugar*. Portanto, a dinâmica entre *movimento* – referenciando fluxos, diversidade de tempos e temporalidades - e o acúmulo de *valores* - a relação psíquica-emocional, a herança e o projeto social -, compõem a paisagem urbana, e, assim, percebemos, ao longo dessa análise teórica, a possibilidade de constituir uma

determinada *cultura urbana*, como será visto mais à frente e nos capítulos seguintes.

“O corpo é ‘corpo vivo’, e o espaço é um espaço constructo do ser humano” (TUAN, 2013); esse é um conceito que se afirma desde as nossas origens a partir da modificação do meio geográfico em busca de suprir necessidades particulares e específicas. Por exemplo, a separação entre a área de plantar e a área de morar, desde os primórdios aos índios, assim como nos projetos de grandes áreas agrícolas ou residenciais, é realizada condicionando nossas ações para qualificar os espaços. É o resultado de um processo de interpretação que vai além do reconhecimento de construções de caráter físico. Entre *externo* e *interno*, há uma interpretação biológica ao determinar uma identificação dos limites e caracteres no espaço, constituindo uma hierarquia de *lugares*; essa hierarquia é resultado de *experiências* e *interações*, nas quais se manifesta “um centro de significados espaciais pessoais ou intersubjetivos” (HOLZER, 1999).

“Contudo, existem certas semelhanças culturais comuns, e elas repousam basicamente no fato de que o homem é a medida de todas as coisas. Em outras palavras, os princípios fundamentais da organização espacial encontram-se em dois tipos de fato: a postura e a estrutura do corpo humano e as relações (quer próximas ou distantes) entre as pessoas. O homem como resultado de sua experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais [...]” (TUAN, 2013, p.49)

A origem sobre a compreensão do que se define como *lugar* é estudada a partir da expressão latina *genius loci*, conceituada como “espírito do lugar”. Eram identificações tanto no sentido físico quanto no sentido psíquico, as quais os seres qualificavam como um *espaço*, ainda que esse não fosse materialmente construído; ou seja, configuram valores geralmente dimensionados (a partir de realidades distintas – *diversidade dos mundos*), quantificados e qualificados de forma coletiva, possibilitando a construção de um ideário comum. Antigamente, a sobrevivência dependia de uma boa relação com esse espaço – relação com o *outro*, a força divina -, o qual se constitui como singular e de forte influência da tradição. Dada pelo caráter,

referenciando à *essência do lugar*, o *genius locci* manifesta-se como um espaço definido por permeabilidades imateriais, sem necessariamente apresentar limites concretos determinados pelo campo da visão. Trazidos para os tempos de hoje, o *lugar* tem a capacidade de manter a confluência de camadas espaços-temporais (*dimensões diversas*) e caracteristicamente heterogêneas, se apreendidas na composição da paisagem predominante do espaço urbano.

O espaço vivido

A partir dos estudos de Christian Norberg Schulz, sobre teoria e filosofia da arquitetura, o caráter citado anteriormente pode compor-se do conceito mais amplo, identificado como de *espaço vivido*. No momento em que o homem qualifica o espaço e mantém uma relação de caráter singular, pode construí-lo e reconstruí-lo a partir do valor de *significação*. Isso ocorre quando há interação direta *ser/espaço*, e é diferente do valor de tradição histórica, apesar da possibilidade de somar-se a ela, pois se trata do espaço modificado a partir das significações dadas pelo ser humano, condicionando-o sobre seus ideários. Esse ideário produz *símbolos*, os quais muitas vezes confundem-se com a realidade; mas é um processo costurado no cotidiano que podem coexistir, afinal, existe, na prática, um processo de *materialização*, portanto, uma sobreposição permeável de diversos ideários, que são produtos de uma *totalidade social*.

São ações que podem ser relativas ao seu tempo, podendo modificar-se de acordo com o contexto histórico (material e imaterial): “resultado de uma combinação específica que também é historicamente determinada” (SANTOS, 2006); essa dinâmica descrita até aqui se trata do *movimento*, da interação na esfera espacial. Na concretude de suas ações, o homem realiza-se e se constrói em suas ações sobre crenças, prazeres, ser político, entre diversas questões e que possibilitam a criação de sua *identidade*, são interações de avaliações *objetivas* e *subjetivas*, entre o operacional e o percebido, nas quais, “através do processo da produção, o ‘espaço’ torna o ‘tempo’ concreto” (SANTOS, 2006). De acordo com Tuan (2013), a mente frequentemente extrapola além da evidência sensorial, e “os espaços do homem refletem a qualidade dos seus sentidos e sua mentalidade”.

Declara-se necessária a valorização dos fenômenos da *identidade* e *inteligibilidade* como partido nas decisões sobre a construção da cidade. Soma-se a necessidade de uma força de caráter *coletivo*. Essa resposta aparece ao proporcionar *corpos* e *seres ativos* no cotidiano urbano, ou seja, que interajam (*intersubjetividade*) e façam parte, tanto a partir da concretude de suas ações, quanto também da possibilidade de *experiência* e convivência com o *outro* (outros elementos físicos, outros homens, outros tempos e temporalidades). Nessa construção coletiva, há um potencial de aflorar sentimentos de pertencimento, como reflexo do enraizamento em suas relações *ativas* no/com espaço urbano. É um processo que traz a concretização de *seu mundo*, possibilitando identificá-lo como *habitat*, metamorfoseando o *espaço* em *lugar do ser* - concretiza-se o *genius loci*. Assim, relaciona-se novamente aos estudos de Leopoldo e Silva (2012):

“[...] a experiência intersubjetiva não consiste em objetivar o outro; se a intersubjetividade é uma dimensão própria da existência, então é na interface das experiências subjetivas que reconhecemos a alteridade: o *outro eu* não é um paradoxo porque ele já lá está desde sempre, uma vez que não constituímos a intersubjetividade, mas ela nos constitui.” (LEOPOLDO E SILVA, 2012, p.39)

Espaço e Paisagem na geografia de Milton Santos

“O mundo em movimento supõe uma permanente redistribuição dos eventos, materiais ou não, com uma valorização diferencial dos lugares. A base mesma da geografia é que o mundo está sempre redistribuindo-se, se regeografizando. Em cada momento, a unidade do mundo produz a diversidade dos lugares. É o *instante* que valoriza diferentemente os objetos. A cada momento muda o *valor* da totalidade (quantidade, qualidade, funcionalidade) isto é, mudam os processos que asseguram a incidência do acontecer, e muda a função das coisas, isto é, seu valor específico.” (SANTOS, 2006, p.103-104)

O mundo em *movimento* compõe as pausas e os conjuntos de formas espaços-temporais condicionadas por momentos históricos e seus projetos sociais; essa trama é identificada como *paisagem*, “uma realidade de

funcionamento unitário, um mosaico de relações, de formas, funções e sentidos” (SANTOS, 1988). Resultado de uma composição espaço-temporal-formal, que ainda é presente no momento que se observa a dinâmica/ação que desacelerou sua condição espaço-temporal, mas que continua sempre acumulando novos processos de *forma-conteúdo*. “A paisagem é a materialidade, formada por objetos materiais e não-materiais [...] a qual fixa relações sociais do passado”, está condicionada a constante modificação, pois ela é objeto de mudança, resultado de “adições e subtrações sucessivas” (SANTOS, 1988).

A partir da análise atenta do desvendar de suas camadas, as paisagens revelam uma grande diversidade de dados - nem sempre possíveis de perceber visualmente em sua composição material - que se apresentam inscritos em suas morfologias, nas quais é possível ler a *diversidade dos mundos* e as ações sociais antecedentes. “Essa informacionalização do espaço tanto é a dos objetos que formam o seu esqueleto material, como a das ações que o percorrem, dando-lhe vida. Fixos e fluxos são, pois, ricos em informação” (SANTOS, 2006).

Geografia física e geografia humana: *Paisagem cultural*

Holzer (1997) descreve os geógrafos humanistas como estudiosos que tomam rumo de uma ciência fenomenológica, distinta da geografia cartesiana e positivista, em busca de maior compreensão sobre o homem no seu ambiente. Abre-se mão de valores quantitativos, em função de análises qualitativas sobre a consciência do ser humano e de sua ação no meio buscando “delinear a constituição integral do *mundo*”; dentro desse paradigma, o geógrafo define esse recorte espaço-temporal como *paisagem cultural*.

Por essa linha de pensamento conduzida pela ciência da geografia, amplia-se a presente teoria, relacionando-a aos estudos da socióloga Ana Clara Torres Ribeiro (2013), nos quais ela chama a atenção sobre a importância de buscar desenvolver o conhecimento de forma coletiva, relacionar disciplinas, possibilitando a composição de uma “*cartografia da ação*”, tal como a autora denomina: “Uma cartografia que vise a valorização imaginativa dos lugares vividos, onde a vida ocorre ou ganha força reflexiva e

transformadora”. Suas pesquisas nos levam a compreender melhor o pensamento de Milton Santos, em que o autor defende que há apenas uma geografia, a *geografia do homem*, pois entende que não há geografia física, sem a geografia humana (SANTOS, 1988).

De acordo com o geógrafo Carl Sauer (1983), “[...] A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural é o resultado”. Nessa linha do raciocínio, a *paisagem cultural* pode ser compreendida então como o *espaço cultural* dinamizado por uma determinada condição social (ou várias condições sociais), composta de valores simbólicos, onde a ação, objeto e a natureza dos seres humanos, carregados de intencionalidades, podem modificar significados e sentidos. Entende-se aqui como a dinâmica entre uma trama tecida coletivamente, de caráter intersubjetivo, não impulsionada por padrões ou condições pré-determinadas, mas por dimensões que inter-relacionam o psíquico-emocional-criativo-afetivo do ser humano e as diversas materializações no espaço e no tempo.

“Para Husserl essa meta seria atingida quando a individualidade fosse ultrapassada e se chegasse ao caráter plenamente objetivo deste ‘mundo’, o que é conseguido quando se compreende a sua constituição para uma pluralidade de sujeitos - sua constituição intersubjetiva. A *intersubjetividade* acontece no momento em que o corpo, como elemento móvel, coloca-se em contato com o exterior e localiza o outro, comunicando-se com outros homens e conhecendo outras situações.” (HOLZER, 1997, p.79)

Paisagem globalizada: o espaço passivo

Definiu-se aqui, que a *paisagem* é um conjunto de subespaços coexistentes, que compõem relações diretas ou não entre si, onde é a *cultura* que define suas diversas dimensões e caracteres. Após o desenvolvimento de um capitalismo imperante junto às possibilidades que a tecnologia trouxe de uma relação mundial em rede, a globalização veio com força poderosa trazendo novos caminhos e desenhos para as cidades formando as *paisagens globalizadas*. São realidades pelo mundo a fora, condicionadas por relações técnicas-informacionais, atuando com *indiferenças* sobre o meio social em que se compõem. São dependentes de uma esfera essencialmente *material*, compostas por características pré-estabelecidas de significação, distanciadas

da natureza das ordens e motivações (culturais) do ser cidadão *local*. Segundo Milton Santos:

“A observação da incidência local dos processos naturais lhes permite datar áreas inteiras, segundo a disposição das camadas que revelam as fases da história natural. Essa observação é frequentemente ajudada pela abertura de cortes, que deixam perceber a natureza das diversas camadas, sua espessura e a ordem de sua superposição [...] o capitalismo vai contribuir para a aceleração do processo que leva à internacionalização das técnicas, antes mesmo de desembocar, neste fim de século, em sua globalização: a universalidade das técnicas não mais como tendência, mas como fato.” (SANTOS, 2006, p.35)

Hoje, cabe dizer que, entre as principais discussões que ganham complexidade, estão a compreensão da noção de território e a densidade dos valores socioculturais no processo de construção dos espaços urbanos. Na emergência de intervenções espaciais, ações homogeneizantes dos grandes transformadores das realidades geográficas se apropriam desses contextos com discursos intencionalmente programados, delimitadores, organizadores e, portanto, exclusivos em oposição aos inclusivos. Para isso, resignificam – diga-se, de forma banal – conceitos como: adensamento, modernização, recuperação da paisagem, produção de novas sociabilidades, cultura, entre outras comuns no processo de urbanização.

Criam-se assim, como define Christopher Gaffner (2013), “padrões socioespaciais”, entendidos como a adequação espacial necessária para uma “limpeza” urbana que se põem a favor dos impulsos globais. Mecanismos como: requalificação, reinvestimento, recuperação, renascimento, revitalização, enfim os “res” tão conhecidos nas transformações da cidade por planejadores, políticos e grandes investidores, tornam-se uma forma a qual o poder é “legitimado e reproduzido”. Grande parte dessas ações passa por uma privatização da paisagem, para esta análise são identificadas como sendo uma transformação a qual produz o *espaço passivo*, “reestruturando o espaço e as relações sociais, criando paraísos de acumulação” (GAFFNER, 2013).

As forças hegemônicas atuam no caminho de produzir cidades idealizadas à lógica do consumo, a partir de “projetos-conceito” que arrasam paisagens, transformando-as em *cenários*. Há, nesses projetos, alguns elementos a serem considerados os quais geralmente tornam-se princípios de gestão: patrimônios culturais (materiais e imateriais), transportes (e mobilidade), política habitacional e mercado imobiliário. Geralmente promovem uma reestruturação local a partir do contraditório discurso que busca por “sustentabilidade ambiental e socioeconômica da área”, o que se apresenta como grande parte do quadro da crise socioambiental contemporânea.

Esse quadro expressa uma urgência pela equidade social, proteção ambiental e desenvolvimento econômico como o que se entende sobre *sustentabilidade urbana*, pois a crise socioambiental se reflete em conflitos como da propriedade, de uso dos recursos e do desenvolvimento. Com o foco desenvolvimentista no consumo excessivo, assim como no lucro por meio das superproduções que consomem a natureza, gera-se um círculo vicioso de pobreza. Essa pobreza atinge várias escalas e características, tanto econômica como social, que reflete desde as diferenças de classes e possibilidade de crescimento pessoal, quanto de identidade e cultura, no desfrute dos direitos sobre a cidade e a participação democrática ao construí-la de forma coletiva, a partir da diversidade e integração *dos mundos*, como se apresenta a partir dos estudos de Ribeiro (2013):

“Afinal a conquista da democracia, além de respeito à diversidade, exige a garantia da igualdade e, ainda, o respeito ao fazer tradicional, isto é, a preservação do aprendizado da sobrevivência – táticas de negociações, investimentos lentos no habitat, formas de ajuda mútua, redes de solidariedade – construído nas lacunas deixadas pelas sucessivas modernizações das cidades latino-americanas.” (RIBEIRO, 2013, p.)

O desenvolvimento acelerado do capitalismo impõe um processo de forma predatória, a qual também impera nas ações urbanísticas e na materialização dos ideais dos diversos atores presentes nesse processo, os quais se apresentam com o *poder* em mãos; renova-se o desenho da cidade, assim como a relação dos seres presentes nesse espaço, renovando também

o cotidiano local. Essas ações projetuais partem da destruição da estrutura urbana existente a partir de hegemonias como do transporte individual sobre o transporte coletivo, a hegemonia na acessibilidade aos locais e atividades exclusivas e destinação de recursos públicos para mobilidade priorizada em outras atividades urbanas destinadas quase sempre à minoria.

Um dos principais exemplos referentes a esse processo são os megaeventos que, vistos pelos oportunistas, conduzidos pela lógica do capital e do mercado imobiliário, se apropriam de uma possibilidade de efetivar transfigurações de áreas urbanas em busca de colocá-las no mercado. Com a intencional manipulação de sua *imagem*, há como prioridade seu redesenho seguindo o *padrão socioespacial* que agregue *status* de “cidade mundial”; a partir de “familiaridades psicoespaciais”, são constituídas com referências europeias e americanas, “condicionadas por um mundo simbólico” (GAFFNER, 2013). O intuito é de transformá-la em uma “nova opção de investimento da cidade”, ou seja: produto de interesse de grandes investidores (como empresas internacionais/multinacionais) é vendido a partir dos seguintes *slogans*: “receita do sucesso”, “projeto-conceito”, “apresentação de um novo produto”, denotando um marketing voltado para todo o mundo.

Como descrito por Santos (2015), há o interesse egocentrista e exclusivista dos grandes atores que manipulam esse processo e, “desse modo, quanto mais racionais forem as regras de sua ação individual, tanto menos tais regras serão respeitadas do entorno econômico, social, político, cultural, moral ou geográfico [...]”, ao retirarem muitos dos moradores desse lugar, intensificam a claridade dessas ações e a urgência da cautela sobre as análises de seus resultados. Traz à tona o agravante de atingir diretamente o cotidiano dos seres que ali viveram, assim como suas ações, “mesmo que provoque, no entorno preexistente, grandes distorções, inclusive a quebra da solidariedade social” (SANTOS, 2015).

Somando os partidos projetuais, os discursos político-administrativos e as frases desenvolvidas pelos agentes de marketing, uma efetiva ação coerente refletiria da seguinte forma: uma efetiva diversidade de pessoas e de tipologias, utilização e revalorização do espaço público, novas possibilidades em escala local, atingindo dimensões sociais e econômicas, entre a ampliação

de diversas possibilidades a partir das interações subjetivas entre o ser humano e o espaço, resultado de uma relação osmótica entre camadas, tempos, escalas. Cenário oposto ao que se apresenta na composição desse novo momento de várias paisagens apreendidas nos últimos tempos.

Na prática, o caminho é tomado pela manipulação socioespacial, a qual extrapola as qualidades ambientais e geográficas - descritas antecipadamente nessa leitura -, portanto os projetos atuam da seguinte forma: na ocupação de territórios, colocando em risco as identidades construídas, suas camadas e memórias, intervenções de escalas globais sobrepondo às escalas locais, novas opções de investimentos na cidade, transformando a paisagem em cenários intencionalmente organizados e pré-definidos, arrasando o território e impondo nova dinâmica, entre outras diversas consequências que refletem diretamente no cotidiano, transfigurado seu sentido de *lugar*, por excelência.

Densidade socioespacial e a paisagem cultural: a dimensão da escala local

O espaço passivo identificado a partir da paisagem globalizada, compreendida aqui como uma incoerência enquanto sustentabilidade, é colocado por Ribeiro da seguinte forma: “Trata-se da produção artificial do espírito do lugar e da absorção mercantil (objetivada) de práticas sociais e culturais até recentemente espontâneas [...]” (RIBEIRO, 2013). Nesses contextos, características locais e que constituem a *memória* são tratadas apenas como produto museográfico, e não como partido de gestão, e consequentemente de decisões e desenhos que se colocariam em interação os novos espaços e os seres que ali habitam. São “movimentos de verticalização”, do *local* para o *global*, que segregam e excluem, contrapondo um raciocínio sustentável de “movimentos de horizontalização”, do *local* para o *lugar*, como complementaridades materiais e socialmente desejáveis (RIBEIRO, 2013).

“[...] capacidade de transformar *eventos* - acaso, incerteza, novo - em *fatós* estrutura, condição, experiência -, através do uso intenso de imagens que alteram representações da vida coletiva e a percepção de oportunidades” (RIBEIRO, 2013)

São dimensões reais e pontuais presentes no território, que, não estimuladas e inseridas em convivência, reafirmam seu risco de perderem ainda mais seu espaço. É um processo de *gentrification*, como esclarece Gaffner (2013): uma reorganização da geografia urbana com a substituição de um grupo por outro; reorganização espacial de indivíduos com determinados estilos de vida e características culturais; transformação do ambiente construído com a criação de novos serviços; alteração de leis de zoneamento que permita um aumento no valor dos imóveis, da densidade populacional e mudança no perfil socioeconômico.

É possível perceber que se perde a escala local para a escala mundo, a escala do ser humano para a escala das grandes edificações e dos materiais com alta tecnologia, a escala do tempo-denso para um tempo-vazio, escala do cotidiano e do tempo lento construído pelo *homem lento* (RIBEIRO, 2013) para a escala do mercado acelerado, esquizofrênico, em que o ser humano se perde, fragilizado pelo medo, pela insegurança, e adocece. Deve-se preservar e estimular o enraizamento como possibilitador de desenvolvimento da humanidade, como é colocado por Nair e Morin:

“A crise do futuro nasce na crise do presente, e esta crise que faz desaparecer o progresso prometido faz progredir as regressões do passado. Os legítimos re-enraizamento contra uma mundialização abstractivas voltaram-se de novo para as etnias, as nacionalidades, as nações, implicando a ocultação dos interesses gerais da humanidade.” (NAIR; MORIN, 1997, p.16)

Dentro dos estudos de Milton Santos (2006), essa composição é identificada como *forma-conteúdo*; de forma sintética, é a dinâmica de transformação somada à forma preexistente, constituindo um acúmulo de valores, uma densificação do *conteúdo espaço-temporal* na formação material e imaterial, dado aqui, no espaço urbano. Como referenciado anteriormente, torna-se mais complexo a cada momento histórico. Dito isso, o mundo encontra-se hoje em um processo de transformação acelerado e contextualizado na realidade da globalização como condicionante poderosa, imperando, assim, a descontinuidade a partir do apagamento e da super-

sobreposição, ou seja, fragilizando a composição contínua, características de acúmulos que densificam contextos.

São colocadas em risco no cotidiano citadino, culturas consolidadas e a memória, enfraquecendo forças coletivas, espaços democráticos, além de consequentes lutas espaciais, nas quais funções sociais do solo deixam de ser prioridade no processo de desenvolvimento da cidade. Esse quadro atinge diretamente o meio ambiente natural nas convivências e desfrutes irracionais e caracterizados por tempos rápidos na exploração do meio ambiente. Essas relações são entendidas aqui como luta por espaços de poder; na compreensão do que é justiça socioambiental e a cidade como construção coletiva, essa rede de relações cíclicas é qualificada, aqui, como algumas das diretrizes que condicionam a urbanidade.

Fenomenologia da *urbanidade* do presente: a busca contemporânea

“Tantos quilômetros de cabo servem para nos unir ou nos manter afastados, cada um no seu lugar?” (MEDIANERAS, 2011, 1:13:50).

Questiona-se antes de tudo, antes até das primeiras questões colocadas aqui, as que deram forma e caminhos de análise para a presente pesquisa, o que une os seres, como iguais, de fato? Se valores são relativos a momentos históricos, e assim relativos às culturas; se o que denota valores e dá qualidade, se difere em todo lugar do mundo, em cada realidade distinta? Justamente onde se manifesta essa distinção com maior complexidade, é que se aflora a violência do mundo, a agressividade e parece colocar, no limite, a humanidade; é nesse limite que se encontram os seres que se deve tomar de volta a busca para compreender o que os une, pois o que os separa parece estar claro aos olhos que observam a vida contemporânea – assim como o passado -, acompanham os jornais, andam pela cidade e assim também se apresentam em diversas narrativas.

A narrativa de *Medianeras*, nos apresenta também a condição entre *ser* e *natureza*: um distanciamento da relação *corpo/ser* e *vida*, assim como o claro distanciamento *seres* e *seres*. São duas abordagens que necessitam de

atenção para suas particularidades e, assim como foram tratadas até aqui, continuarão ao longo desse estudo sendo apresentadas a partir de algumas abordagens específicas. Busca-se, nesse momento, compreender essas coexistências a partir do valor de *urbanidade*. Conceito que sinteticamente denota “qualitativo de urbano” e se declara um fenômeno complexo, composto por uma trama entre materialidades e imaterialidades, e que o processo de compreendê-lo nos dá pistas sobre o que *une* os seres.

Faz-se aqui um traço de binômios que contribuem para introduzir essa busca por valores qualitativos. Urbanidade pode ser compreendida a partir das seguintes esferas: da igualdade e do direito; das necessidades e da totalidade; da convivência e da combinação; da diversidade e do *outro*. Gera-se uma estética resultante do *atrito* cotidiano entre as *diversidades dos mundos*, em distinção do que se impõe como materialização de uma disciplina, que gera uniformidade – essa imposição faz referência a uma composição *passiva* entre ideários impostos pela hegemonia, determinados pela aparência do que se entende como qualidade e progresso. Uma paisagem que é determinante de *diversidade* descrita nos estudos da jornalista Jane Jacobs (2014), a qual apresenta “uma organização complexa e altamente desenvolvida”, julgada muitas vezes como resultante de uma má aparência, ditada como desorganizada e caótica. Esse fenômeno atinge as condições de saúde, de fluxo e movimento, de participação e de envolvimento e as diversas necessidades que se afloram igualmente em todos os seres por de trás das superficialidades presentes nas racionalidades pouco orgânicas, as quais hoje condicionam *ser* e *estar* na cidade contemporânea.

A qualidade de urbano é significada pelas realidades de cidadania e civilidade, ativas e coerentes, no ambiente em que se vive. Ela permite os conflitos e os possíveis debates, resignificando, para os tempos que se presentifica, o sentido do espaço-público visando reunir ações políticas, as quais se devem constituir como *locus* da democracia e do *ser* ativo. Tais conflitos determinam possibilidades opostas das ações de violências, não se tratam, portanto, da abertura para o caos, ao contrário disso, compõem uma multiplicidade de trocas e vivências, capazes de integralmente influenciar os processos de construção de *experiências* e, assim, de *identidades*.

Para leituras dentro das ciências sociais aplicadas, como em arquitetura e urbanismo, o valor da *experiência* tem importância direta sobre o que se entende como *urbanidade* no espaço-público urbano. Buscando a linha filosófica para refletir sobre a dimensão do que se entende sobre tal valor, se apresenta como um fenômeno potencializador da percepção a partir da vivência, capaz de gerar identificação e conhecimento *de si* por meio do *outro*. A composição da *identidade*, sendo um processo de contínua construção, sempre inacabada, apreende-se, a partir de Leopoldo e Silva (2012), que “transformamos a nós mesmos quando interiorizamos o que está fora de nós; e transformamos o mundo, ao menos na significação, quando exteriorizamos nossos desejos e nossos projetos”; não podendo habitar a consciência do outro, como fato recíproco, a intersubjetividade – como articulação – virtualiza o contínuo processo da *experiência*.

Muitos arquitetos e urbanistas discutem a capacidade de espaços e projetos possibilitarem esse fenômeno – processo discutido anteriormente -, ou transformá-los para que esse ocorra; mas o momento histórico hoje identifica uma grande diversidade de *sistemas* a serem pensados dentro dessa linha do pensamento, pois o significado do espaço-público está passando por ressignificação, assim como a relação entre os seres, impondo novas necessidades sociais e construtivas na escala da vivência cidadina.

Tornam-se urgente a reflexão e a crítica sobre a produção arquitetônica e urbana, que produzem espaços de negação das relações humanas e o convívio com os conflitos consequentes desse processo, resultando na condição interdependente e cíclica, que vem constituindo uma cultura urbana particular. Em contraposição a essa lógica que se tornou cada vez mais comum em grande parte do mundo, há um novo momento de resistência social, no qual é possível perceber algumas ações atuando como “sementes sendo plantadas” no espaço urbano, essas conhecidas popularmente como “apropriação do espaço público”, onde se pode dizer que vem a se constituir sua grande força a partir de lógicas identificadas por Santos (2015)., como uma “cultura de baixo”.

Essa força aparece como manifestações expressivas (como processo político-cultural), as quais mantêm estruturadas pela *diversidade* impulsionada pela escala local, em que se presencia a vivência como expressão criativa dos

seres, relacionando-se a exaltação do cotidiano dos atores de baixo; assim condicionando um impulso cultural legítimo, dado de baixo para cima (Santos, 2015), dessincronizado do processo global, atua com grande força moral em benefício a realidades autênticas, as quais desfrutam das técnicas do tempo presente, a favor de seus projetos ideológicos que, segundo o Santos (2015), vê-se como possibilidade de “um mundo novo”.

Essas são ações que resultam na ampliação de discussões mais complexas sobre novas interpretações e compreensões sobre a esfera pública e sobre o potencial da sociabilidade no qual, por exemplo, o ser humano amplia sua capacidade de percepção intersubjetiva, deixando a *passividade* imposta pelo sistema (LEOPOLDO E SILVA, 2008), para o viver *ativo* no espaço urbano público, impulsionando ainda mais uma essencial busca pela participação do cidadão ao construir a cidades e praticar escolhas e direitos de *estar*. São novas formas de ler a cidade, de entender seus significados e desenhar sentidos contínuos para o futuro. Assim, Milton Santos descreve o que se coloca como resultante entre a totalidade apreendida em diálogo com a cultura de baixo, nesse contexto global/universal atual:

“Em nosso ponto de vista, um caminho seria partir da totalidade concreta como ela se apresenta neste período de globalização - uma totalidade empírica - para examinar as relações efetivas entre a Totalidade-Mundo e os Lugares. Isso equivale a revisitar o movimento do universal para o particular e vice-versa, reexaminando, sob esse ângulo, o papel dos eventos [...]” (SANTOS, 2006, p.73)

Ação e ocupação da/na cidade contemporânea

Nos últimos tempos, valores e significados são apropriados pelas ações de marketing e construção de imagens idealizadas, e assim metamorfoseando ou resignificando, banalizando-os muitas vezes e transformando-os em conceitos vazios - essa é uma das condições esquizofrênicas dos impulsos globais, determinados pela lógica do capital e do mercado. O sentido de sustentabilidade, por exemplo, passou por esse processo o qual fez fragilizar ações e diretrizes, colocando sob uma nova perspectiva discussões sobre ecologia urbana. Passa-se por um momento de crítica e “reconstrução” da compreensão e definição sobre sustentabilidade, direito a cidade, política de

desenvolvimento, entre outros. Há diversos caminhos para um mundo aberto de possibilidades, onde se predomina a fragmentação e é possível perceber uma sustentabilidade praticada pelas ações de maior força, as quais agem de forma contraditória em grande parte dos casos. Mas essa realidade confirma que esse deve ser tratado como um fenômeno complexo, coerente e referente ao mundo atual, o qual envolve características e realidades entre as diversas dimensões tratadas até aqui.

No caminho para a consciência do presente, compreendemos que há, então, um “jogo das inter-retroações” (NAIR; MORIN, 1997), o qual revela a complexidade dos antagonismos em movimento, reflexo das *diversidades dos mundos* patologicamente condicionadas, assim como das técnicas, das ciências, do ser humano e da natureza, todos coexistindo e inter-relacionando. É agravante, portanto, essa fragmentação citada até aqui, e assim a fragilidade da política e a burocracia em que o ser humano está submetido nos processos de mundialização imperante na sociedade contemporânea. Sua urgência está na humanidade, que se apresenta também fragmentada, e a crise se apresenta “na humanidade ainda incapaz de se cumprir como humanidade” (NAIR; MORIN, 1997). As diferenças ainda são os motivos das distâncias construídas *materialmente e imaterialmente*, refletindo em uma nebulosidade sobre as diversas ações de caráter coletivo de uma sociedade consciente dos seus sentidos de vida. A seguir, a partir de Ribeiro (2005), se complementa essa linha do pensamento:

“Há uma crise de valores que acompanha a atual modernidade, incapaz de garantir o consenso em torno da distinção entre necessidades legítimas e ilegítimas. Os códigos do consumismo, a oferta personalizada entre bens e serviços e, ainda, o estímulo a competitividade, ameaça o compartilhamento de valores.” (RIBEIRO, 2005, p.62)

Algumas ações que compartilham necessidades legítimas, dadas pela afloração do *sentido de vida* e da busca por outras lógicas de desenvolvimento, estão sinteticamente descritas a seguir e contribuem para lermos como narrativas sobre ação na cidade contemporânea; essas dão diversos indícios

sobre o que se entende hoje como *urbanidade*, se tratam de alguns dos principais movimentos sociais pelo mundo a fora, de três exemplos em distintas localidades e lógicas político-administrativas (na Europa, na América do Norte e na América do Sul), que vão de encontro às lógicas imperantes, onde os cidadãos se unem – ainda que divididas em duas, às vezes mais partes, pelos ideais em que acreditam. Movimentos de *força coletiva* desfrutam do uso da tecnologia em rede para impulsionar discussões de caráter político, nos quais a *diversidade de mundos* manifesta sua força nas ruas de todo o mundo.

Primavera Árabe

Foi um movimento de ruptura institucional da população predominante do Oriente Médio e do Norte da África, em um dos momentos de maior urgência da humanidade de suas histórias, em busca de maior dignidade, objetivando reformas políticas. Pode-se dizer que começou em 2010, mas ganhou força em 2011, quando os países vizinhos, com problemas sociais e econômicos de diferentes caracteres, acabaram por superar algumas de suas diferenças e particularidades históricas, unidos e interessados por outra governabilidade. Reivindicavam, principalmente, questões sobre violência, corrupção, políticas opressivas, a crise econômica e a falta de liberdade sobre seus direitos civis. Há uma grande complexidade sobre esse movimento, por contextualizar condições de conflitos internos e os diversos ideários seculares, imperante entre esses países vizinhos. Ainda assim, tomou magnitude virtualizada pela internet e assim foram derrubados alguns ditadores.

Curiosamente, esse momento de ação dos seres dessa região foi nomeado assim referenciando movimentos contra as reformas políticas em 1968, que ficou conhecida como “Primavera de Praga”, com um caráter similar à atual. Pode-se dizer que, pela realidade em que se apresentam esses territórios, seu principal valor foi deixar a passividade condicionada até então e atuarem como seres ativos, condição mais coerentes aos seres humanos habitando o mundo contemporâneo, em busca de outras racionalidades colocadas em contraposição à submissão às maneiras tendenciosas ao longo de seus tempos.



Figura 10. A Tunísia, o Egípto, a Líbia, o Iémen, e a Síria: "Primavera Árabe"
(Fonte: REUTERS/Mohamed al-Sayaghi)



Figura 11. Primavera Árabe.
(Fonte: pugnareblog.wordpress.com/2014/09/14/a-primavera-arabe/)

Occupy Wall Street

Esse movimento foi impulsionado em resposta à crise financeira, no qual reivindicam a desigualdade e a qualidade de vida nos últimos tempos, impulsionadas também pelo capitalismo, que coloca os interesses das corporações sobre as necessidades da humanidade. O protesto iniciou em 2011, com uma tenda erguida no Parque Zuccotti, em Nova Iorque, e acabou se espalhando por outras cidades norte-americanas. Há uma diversidade de pessoas envolvidas e que se caracterizam por um movimento de resistência coletiva, sem liderança, sem fins lucrativos e apartidário. Ainda hoje ativo, o OWS busca “inspirar pessoas a transformarem a web em uma rede que enche as ruas” (OCCUPYWALLSTREET.NET, 2016); organizam assembleias gerais com a intenção da participação coletiva dos seres cidadãos sobre a compreensão e debate da complexa sociedade e as possibilidades de participarem diretamente nas decisões de planejamento e desenvolvimento, unindo interesses e intenções dos cidadãos, exercendo seus direitos civis. Seguem, a seguir, algumas das frases em cartazes na rua, as quais narram especificamente a percepção e a luta dos seres sobre os fatos da cidade contemporânea, o grito por urbanidade que ganha força coletiva.



Figura 12. Occupy Wall Street, 2011.
(Fonte: en.wikipedia.org/wiki/Occupy_Homes)



Figura 13. Occupy Wall Street | Atenção: não confunda a complexidade desse movimento com caos.

(Fonte: beforeitsnews.com/opinion-conservative)

Esse espaço foi ocupado!

A revolução começa em casa!

Eu amo a humanidade, vamos descobrir essa \$%#@& juntos!

OWS por um mundo melhor!

Esse distrito financeiro é responsável pela maior parte da
pobreza e do sofrimento desse planeta!

Direito para as pessoas e não para as corporações!

Eu sou um humano não acomodado!

O mundo é suficiente para a necessidade de todos, mas não o
suficiente para a ganância de todos!

Nós somos 99%! Somos muito grandes para falhar!

Você pode dizer que eu sou um sonhador, mas eu não sou o
único!

Luta por uma revolução política!

A única solução é a revolução mundial!

O mundo melhor é possível!



Figura 15. Jornadas de Junho, 2013.
(Fonte: ebc.com.br/cidadania)

Salvar o planeta ou nos salvar? O sentido da *diversidade dos mundos* em busca de reconectar o engenho humano e a natureza

Há possíveis discórdias quando o ser humano é colocado como centro de análises e intenções prioritárias, ao invés de a natureza estar nesse papel, colocando o egocentrismo do ser humano no questionamento de “salvar o planeta, ou nos salvar?”; mas o que se parece contraditório em análises antropocêntricas se declara como uma possível resposta a caminho de outro raciocínio, distinto das lógicas que imperam ainda no processo de desenvolvimento num sentido humano de evolução: “reintroduzir o humano no planeta é reintroduzi-lo também na vida de que ele saiu, de que ele faz parte, que o nutre, e é dada a relação de autonomia/dependência homem/natureza” (NAIR; MORIN, 1997). Ainda, soma-se a uma dimensão inteligente, dada ao ser humano, o qual tem o “poder da técnica e do intelecto”, que o permite intervir no mundo de amplas formas positivas, a partir de outro raciocínio possível.

Esse outro raciocínio pode tomar diversos caminhos entre os positivos possíveis, o qual, entre eles, se apresenta nos estudos de Milton Santos como “uma outra globalização possível”, a qual seja fundada nas realidades presentes, ou seja, no entorno geográfico e social, a partir da conexão do

“engenho humano e da natureza”, em busca de densificar os diversos contextos ao emergir-se a partir de sua essência real, portanto, a partir de seus significados sobre herança, memória, sentimento, entre os inúmeros elementos definidos ao longo desse estudo.

Esses caminhos apresentados anteriormente essencialmente se estruturam, como pode ter sido percebido, no valor de compor a cidade e as sociabilidades a partir da *diversidade dos mundos*. Esse foi citado parcialmente ao longo deste capítulo, de forma a dar pistas sobre seu significado e sentido; se constitui por dimensões *intengíveis*, dialogando com diversas esferas como a cultura, o projeto social, temporalidades herdadas, lógicas materializadas em espacialidades enfim, entre sua composição complexa, se apresenta como expressivo o valor da convivência - não violenta - e, portanto, *solidária* das diversas lógicas presentes na sociedade. Acredita-se aqui que a violência é gerada pela negação da convivência, pela arrogância de organizar e racionalizar de forma extrema e exclusiva dos espaços, e assim as sociabilidades, e a recusa de ressignificar os sentidos passados para a composição – ainda que parcial - do presente.

A *gênese da diversidade dos mundos* se apresenta na dimensão da complexidade capaz de ser alcançada pela *solidariedade*. Essa pode proporcionar a saúde psíquica-emocional dos seres – urgência manifestada sobre as *medianeras*; a experiência com o *outro*, portanto a *intersubjetividade* constituindo, continuamente, a identidade e, assim, as diversas relações materializadas espacialmente e temporalmente; a heterogeneidade, rica em sentidos e significados, resultante das *infiltrações* entre a diversidade das ações cotidianas; entre uma complexa trama social e cultural a ser desvendada a partir de práticas como essas fundadas em uma busca mais humana de evolução, frente ao desenvolvimento das cidades.

Assim, vê-se o futuro dos seres como algo a ser constituído a partir de esferas, as quais não são necessariamente visíveis materialmente, mas capazes de refletirem em materialidades que podem iluminar *sentidos futuros*; uma *continuidade* em que a imensidão dentre as realidades deve ser buscada no desfrute no presente, agregando valor nas transformações e nas relações entre os seres e os espaços citadinos.

CAPÍTULO 2

Referenciando à *polis grega*, onde o homem atua como ser político, há uma discussão de grande importância nos tempos de hoje, realidade tomada pela transformação das relações do/no homem do/no espaço público. Identifica-se na paisagem, espaços escolhidos pelo homem, na consciência de conduzir suas diversas formas de atuação no espaço urbano. Características geomorfológicas, projetos sociais, formas construídas e as diversas espacialidades e temporalidades em convivência, são potencializadores para a dinâmica de apropriação presente no espaço público hoje e compositoras de *cultura urbana*. Assim a Avenida Paulista apresenta um *patchwork* de narrativas, que contribuí para a compreensão de condicionantes entre o que se entende como a relação entre *espaço existencial* como qualitativo de *membranas sociais* e a *tipologia espacial* como qualitativo de *membranas físicas*; **geografias e geografizar espaço-temporal**.

Poros e membranas

ÁPORO

Um inseto cava
cava sem alarme
perfurando a terra
sem achar escape.

Que fazer, exausto,
em país bloqueado,
enlace de noite
raiz e minério?

Eis que o labirinto
(oh razão, mistério)
presto se desata:

em verde, sozinha,
antieclidiana,
uma orquídea forma-se.

(ANDRADE, Carlos Drummond. *In: A Rosa do Povo*. 1945)

Carlos Drummond de Andrade poetizou um momento em que o Brasil se encontrava no auge de uma ditadura sob o governo de Getúlio Vargas, portanto, tratava-se do contexto de um país *fechado* sobre muitas questões. Para a descrição desse contexto, ele o desenvolve combinando os três significados da palavra *áporo*, da seguinte forma: difícil ou impossibilidade de passagem, uma questão difícil de resolver, espécie de inseto (*himenóptero*), e um gênero de plantas orquídeas.

O reconhecido valor desse poema trouxe, por diversos estudiosos, interpretações sobre as analogias feitas pelo poeta, possibilitando esclarecer seu conteúdo: o inseto, representando os seres humanos (bem como, o poeta), em luta, oprimido e passivo, em busca de sua libertação, contextualizado e condicionado em um ambiente sem saída (e sem perspectivas) - bloqueado, em sua interioridade. Em meio à racionalidade do momento histórico - contexto espacial de opressão em que vivia o poeta -, ele faz referência ao teórico do espaço imutável e simétrico Euclides de Alexandria, quando aponta o nascimento da orquídea, orquídea antieuclediana, simbolizando a transformação dos obstáculos em *esperança*, como um “fenômeno que quebra a lógica e, automaticamente, a abertura para o novo” (PISAURO, 2011).

Áporo, portanto, apresenta-se como a antítese do conceito de *poro*, dos quais aqui interessa desvendar os valores. O primeiro trata-se de impossibilidade de *ação*, de *ser*, e, portanto, da restrição de perspectivas, respostas, trocas e assim determinadas condições de *experiências*. O segundo significa a possível passagem, a qual pode ser interpretada aqui como a “esperança”, a abertura de possibilidades, de vida e de ampliar a condição de *ser* e *estar* no mundo. Nessa linha de reflexão, vale ser feita uma direta associação com o discurso de Martín, personagem de *Medianeras*, narrativa analisada no primeiro capítulo, quando ele se percebe fraco e passivo no contexto citadino, ao observar a força e a vitalidade da natureza das plantas que nascem entre as fendas dos concretos por toda a cidade; essa fenda representa um *poro* que possibilitou a *vida* como *organicidade* da natureza.

Este fenômeno é essencialmente possibilitado pela *permeabilidade*. Nesse sentido, podem-se referenciar as teorias de Bernardo Secchi (VALVA, 2011) sobre pensar e projetar a cidade, em busca de sempre procurar manter

relações *osmóticas* com os presentes contextos. Essa permeabilidade produz uma resistência que hora permite, hora restringe as trocas e não se apresenta necessariamente como uma forma *aberta* em sua *totalidade* – ou como um vazio -, mas é caracterizada em oposição a um *sistema fechado* e inerte. Segundo Sennett (2014), os *sistemas* permeáveis, considerados também como *sistemas abertos*, são característicos de espaços permeáveis e ocorrem tanto de forma espontânea quanto planejada nos contextos urbanos.

Como exemplo, podemos citar a dinâmica da permeabilidade na Geologia, em que as compressões no solo relativizam os espaços condicionados pelos tamanhos dos poros, mudando as porcentagens de permeabilidade e fornecendo assim as diversas formas e composições orgânicas. A porosidade é importante no dinamismo das diversas e possíveis interações nesse sistema, em que, em diversas situações biológicas, aparecem as *membranas*, cuja função é produzir permeabilidade e, portanto, gerar e controlar trocas orgânicas. A função das *membranas* é essencial para a dinâmica desse sistema, pois é o elemento que dinamiza as diversas e possíveis interações. Pensando os *seres* como *seres* biológicos e seu diálogo com as geografias em que vivem, *membranas* contribuem para tal controle, o que permite separar, interagir, obstruir, dois (ou mais) espaços-tempos fazendo seleções sobre certas circunstâncias ou bloqueando/limitando outras.

Relacionando esse sistema para o contexto espacial, manifesta-se a partir interação, controle e/ou diálogo sobre o meio, pode ser físico ou não; é ditado por condições de *liminaridades* (ARANTES, 1994), os quais são relativizados com controles simbólicos, podendo compor situações e momentos *ativos* ou não, condicionados por uma complexa dinâmica entre materialidades e imaterialidades. Aqui se busca compreender concretamente o seu sentido e, de forma mais clara, seu valor no contexto urbano abordado por alguns estudiosos a partir de análises pontuais.

Essa análise contribui para o entendimento do que Sennett (2014) chama de compor a cidade por *limites/paredes* ou *bordas/membranas*, como formas de construir *sistemas fechado* e/ou *aberto*, em seus estudos denominados *The Open City* (2014). O habitat urbano é fragmentado por fluxos de tráfego, pelas zonas de funções, usos e planos sobre as esferas do

trabalho, comércio, habitação, enfim, distinção entre os espaços que hoje se apresentam dirigidos por diferenças de classes, direitos e características cotidianas de diversas formas. Essas imperam sobre as formas *tipológicas* na produção da forma urbana cada vez mais fechada para dentro do lote, do espaço edificado, de muros, morfologias que bloqueiam inter-relações e anula as possibilidades *intersubjetivas*. Assim, ao longo desse estudo, devemos perceber o potencial do conceito de *membrana*, como elemento que possibilita pensar as transformações, desenhos e seus reflexos na cidade.

“Desta forma, o crescimento em uma cidade aberta é uma questão de evolução, em vez de apagamento” (SENNETT, *The Open City*). É dessa maneira que o sociólogo se refere ao valor da dialética entre passado e presente, momento em que o valor da memória e suas diversas camadas espaços-temporais se apresentam como condicionantes para compor os novos e futuros caminhos, produzindo reflexão sobre a paisagem que se apresenta e a consequente ressignificação de suas materialidades. Possivelmente assim, proporciona-se uma produção mais “crítica” no momento de organização formal, de compatibilidade aproximada do que se entende por urbanidade como qualidade e intensificação da *experiência* no espaço urbano.

Essas analogias e metáforas, como nas narrativas de *Medianeras* (2011), contribuem para alimentar a compreensão do conceito de *porosidade urbana* que é central na discussão desse estudo. Busca-se uma reflexão sobre a porosidade na cidade contemporânea, em que, a partir das teorias levantadas até aqui, é possível interpretar duas vertentes, as quais na realidade são coexistentes: a *permeabilidade física* e a *permeabilidade social*, desenvolvidas a seguir. Deve-se perceber que são conceitos que propiciam a leitura e a reflexão sobre diversos contextos espaciais, urbanos ou não, assim como sobre diversos tempos. Para uma abordagem que seguirá a leitura da cidade, possibilita-se ler e pensar sobre a condição urbana junto às esferas que potencializam a sociabilidade e a interação dos seres humanos hoje.

Espaço existencial: geografizar e permeabilidades sociais

Aqui, o *espaço existencial* é identificado pela trama tecida entre o *espaço vivido* (conceito desenvolvido no capítulo um) e as múltiplas narrativas da *espontaneidade existencial*, somadas aos sentidos de *ser* e *estar* que procuram manter o valor das relações herdadas temporalmente e espacialmente. Sempre em movimento, portanto não linear, se apresenta como impulso para a composição de um presente repleto de possibilidades e um futuro rico de sentidos. O *espaço existencial* é dinamizado pelo momento histórico no qual se insere o cotidiano dos seres, as técnicas, as atividades diárias, as artes de sobrevivência, dialogando com as relações cíclicas entre herança, a memória e experiências significativas dos seres, geralmente tecidas de forma coletiva. Pode-se dizer, então, que se trata do atrito entre *ser* e *estar* ao longo dos tempos construindo materialidades existenciais.

Nessa busca de ressignificar o espaço da cidade como habitat dos seres que nele habitam, composto prioritariamente pelos *fenômenos existenciais* que transitam entre as densidades socioculturais e suas dimensões práticas espaços-temporais, compõem mais uma das relações cíclicas que é responsável pelos processos que passam pelo *eu contextualizado = corpo + ser*, identificados pelo *enraizamento* e a *identidade*. Apresentam-se a partir de um quadro de ações legítimas e autênticas, compiladas entre os universos do simbólico e do sentido; esse espaço é entendido como um território da *continuidade da experiência*, onde é revelada a *vida presente*.

Nessa interação, apresentam-se antagonias, tanto de caracteres hostis, quanto sadios, como realidades coexistentes na dinâmica urbana contemporânea. As divergências e conflitos impulsionam essa dinâmica, não necessariamente violenta, pois também é possível gerar trocas positivas recíprocas. Ainda essas interações estão sujeitas ao envolvimento, em diálogo com a *diversidade dos mundos*, que, neste momento de análise, se apresenta análogo ao *geografizar* (SANTOS, 2006), possibilitando *permeabilidades sociais* no cotidiano das cidades. Ribeiro (2005) complementa esta linha do pensamento:

“A compreensão das circunstâncias da ação humana pressupõe a observação de contextos e a cuidadosa escuta

das falas que substituem, para o ‘homem-lento’ os discursos daqueles que penetram, com facilidade, o espaço público.” (RIBEIRO, 2005, p.462)

A *existencialidade* é dada pelos sentidos libertários e resistentes que constituem a integridade moral, intelectual e também cultural dos *seres*. Esse *ser* - referenciado como “homem lento” por Ribeiro a partir de sua afinidade com os estudos de Milton Santos - indica a territorialização de um *humanismo concreto* (RIBEIRO, 2005) e, nesse sentido, apresenta-se por uma esfera tratada a partir de manifestações ideológicas, com velocidades capazes de reconhecer e sustentar o fenômeno do *enraizamento*. Essas dinâmicas opostas às abstrações normativas e artificialidades padronizantes dos impulsos ditados pelo capital e seus diversos reflexos globais que interferem no processo, de fato, são capazes de alcançar a *real liberdade do ser*.

Essa liberdade, entendida a partir da filosofia *existencialista*, dá-se a partir da efetividade de escolhas e projetos do sujeito; Leopoldo e Silva (2012) faz referência ao fenômeno da liberdade total (*do ser*) por meio do sentido de *subjetividade*. O filósofo diz que tal manifestação seria impossível em sua integridade, pois, na medida em que o sujeito se aproxima do *outro*, perde essa liberdade integral e, por isso, tornam-se um fato as ações serem manifestadas por *intersubjetividade* – essa deve ser dirigida pela *articulação*, colocada por ele da seguinte forma: “preservando aquilo que faz com que algo seja ele mesmo, encontrar, todavia, o modo de apreendê-lo como outro, de maneira que o lugar da diferença não faça desaparecer a identidade” (LEOPOLDO E SILVA, 2012). E assim o processo de enraizamento, que mantém em diálogo contínuo a constituição do *ser*, é gerado da seguinte forma:

“Como somos o que fazemos de nós mesmos, ou o que fazemos com o que fazem de nós, cada determinação que assumimos, cada definição que damos de nós mesmos, é relativa ao tempo e à situação vivida: a situação pode mudar, assim como as significações que atribuímos aos fatos e as pessoas que constituem nossa experiência.” (LEOPOLDO E SILVA, 2012, p.27)

O processo de *enraizar* é central para compreender o *espaço existencial*. Visto a importância de manter a permeabilidade e, portanto, uma

relação de continuidade com os possíveis contextos, esse processo baseia-se, nas lógicas herdadas e estrutura os movimentos e ações nos tempos em que virão. Trata-se da busca por um *diálogo aberto*, cíclico, *contínuo*, em oposição ao ser comparada à linha defendida pelos preservacionistas, voltados às políticas de gestão do patrimônio histórico, os quais mantêm os fatos intactos, *fechados* sobre um recorte pré-determinado de valor, dentro de condições espaços-temporais engessadas. Pelo contrário, defende-se uma lógica sobre a manutenção da *organicidade* dos seres e seus processos de territorialização, necessariamente a partir de suas *vontades de ser no mundo*; por isso, então, também com sua cíclica relação com a *identidade*.

Ao buscar dentro da Botânica a compreensão do sentido do enraizamento, deve-se entendê-lo como a ligação com a terra objetivando aflorar-se. Composto pelas camadas orgânicas, a vegetação se desenvolve e se comporta por sua natureza e sua capacidade de *adaptar-se* (condição do *movimento*) ao meio em que se insere, sempre estruturado pelo seu sistema de raízes. Constituir raízes representa o profundo entranhamento (*ações/relações existenciais*), como uma consolidação que se organiza na capacidade de transportar/comunicar, durante o processo de seu desenvolvimento, toda a complexidade orgânica necessária para sua *vida*.

Desconsiderando apenas o sentido de poder de fixar-se dos elementos vegetais no meio em que se insere, delimitando sua capacidade sobre o *movimento horizontal*, completa-se esse valor com os impulsos capazes de agir verticalmente: coloca-os, *corpo* e o *ser* no espaço, em condições dialéticas entre o interno e o externo, entre o íntimo e o exposto, enfim, entre o que constitui o organismo e o estrutura materialmente junto ao meio em que se insere e as condições em que se coloca exposto. Assim, virtualiza-se, como define o sociólogo e crítico literário Antônio Candido, o tempo (e as dinâmicas espaços-temporais), se apresentando como *tecido das vidas*.

Tipologia espacial: geografia e permeabilidades físicas

No intuito de apreender o processo projetual e de leituras do espaço, como possibilidade de realizar pesquisas e desenvolver métodos a partir da

composição de desenhos e territórios urbanos, acredita-se aqui no valor de explorar *modelos* categorizados como *tipologia espacial*. Essas categorias se apresentam como possibilidades de transmitir informações e soluções *morfológicas* de forma similar ao que se estuda dentro da Teoria da Arquitetura em estudos *tipológicos* – do espaço edificado, da própria edificação. Na busca de processos de leitura e composição teórica do Urbanismo, comparam-se e relacionam-se variedades de soluções já desenvolvidas ao longo da história do pensamento urbanístico, superando o valor do desenho como ato técnico.

Ao entendimento de que o *modelo* pode ser algo reproduzível em suas interpretações formais e geométricas capazes de arquitetar intenções e programas, somam-se os valores sensíveis dirigidos pelo *corpo* e pelo *ser* no espaço que estruturam o que aqui se determina como *tipologia espacial*. Entende-se como a possibilidade de compartilhar estudos sensíveis entre as teorias e as práticas do desenho: “os modelos de arquitetura constituem esquemas frequentemente subconscientes ou implícitos a partir dos quais ocorre uma concretização” (PENERAI *et al.* 2013); *tipologias espaciais* estruturam e configuram o espaço e, no contexto urbano, são condicionadas por suas diversas épocas, sobre questões particulares de desenvolvimento industrial e tecnológico e reflexos de demandas, como habitação, saúde e, sobretudo, hoje, predominâncias de caráter econômico e mercadológico.

Alguns estudiosos como Gordon Cullen, Kevin Lynch, Penerai, Yi-Fu Tuan, Jean Ghel, Carlos Nelson Ferreira dos Santos, Hector Vigliecca, entre muitos outros, dão luz a apreensões nessa linha do pensamento, assim como os atentos estudiosos que procuraram explorar análises espaciais para fomentar o pensamento sobre as diversas e ilimitadas composições possíveis. Essa abordagem de análise se declara ampla em relação à complexidade de suas variantes ao apreender casos específicos de *tipos espaciais*, para que, efetivamente, possam contribuir com densas análises qualitativas, se apresentando sempre sob uma forma processual.

Acrescenta-se, nessa linha de pensamento, a possibilidade de ler os sentidos do *ser* e *estar* no espaço público nos últimos tempos a partir da *porosidade urbana*. O *tipo espacial* apresenta a capacidade de ser idealizado, pensado, projetado, produzido e reproduzido. Ainda, soma-se a isso, a grande

importância em contextualizar as leituras intencionadas pelos diversos agentes, atuando num determinado contexto urbano, em relação ao espaço e ao tempo em que esses estão condicionados, e, assim, voltam seus olhares, como por exemplo, aos interesses econômicos, culturais e sociais que os conduzem.

Considerando a realidade contemporânea que foi descrita no capítulo um, hoje se reproduzem, no espaço urbano, os padrões *socioespaciais* sobre as diversas *inércias globais* e, ainda, as diversas lógicas que se constituem há muitas décadas em todo mundo, como exemplo, a cultura dos condomínios fechados e as diversas composições de *medianeras* por todo o espaço urbano. Nessas, identificam-se alguns *tipos espaciais* que compõem o cotidiano contemporâneo. Valoriza-se aqui - mesmo que a partir de uma abordagem síntese - a possibilidade de leitura, de compreensão e de processos de desenho e projeto do espaço urbano. Essa rigidez, que se compõe a trama urbana, se apresenta esquizofrenicamente sobre o reflexo da força do capital, em que a lógica é descrita por Santos a partir do raciocínio a seguir:

“Fala-se muito em flexibilidade e flexibilização como aspectos maiores da produção e do trabalho atuais, mas o que se dá, na verdade, é a ampliação da demanda de rigidez. Pode-se, mesmo, dizer, sem risco de produzir um paradoxo, que a fluidez somente se alcança através da produção de mais capital fixo, isto é, mais rigidez.” (SANTOS, 2006, p.169)

Na urgência de superar essa lógica apresentada por Santos e conduzir ao processo de construção de uma cidade mais maleável/flexível, apresenta-se a composição de uma *tipologia espacial* categorizada por *poros físicos e geográficos* como partido para a consolidação e transformação do espaço urbano. Essas composições fazem parte do dia a dia de todos aqueles que se envolvem com a ciência da leitura do espaço do homem, em transformação, constituição e contextos tais como geógrafos, arquitetos e urbanistas, sociólogos, arqueólogos, entre outros.

Tal leitura parte do que se apresenta aos olhos. Esse é um processo de desvendar o que se vê a partir da *rugosidade* da paisagem. Milton Santos, entre outros estudiosos, usa esse conceito para descrever as texturas e camadas possíveis de serem apreendidas na *arqueologia da cidade*: realidades

de sítios, as águas, topografias, localizações cardeais, as quais organizam e estruturam o caráter físico, compondo *espacialidades*, lidas também através da paisagem urbana, geralmente modificada ou apresentada como barreiras e/ou condições que o ser humano *geografizou* (SANTOS, 2006) nos espaços (trilhos de trem, vias, pontes, conexões/distâncias, centros/periferias, praças, bulevares, marcos históricos, de crenças e de projetos sociais, entre diversos outros).

Para esclarecer, visualiza-se um mosteiro medieval como um exemplo prático do que se está apresentando: trata-se de um *tipo arquitetônico*, estudado dentro da *tipologia de mosteiros*, onde o *claustro* essencialmente determina a *espacialidade* de um pátio central. Entretanto, o pátio também pode ser categorizado para formar uma *tipologia espacial fenomenal*, com amplas possibilidades interpretativas de desenho e de desfrute, onde se constitui por composições de formas que o circundam, independentemente de suas formas construtivas e arquitetônicas. Ainda, ao privilegiar tal espacialidade, o pátio se apresenta como *forma aberta* a ser composta pela ordenação dos elementos que o envolvem e pela contenção (bordas, limites, fronteiras etc.) que são as determinações formais de seu entorno. O *tipo fenomenal*, portanto, se apresenta mesmo de forma alheia aos aspectos edilícios, desvinculado de estilo ou tempo histórico; enquanto o tipo arquitetônico surge a partir de um contexto e um modo de se fazer específicos que produzem determinadas soluções adequadas ao um determinado uso. Compara-se esse *tipo espacial*, por exemplo, a partir da *espacialidade* da “praça” da FAU-USP.



Figura 16. Pátio FAU-USP, arquitetura de Vilanova Artigas.
(Fonte: herancacultural.com.br)

A configuração por *espacialidade fenomenal* se apresenta sobre um diálogo entre *linguagem* e *significado*, ambos explorados prioritariamente sobre seu sentido de *comunicação*. Arquitetar espacialidades enriquece a possibilidade de transmitir valores com qualidades sensíveis baseadas em experiências de movimento, fluxo, tempos e temporalidades e se constituem na concretude da construção espacial e não material (embora não prescindam da edificação). Tal diálogo é compatível à elaboração do sentido de *lugar*: espaço *aberto* a ser significado pela *subjetividade/intersubjetividade* dos seres. Nos exemplos a seguir, é possível perceber essa dinâmica arquitetada no espaço pela composição de *espacialidades* dadas pelo sentido *existencial* recuperando o “constructo humano” de Tuan (2013), em que as espacialidades buscam materializar significados específicos na intenção de agregá-lo como experiências prático-sensíveis.



Figura 17. Compõem um *tipo espacial* de divisão simbólica onde se localizava o antigo muro de Berlim que dividia a Alemanha Oriental da Ocidental - tempos e contextos espacialmente constituídos na paisagem urbana. Pode ser referenciado diretamente como um marco, mas cria-se condições mais complexas sobre a paisagem, recompondo fluxos e visibilidades.
(Fonte: brasilpost.com.br)



Figura 18. Stonehenge – Compõem histórias de povoados Neolíticos nas Ilhas Britânicas – Acredita-se que foi um espaço para práticas religiosas. Espacialmente é possível identifica-lo a partir de diversos outros espaços sacros ao longo da história; assegura-se a demarcação do *lugar* como, por exemplo, vê-se em aldeias indígenas.
(Fonte: chacomleite.com)

Percebe-se então a força altamente superior dos *espaços existenciais* sobre as *tipologias espaciais*, ainda que relativizados pelo cíclico diálogo determinado por diversos caminhos geográficos e construídos. Identifica-se aqui como *porosidade*, a *associação de tipologias espaciais*, aos *espaços existenciais* que se emulsificam, resultando em determinada *tipologia urbana*.

Tipologia urbana: compondo a tipologia espacial por associação com o espaço existencial

Anteriormente, foi introduzida essa teoria dando alguns indícios de uma relação entre o que está se colocando como a geografia em diálogo com o *geografizar*. A priori, a composição das *tipologias espaciais* deve ser entendida como as diversas formas e possibilidades de *infiltrações* na paisagem – termo utilizado pelo arquiteto Hector Vigliecca, trata-se do processo *permeabilidade induzida* que parte desde a escala da geografia física do sítio - entendida como natureza ainda não tocada pelo homem - até o *geografizar do ser* - como *espacialidades* entendidas como formas particularidades de práticas temporais (SANTOS, 2006). Nessa lógica, indispensável para que sejam compreendidas, impera em seu caráter o fenômeno *movimento*. Esse último declara a condição de se manter em *metamorfose*, condicionada pelo tempo no espaço.

A *tipologia espacial* pode ser familiarizada com conceitos como de *parcialidade* (QUEIROGA, 2011), *lugar*, *espaços livres*, entre outros, pois é entendida a partir de determinadas composições e diálogos específicos, de *adição*, *soma* ou *metamorfose* entre *geografia física* e *geografia humana* (SANTOS, 2006). Entende-se que os conceitos referenciados fazem parte da natureza de *espaços existenciais*, e diferem, principalmente, por buscarem características e caracteres potencializadores no próprio *tipo espacial-fenomenal*, o qual se apresenta, entre as diversas características, um elemento que os condicionam.

As composições possíveis diante ao meio físico e geográfico podem constituir a partir de condicionantes dirigidas ou identificadas como organizadoras pela sua natureza e/ou caracteres como: eixos e linhas de

conexão entre espaços; interpretação de limites como marcos e hierarquias entre espaços; legibilidade sobre sua forma de distinção entre passagens e permanências, como controle de fluxos, de movimentos, massas e uso; declaram-se como uma busca de aberturas ou fechamentos de perspectivas de adição ou transformação, como em espaços verdes e/ou espaços áridos, entre diversas outras situações possíveis. Resultam em materializações ditadas prioritariamente por *espacialidades*, distintas da forma entendidas por geometrizações puras e matemáticas, mas capazes de somarem-se a elas no processo de composição formal.

Essas organizações podem ganhar densidade como *espaço existencial*, tomados por valores imateriais, geralmente não palpáveis e presentes no cotidiano dos seres, capazes de constituir valor de *lugar*; esse último potencializa a virtualidade de compor *culturas*. Portanto, esse processo em diálogo, descrito anteriormente, manifesta outra categorização, a de tipologia urbana; identifica-se, neste momento, uma aproximação do que se busca compreender, na presente pesquisa, como *porosidade urbana*: relação complexa a qual mantém o constante diálogo e inter-relação entre *tipologia espacial-fenomenal* e *espaço existencial*.

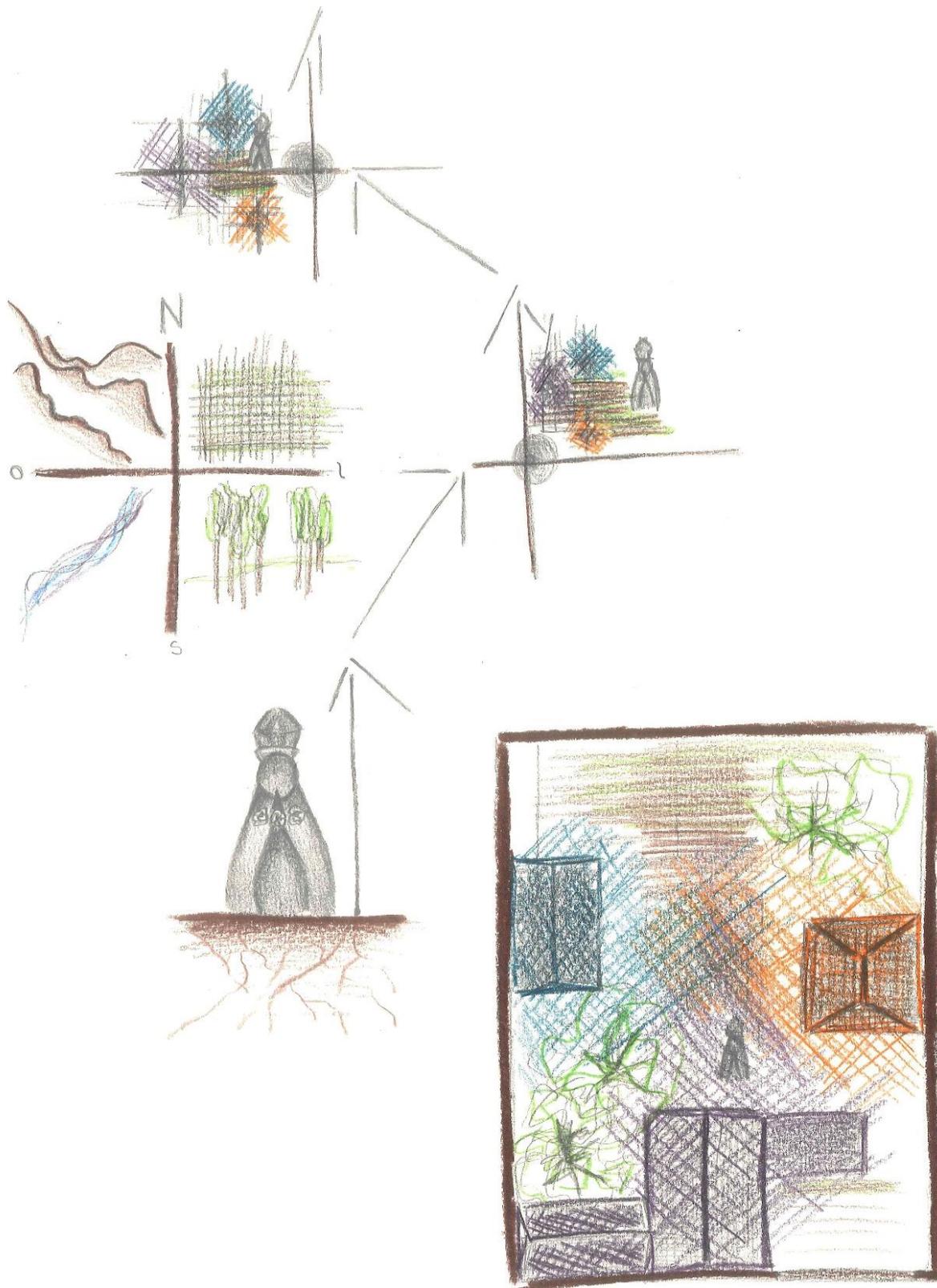


Figura 19. “[...] pudemos constatar práticas culturais como as hortas em fundos de quintais e em fundos de vale urbanos, organizações espaciais com aspectos rurais nos miolos de quadras, instalações típicas de roça entremeadas por criações de animais. Aspectos da paisagem rural adentram e perpassam a paisagem [...] conhecimento das condições de mobilidade e permanência, associado ao longo processo de delimitação das fronteiras e implantação de cidades, moldou este ser humano que vivia em pequenas unidades de subsistência. [...] certos símbolos são criados, oferecendo um esquema cognitivo para explicar não só sua própria existência, mas também as coisas ao seu redor.” (CORDOVA; VICTAL, 2016, p.82-86)

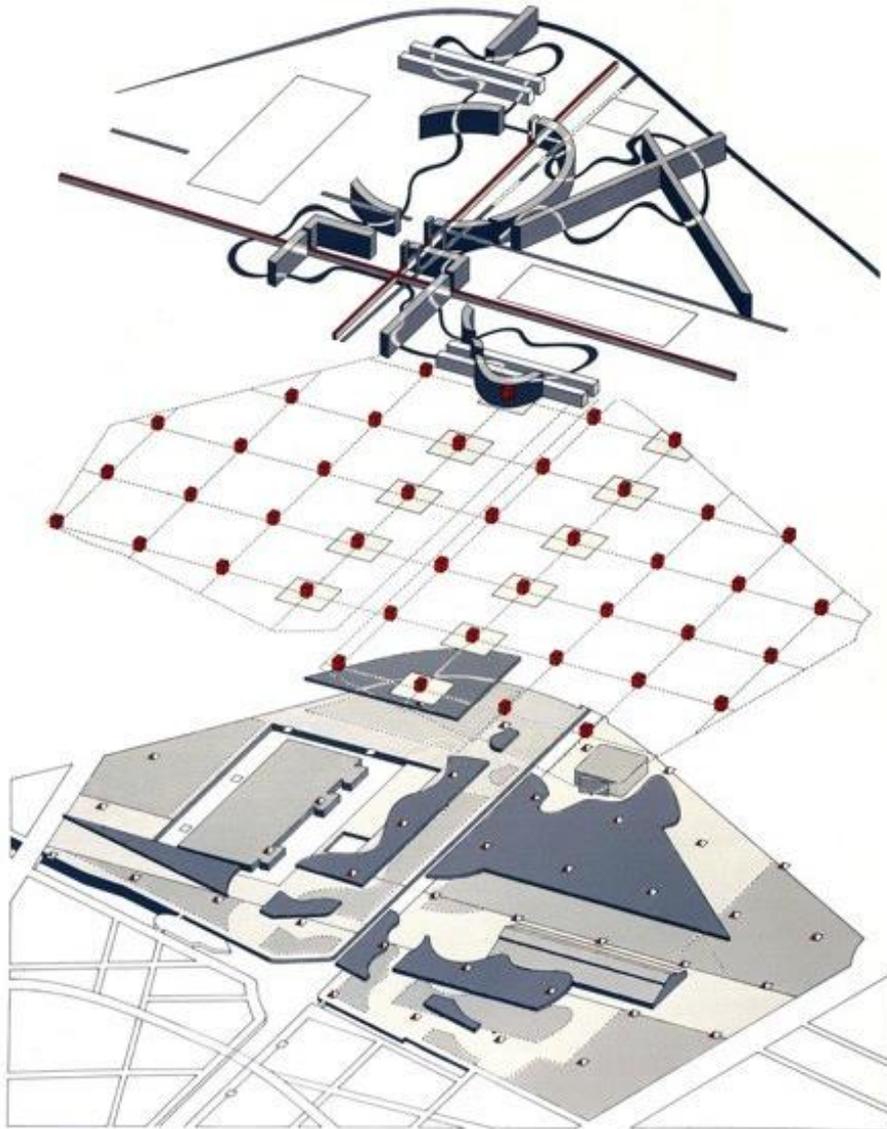


Figura 20. Estudo de linhas, pontos e planos - Parc de La Villette (França), do arquiteto e urbanista Bernard Tschumi.
(Fonte: archdaily.com.br)

O *patchwork* de narrativas da Avenida Paulista: uma costura de *retalhos* no espaço público urbano

Neste momento de análise, objetiva-se a apropriação da paisagem da Avenida Paulista, em São Paulo, como uma narrativa em que se apresenta capaz de ser identificada, a partir de seus diversos retalhos, a legibilidade de sua *porosidade*. Mantém-se nesse recorte a leitura do que se manifesta como *espaço existencial e tipologia espacial*, em suas diversas escalas e contextos. Vale interpretar esses retalhos como partes de um *todo* dinamizado pelas

lógicas próprias desse *lugar*, pelos *seres* que determinaram os *estares* ao longo dos tempos e hoje.

Uma paisagem de *comum* conhecimento, ditada por uma imagem mundial da qual foi disseminada sobre a forte ação dos *seres* nesse espaço ao longo de sua história - assim sua dinâmica apresenta de forma relativamente direta para preencher possíveis vazios sobre o entendido que se busca na presente pesquisa de *porosidade urbana*. Seguem-se os processos metodológicos já descritos, com a intenção de abordar de forma sintética alguns de seus momentos de *inflexão espaços-temporais*, com análise de algumas narrativas e uma pequena reflexão sobre *espaços, corpos e seres ativos* no presente espaço público contemporâneo. Um objeto, já estudado por diversas ciências, permite exercitar o olhar do pesquisador e do leitor para futuras análises que virão no capítulo três.

Indícios de uma dinâmica cultural urbana

Pode-se dizer que se trata de uma paisagem em que se caracteriza essencialmente pelo *movimento*, sendo essa característica possível de ser apreendida desde suas origens geográficas e suas diversas morfologias metamorfoseadas, sempre induzindo essa rua a diversas camadas *cenográficas* – relacionando esse amplo sentido de atingir a esfera do imaginário dos *seres*. Trata-se da composição de desenhos intencionalmente e diretamente conduzidos pelos ideários e lógicas sociais dos homens que tinham o poder em mãos para efetivá-los. Esse cenário, hoje, soma-se aos projetos sociais contemporâneos, os quais ganham grande complexidade sobre sua diversidade de ocupação e ações; são perceptíveis diversas *camadas espaços-temporais*, assim como o forte elemento da *velocidade* imperando em suas transformações.

Retoma-se a reflexão sobre a velocidade e, neste momento de análise, sua dinâmica é tratada de forma bastante específica, como será visto a seguir. Na Avenida Paulista, *velocidade* e *movimento* se mantêm em interação, mas podem ser abordadas por direções peculiares. No caso da primeira, é percebida pela diversidade de fluxos, assim como ressoa em seu entorno próximo; pelos meios de transporte, sendo que estão presentes três estações

de metrô e ainda se organizam os tráfegos da ciclovia, automóveis particulares, ônibus e as largas calçadas de pedestres; enfim, características condicionadas por legislações e temporalidades que impõem hierarquias sobre elementos que variam de escalas, como de semáforos, de comércios, limites de aceleração dos automóveis e assim também de transportes públicos e particularidades, como a virtualidade de um grande número de skatistas; ainda, esses relativizam constantes eventos que, quando ativos, acabam por ditarem seus ritmos próprios, colocando essa rua sob suas condições.

A questão do *ritmo* se trata de uma associação direta com o fenômeno *movimento* no seu sentido subjetivo; associam-se diversas temporalidades, consideradas a partir das transformações ao longo dos tempos, assim como as dinâmicas sociais presentes. Usos e ocupações, ora ditados ora ditadores, atingem dinâmicas da escala do interior do espaço edificado, como miolos de quadras, até sua paisagem apreendida como uma *totalidade* – a qual se apresenta responsável por compor uma *imagem*, de grande poder de *comunicação*, como um poder de *símbolo*. Um grande exemplo é a forças com que a mídia se apropria desse contexto, assim como esse espaço se apresenta dinamizado por ela. É possível perceber, pelas esferas temporais, suas distintas dinâmicas e os ritmos dados pelas associações entre a *velocidade* e o *movimento*, nos diferentes dias e horários, eventos.



Figura 21. Recorte da HQ de Luiz Gê sobre a Avenida Paulista, 1991.
(Fonte: quadrinhosnasarjeta.com)

Os trabalhos do cartunista Luiz Gê (1991) compõem o quadro de narrativas sobre a construção dessa paisagem e suas lógicas ainda contemporâneas, com tons críticos e diversas reflexões sobre as situações introduzidas anteriormente. Gê trabalha seus desenhos com textos didáticos, em uma linguagem bastante fiel e sofisticada para construir sua leitura sobre essa paisagem, e se apresentará, aqui, um recorte de sua HQ (revistas de quadrinhos em forma de arte as quais narram histórias).

A Paulista sugere diversos fragmentos com potenciais para esta análise – e ainda se somam ao fato de sua resultante ser uma rua de 2,5km -, onde permite adensar o sentido de questões que tratam de dimensões quantitativas e qualitativas do espaço público urbano; como exemplo concreto, diretrizes sobre *fachada ativa* e *fruição pública* a partir do último Plano Diretor Estratégico de São Paulo apresenta um quadro de lógicas em que as cidades são pensadas e planejadas e assim construídas. Esse, de grande valor para o contexto do município de São Paulo, se apresenta colocado da seguinte forma:

“[...] definidas estratégias para fomentar o uso misto no mesmo lote, especialmente a convivência do uso habitacional com outros usos, como serviços, comércio, institucional e serviços públicos, de modo a proporcionar a maximização e racionalidade da utilização dos serviços urbanos, especialmente o transporte público coletivo de passageiros. Tal proposta vai de encontro aos outros parâmetros urbanísticos propostos, como a fachada ativa e a fruição pública, que visam, na escala local, potencializar a vida urbana nos espaços e passeios públicos e, na escala urbana, equilibrar a oferta de habitação e emprego.” (PDE - PL 688/13)

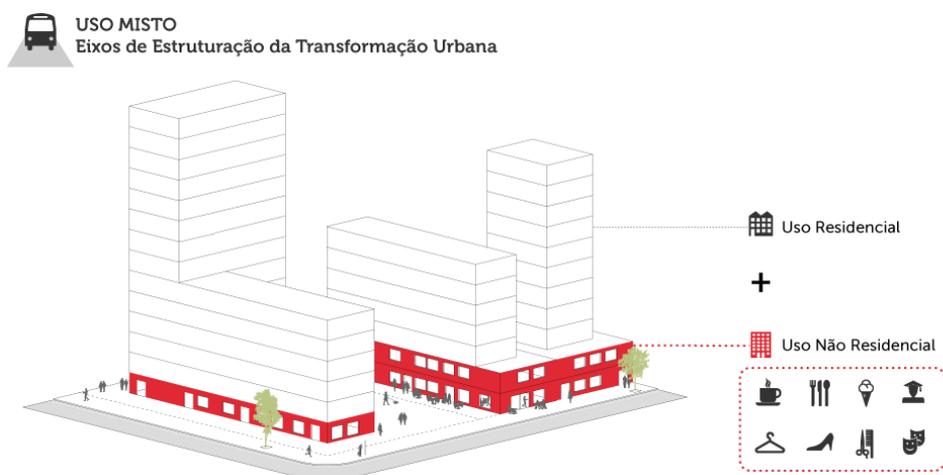


Figura 22. Desenho referente às diretrizes sobre fachada ativa do Plano Diretor Estratégico de São Paulo, 2013. (Fonte: PDE - PL 688/13)

Ferramentas como o Plano Diretor, sendo o da cidade de São Paulo entre os mais atualizados e debatidos nos últimos tempos (e possivelmente acabará refletindo e influenciando na produção das demais cidades), trata de algumas das questões analisadas sobre os caminhos da construção contemporânea para a cidade; são dados que partem de critérios sobre a implementação de empreendimentos imobiliários de uso misto e HIS em eixos de Estruturação de Transformação Urbana; beneficiando-os e incentivando áreas construídas não residenciais, são propostos no PDE-SP da seguinte forma: “não serão computadas na aplicação do coeficiente de aproveitamento até o limite de 20% do total da área construída” (PDE - PL 688/13).

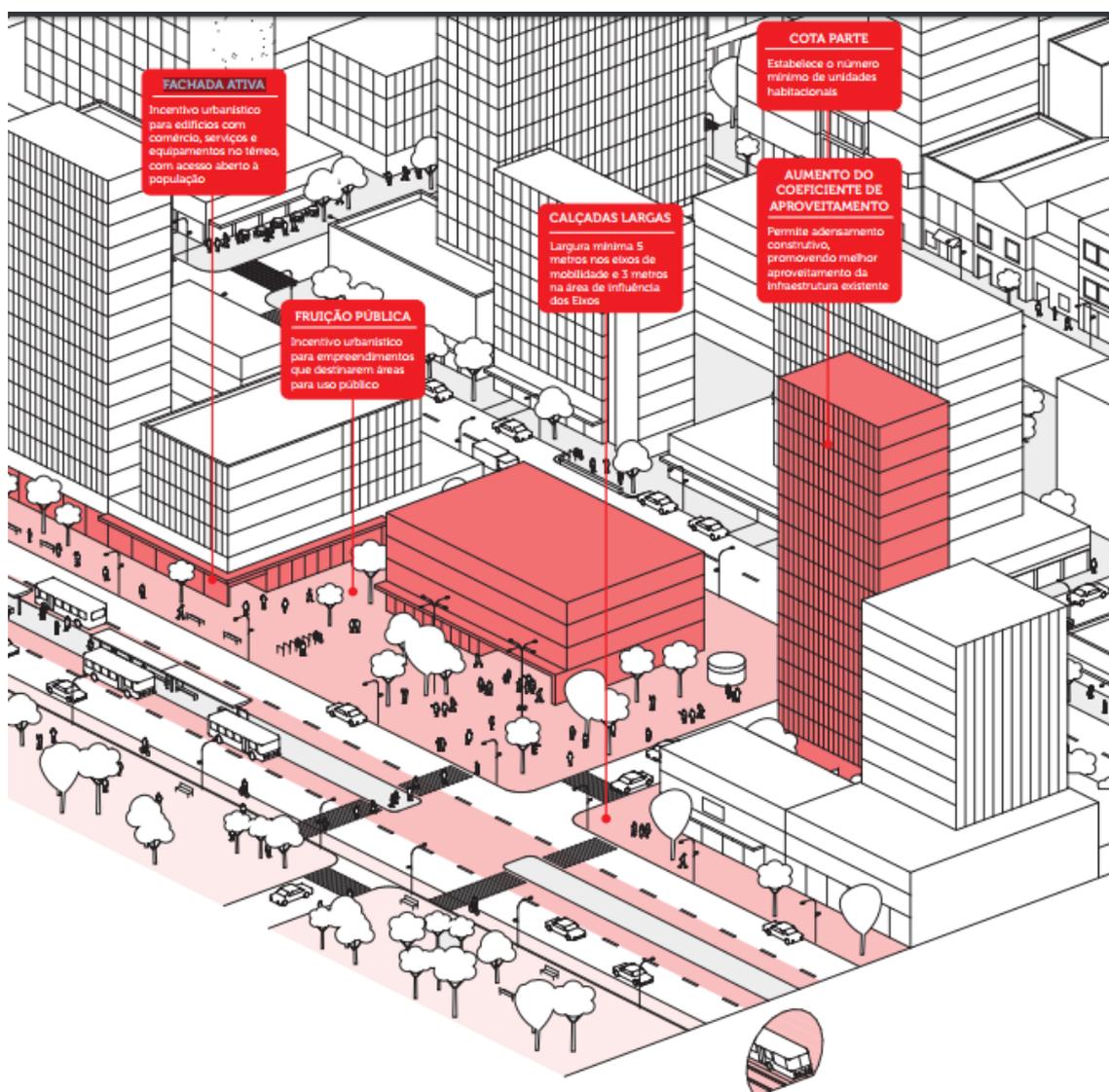


Figura 23. Desenho referente às diretrizes sobre fachada ativa do Plano Diretor Estratégico de São Paulo, 2013.
(Fonte: PDE - PL 688/13)

Referindo-se ao valor das fachadas e sua dimensão na composição urbana, o arquiteto e urbanista Bernard Huet (1986/1987) – em críticas sobre as Cartas de Atenas -, descreve a fachada edificada como o elemento de direta conexão entre o edifício e o espaço público da rua, onde se deve considerar, de acordo com Huet, a “criação de uma verdadeira arquitetura urbana (a única que deveria ser controlada)”, complementado assim:

“Segundo uma convenção usual na cidade, a fachada pública de uma casa não pertence somente ao proprietário, mas também ao transeunte. O que significa que existe uma fachada privada sobre a qual o proprietário tem direito absoluto. Através da licença da construção os órgãos públicos se reservam aparentemente um certo poder de controle sobre arquitetura dos edifícios, mas a confusão entre o público e o privado faz com que o controle supere os limites estabelecidos, tanto que parece uma censura arbitrária sobre o privado [...] por um lado, obriga os poderes públicos a estender cada vez mais seu controle; por outro, impede a criação de uma verdadeira arquitetura urbana (a única que deveria ser controlada). ” (HUET, 1986/87, p.87)

Huet reflete sobre determinações padronizantes como essas, as quais acabam por manter grande capacidade de formatar e condicionar os diversos espaços urbanos sobre um *sistema fechado*; ele relaciona essa questão à produção de arquiteturas que se manifestam como objetos isolados, homogeneizando o espaço, negando o contexto, fragmentando-o e tornando os desenhos de urbanização descontínuos; características que se buscam combater com determinações como as diretrizes municipais. A grande preocupação é a produção da dissolução da forma urbana, a qual, a partir de Huet, nega ao habitante “toda possibilidade de identificação, de reconhecimento e, portanto, de comunicação”. Identifica-se que assim se reduzem tanto os processos projetuais, quanto as diversas possibilidades morfológicas urbanas, em plenas abstrações, determinando-os da seguinte forma: “desprovido de direção; isento de qualquer valor cultural simbólico ou histórico” (HUET, 1986/87). Além disso, coloca o elemento *fachada* sob uma condição fria e racional na relação com o espaço público em contradição com a dinâmica orgânica de fruição que se idealiza.

Refletindo a partir das diretrizes e suas articulações urbanas com desenhos que promovam o encontro de pessoas e diversas funções, relaciona-se à reflexão de *tipologias urbanas* aos estudos de Carlos Nelson Ferreira dos Santos, et al (1985), o qual define que essas devem surgir “numa configuração espacial precisa, à multiplicidade de meios que viabilizam a vida cotidiana”. A multiplicidade e a heterogeneidade ditam a diversidade, traduzidas em *experiências*, trocas e, então, na transformação da convivência entre o *eu* e a *diversidade dos mundos*, transmitindo um propício exercício de cidadania e civilidade, como aparece em Kevin Lynch (1960): “um meio ambiente característico e legível não oferece apenas segurança, mas também intensifica a profundidade e intensidade da experiência humana”.

Trata-se de uma reflexão que busque um tratamento cauteloso sobre a paisagem urbana que, como define Milton Santos (2006), se apresenta como um recorte de um todo; como um recorte, deve conter em seus diversos fragmentos, a diversidade e a relação em conjunto de elementos que compõe uma dinâmica cultural urbana. Como descreve a jornalista Jane Jacobs (2011), a vitalidade urbana se manifesta “graças ao seu enorme acervo de pequenos elementos” – portanto, a priori, a Avenida Paulista se apresenta aos olhos dessa pesquisa, a partir da sua vitalidade como porta de entrada.

Cidade aberta/cidade fechada: os movimentos, morfologias, artes e informalidades na Paulista

O sociólogo Richard Sennett (2014), em seus estudos “*The Open City*”, discorre sobre uma paisagem dura a qual produz lugares com valores e relações pré-definidas, em grande parte fragmentada e descontínua, principalmente sobre sua relação com o *tempo* e a *memória*. Ele descreve esse fenômeno, o qual aqui se apresenta como um *tipo espacial*, a partir do conceito de *porosidade*, ligado ao seu real significado: permeabilidades possíveis entre um elemento e outro, o qual possibilita a virtualidade de uma interação orgânica – não pré-definida/fabricada; o autor coloca hoje como relevante buscar construir a cidade a partir de formas que asseguram situações que *deixam ser*, possível a partir da *cidade aberta*, incompleta, não linear. Ambas, *fechadas* e *abertas*, são compreendidas aqui como possíveis *tipologias*

espaciais distintas de serem apreendidas e projetadas. Santos (2006) diz que, nesse processo de responder às novas demandas, essa repentina necessidade de renovação está sendo materializada a partir de uma rigidez, sob os diversos pontos de vista.

São formas de ler a cidade, seus espaços e as diversas e transformações espaciais que podem apresentar reflexos e alterações em condições de: densidades, convivência entre escalas, passagens e permanências, liminaridades, virtualidades e o agir *subjetivo/intersubjetivo* ou o desuso, medo e segurança, fluxo, envelhecimento ou vitalidades espaciais. Projetos urbanos têm a capacidade de explorar os diversos contextos por *tipologias espaciais* que se compõem além dos objetos edificados, pois permitem virtualizar determinadas *espacialidades* a partir de escalas e conexões estruturantes, que, ao se comporem pela *forma aberta* sobre as diversas esferas urbanas, *a priori*, virtualizam a *liberdade* de interpretações, usos e a relação *ativa* com o contexto urbano em que está inserida.

Na Paulista, os *poros físicos*, ditados pelas *tipologias espaciais*, são em sua grande parte visíveis aos olhos, aos sentidos e suas legibilidades sobre o controle de seus diversos *espaços e lugares*. Sua *permeabilidade física* condiciona de forma particular os *poros sociais*; esses últimos são de grande complexidade nesse contexto e, não à toa, se manifestam inseridos nessa trama de espaços públicos de 2,5 quilômetros, assim reconhecidos por excelência. A seguir, uma breve leitura de suas narrativas particulares para efetivar a apreensão de sua *porosidade urbana*.

Questiona-se a seguir algumas determinantes de leitura para esse contexto determinado: trata-se da composição de um espaço público dinâmico, em um contexto predominantemente aberto a virtualidades? Ou as formas de controle imperam de forma a caracterizá-lo predominantemente fechado e assim pré-definem sua forma de ação dos seres? Onde e como podem ser lidos os poros e suas membranas? Qual a força prevalece nesse contexto, o espaço existencial ou a tipologia espacial? Ou há uma coexistência coerente e equilibrada, se é que isso é possível? Como se dá a relação entre os tempos e as temporalidades nesse espaço? Essas constituem forças que ressoam no

valor de *lugar*? Trata-se de uma *paisagem cultural* efêmera? Ou, ao longo dos tempos, os vários momentos de transformações fortaleceram a composição de identidades? Onde e como se apresentam as continuidades e descontinuidades espaços-temporais? A seguir, guiados por tais questões, disserta-se sobre essa paisagem.

Avenida Paulista, momento de *inflexão espaço-temporal* UM

Composição da paisagem progressista: indícios sobre a *tipologia espacial* e *espaço existencial*



Figura 24. Recorte da HQ de Luiz Gê sobre a Avenida Paulista, 1991. (Fonte: quadrinhosnasarjeta.com)

Entre suas principais e diversas características, sua localização geográfica e condições dadas pelo sítio determinam tanto sua *tipologia*

espacial quanto a composição de seu *espaço existencial*. Constitui-se sobre uma área denominada Planalto Paulista, divisor de águas entre as bacias dos rios Tiete e Pinheiros. Ao analisar a planta da cidade de São Paulo levantada pela Companhia Cantareira e Esgotos (anexo mapas), essa localidade se revela inexistente até 1881; encontrava-se ali uma cobertura vegetal rica, sobre a área mais alta da cidade e, portanto, era denominada de Caaguaço pelos indígenas. Devido à centralidade e à altitude, somadas a topografia plana desse caminho, ficou conhecida como Espigão Paulista.

Sua possibilidade de vista para todo o entorno, assim como facilidade de ser visualizada de outras áreas, conduziram os olhares do engenheiro e político Joaquim Eugenio de Lima para abertura de novas áreas residenciais. Os interesses sobre essa área foram potencializados pelo aumento do ritmo de urbanização da vila São Paulo da época, e, pelos consequentes problemas de inundação e problemas sanitários, gerou-se a alarmante necessidade por áreas mais altas, que possibilitavam maior salubridade, dando origem então aos bairros de grandes chácaras: Higienópolis e Paulista.

A Paulista, inaugurada na década de 1891, foi idealizada para ser um longo caminho plano que atendesse a um novo tipo de fluxo e que constituísse uma renovada cultural, como as grandes avenidas europeias. Para isso, o engenheiro aterrou o Vale do Rio Saracura, onde hoje é a Avenida 9 de Julho, e o loteamento foi regulamentado em 1894. Esses são indícios sobre a composição característica de seu *espaço existencial*: tomou-se uma dimensão significativa para a cidade tanto por motivo do seu desenho, ao ser desenhada como a avenida mais larga e ajardinada da cidade, quanto por seu significado progressista, desde o início induzindo tal processo capaz de constituir *identidade*.

Avenida Paulista, momento de *inflexão espaço-temporal* DOIS

Arquitetura como linguagem: desvendando o *espaço existencial* e compondo a *tipologia espacial*

Esses novos espaços, inicialmente alcançados apenas pelas famílias com poder de compra, principalmente industriais e comerciantes enriquecidos, começaram a se tornar áreas de valorização imobiliária no final do século XIX e início de XX. Tal característica proporcionou uma diversificada arquitetura,

alimentando sua forte *imagem*, pois era possível identificar, por exemplo, as origens de seus moradores estrangeiros. Esses moradores faziam parte dos imigrantes que vieram atuar de forma significativa na construção econômica e material da cidade, que, no momento histórico, passava por processo de industrialização.

Eram construções ecléticas, como define o arquiteto Benedito Lima de Toledo (2014), intencionalmente de grande qualidade, pois conscientemente faziam parte de uma valorizada paisagem de modernidade e sofisticação. Presenciava-se a preocupação com o paisagismo, apareciam no cenário inúmeras esculturas e o claro cuidado com os jardins a completar os projetos de grandes arquitetos. Toledo (2014) relata também que, portanto, era direta a relação das edificações com a rua, houve épocas em que teve arborização como um canteiro central, que posteriormente foi retirada e plantados ipês amarelos em suas áreas lindeiras.



Figura 25. Avenida Paulista, meados de 1900.
(Fonte: artigosecronicas.com.br)

Assim como as residências vieram a consolidar novos espaços e edifícios - entre eles o grande Parque Trianon e o famoso Belvedere como

âncoras nessa paisagem -, instalaram-se também instituições como o Colégio Anglo-Brasileiro, inaugurado em 1899 pela colônia inglesa e ocupado em 1918 pelo Colégio São Luiz, o Instituto Pasteur de São Paulo, criado em 1903 por médicos e beneméritos paulistas interessados no desenvolvimento das ciências biomédicas e da saúde coletiva, na época, recém-inaugurado na França, e o Sanatório Santa Catarina criado em 1906. Entre outros, são exemplos de elementos que vieram a constituir a importância e o caráter da Avenida Paulista e vieram a condicionar sua *tipologia espacial*.

As características citadas anteriormente, sobre a construção de uma paisagem progressista, são os indícios que se infiltraram no espaço geográfico e determinaram sua morfologia, desenhando e efetivando suas diversas *espacialidades*; somaram-se aos ideários da época, as técnicas e organizações territoriais que deram início à composição de sua *dinâmica cultural urbana*. Em 1892, chegam as linhas de bondes elétricos e, em seguida, uma nova organização física; novos desenhos de alargamento das calçadas, arruamento e paisagismo, dividindo as áreas do bonde, das carruagens e dos pedestres, uma ruptura sobre os tecidos urbanos tradicionais que se implantaram até então na cidade.



Figura 26. Vista da Paulista no sentido Paraíso em 1911.
(Fonte: <http://welovesampa.com>)

Voltada para sua vocação como passeio e espaço de curiosidade, já qualificada como artéria na cidade, criou-se um cotidiano também com pessoas que não residiam ali, atraídas por suas características ditas até aqui. Sua cultura foi impulsionada intrinsecamente como de *rua*. Como grande exemplo, o Corso, um passeio com intenção de desfile que ocorria durante todo o ano, mas ainda sem características carnavalescas.

Esses eventos ganharam força após o asfaltamento em 1909, com um material importado da Alemanha, novidade em todo o mundo e processo inédito na cidade que se soma como mais um dos elementos vanguardistas para a avenida. É a partir daí que o Corso de Carnaval toma a avenida, que se torna um lugar em potencial para eventos desse tipo, assim como corridas de carros que fez parte também desse cenário por muitas décadas. Durante as décadas seguintes a 1910, houve um rápido aumento da população, assim como um aumento da quantidade de casarões construídos que marcam esse primeiro período até 1930. São marcas sobre o intencional *status* produzido, ressoando em dinâmicas de uso e ocupação desse espaço. Atividades culturais, assim como *quem* e *como* frequentavam – pois pessoas de toda a região identificava-o por tais características – denotando seu valor de *lugar*.



Figura 27. O Corso das Falenas, Avenida Paulista, 1918
(Fonte: ibamendes.com)

Sua morfologia desenhou uma legibilidade de fácil apreensão; linear, racionalmente organizada, digna de uma passarela para os diversos desfiles possíveis, se apresenta como um elemento de referência direta a um cenário: impõe o ritmo, o *status* e dinamiza seus diversos fenômenos como será visto adiante. Identificam-se quadriculas predominantemente regulares em seu entorno imediato, e essa lógica se distingue de acordo com especificidades geográficas distintas ou projetos urbanísticos que vieram a ser efetivados posteriormente.

Percebe-se outras camadas de composição, como exemplo seu entorno próximo, os bairros jardins, que desfrutam desse contexto - como os vários momentos históricos que vieram em seguida. Tais características trouxeram para esse *lugar* o potencial como *novo centro*, colocando o centro antigo também sobre a inauguração de um novo momento.

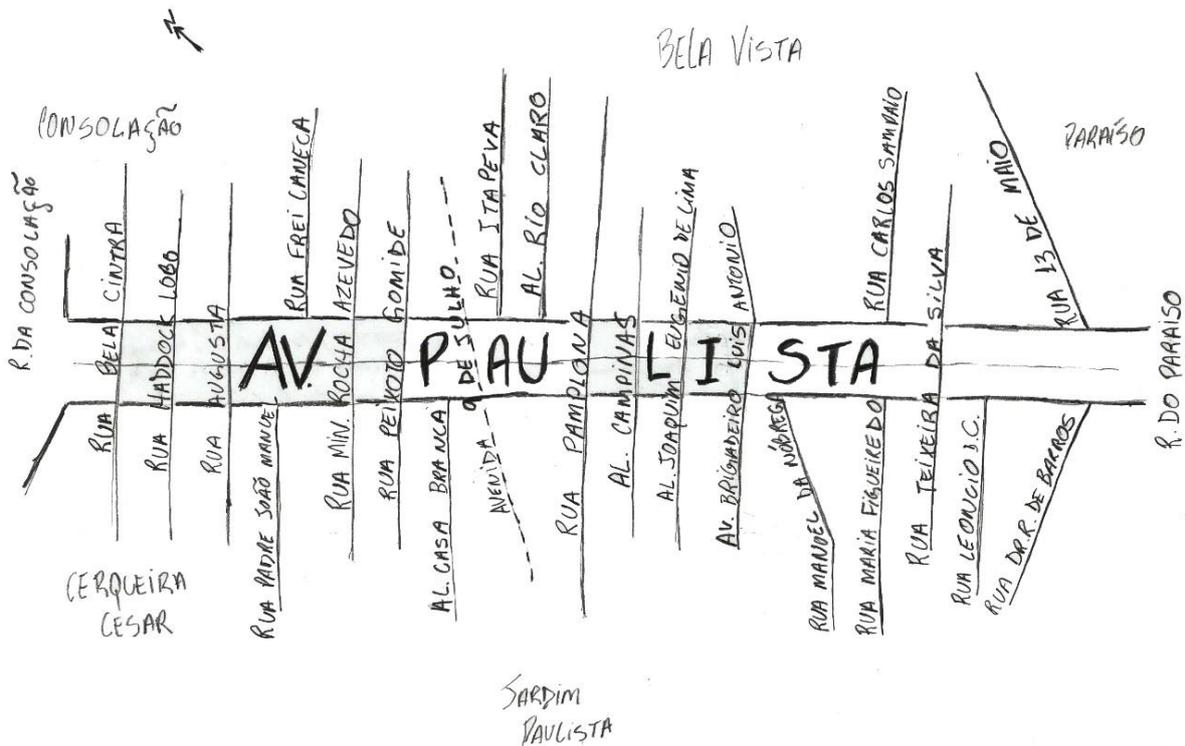


Figura 28. Esquema morfológico das ruas que cruzam a Avenida Paulista. (Fonte: BLÜMER, M. P., 2013)

Avenida Paulista, momento de *inflexão espaço-temporal* TRÊS

A recomposição da paisagem progressista: “a forma segue a função”, a força da tipologia espacial

Impulsionada por ressignificar sua legitimidade em frente ao desenvolvimento e progresso do município de São Paulo, essa nova centralidade significou acompanhar os caminhos tomados pela modernidade da época que, naquele momento, se manifestava em todo o mundo. Esses impulsos ditaram as novas formas urbanísticas condicionadas principalmente por novas funções.

Entre os diversos arquitetos representantes desse momento, faz-se aqui um recorte sobre os discursos de Walter Gropius, o qual descreve, de forma direta, os caminhos na área de arquitetura e de urbanismo, colocando o que se buscava como reforma. As diretrizes sobre os pressupostos físicos (então também intelectualizado pelo homem) deveriam determinar as materializações da cidade como parte da vida e do *consciente* dos seres; Gropius defendia que recorrer à laços históricos nega “expressões das funções espirituais” e então complementa este raciocínio da seguinte forma: “Tal tentativa significa confundir a arquitetura com arqueologia aplicada. A arquitetura genuína de crescimento orgânico exige inovação constante” (GROPIUS, 2013).

Essa linha de pensamento narra fielmente os discursos modernistas – principalmente em sua primeira fase -, em que descreve o caminho das decisões urbanísticas não só na Avenida Paulista como em muitos lugares do mundo nas primeiras décadas de 1900 e assim inaugura um novo momento: *a forma segue a função*, torna-se a nova lógica que incentiva a substituição, tanto entre objetos do cotidiano fortemente impulsionado pela fabricação em série, quanto de arquiteturas que se colocassem nessa era condicionada prioritariamente pela legitimidade pura, “não imitativa”. Esse progresso surge das grandes transformações sociais, técnicas e estéticas, as quais, nesse contexto, alimentam impulsos da industrialização, assim como da sociedade se compondo pelos reflexos das novas condições em *rede*.

Essas novas formas de *ser e estar* na cidade impõem *novas* relações *corpo/espaco*. Os discursos de Gropius sobre a escola Bauhaus, com a nítida intenção de renovar o pensamento e a produção arquitetônica dentro das

academias, esclarece essa prática de produção e entendimento dos seres nesse momento, que é apresentada assim: “Um ambiente estimulante é tão importante para libertar as energias criativas do estudante quanto o dinamismo do professor” (GROPIOS, 2013) e, assim, pode ser melhor compreendida idealmente, a partir da seguinte citação:

“Precisamos de uma nova ordem de valores visuais. Enquanto nadarmos na corrente interminável de elementos formais tomados de empréstimo, dificilmente teremos êxito na tarefa de dar forma à nossa própria cultura, pois cultura significa a aplicação de métodos artísticos próprios, que exprimem da melhor maneira as ideias e a linha intelectual de nossa época.” (GROPIOS, 2013, p.110-111)

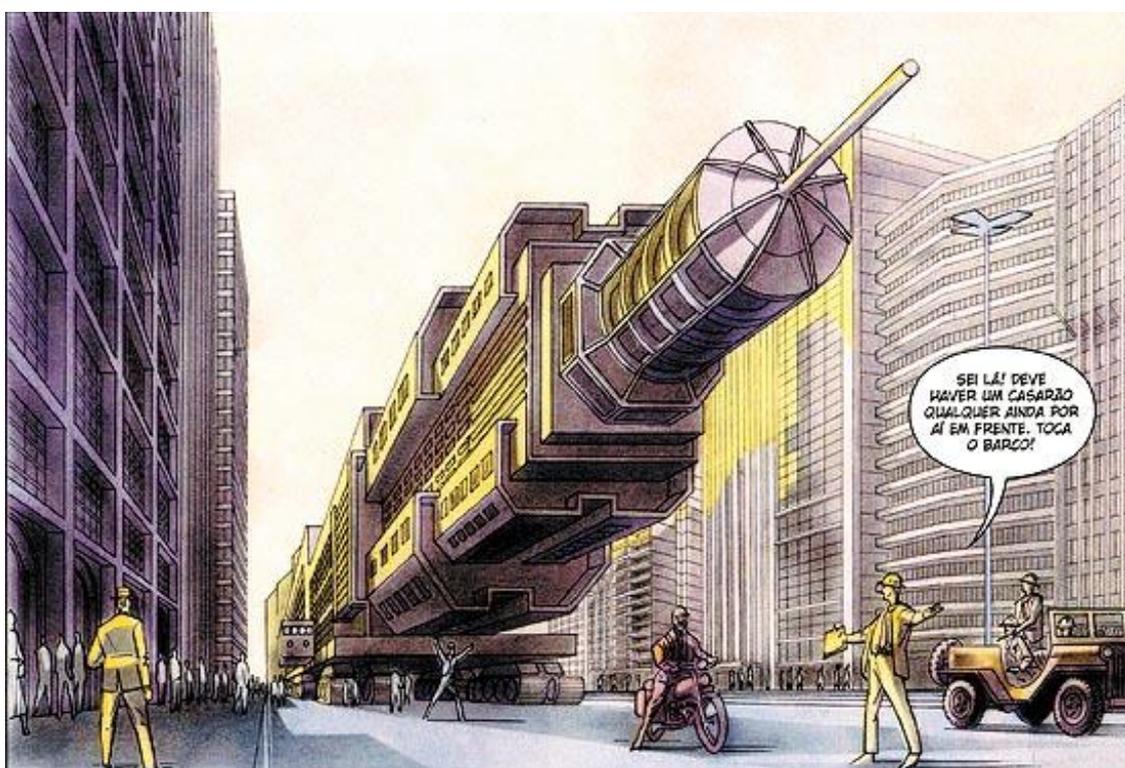


Figura 29. Recorte da HQ de Luiz Gê sobre a Avenida Paulista, 1991.
(Fonte: revistaogrito.ne10.uol.com.br)

Assim como a modernização e o novo rumo do desenvolvimento urbano, a verticalização se inicia na Paulista. Gê (1991) narra esse processo, que, nesse momento, não se desfruta de significâncias como o *revitalizar*, impera-se a renovação modernista. A elite que ocupava seus grandes casarões se atenta à valorização de seus grandes lotes impulsionada pelo mercado, e inicia-se uma grande especulação, a qual pode ser presenciada ainda hoje. Esses

personagens da elite paulistana, pensando no capital que possibilitaria gerar com suas vendas, derrubam suas edificações que, nesse momento, discutiam-se seu valor patrimonial. Nesse contexto, apresentava-se grande número de construções de terra de alto nível técnico, portanto, de grande valor histórico, que compõe a historiografia da construção e o desenvolvimento da cidade.

Nesse momento de transição, o que restou do que se entende como *memória* foram alguns edifícios construídos no lugar dos casarões, os quais levam o nome da família que residiu ali, ou homenagens feitas a personagens importantes na época; a maioria deles se mantém até hoje. Esse processo de verticalização se intensificou em meados da década de 1940, assim como nas décadas seguintes, e somou-se de forma significativa aos impulsos da crescente imposição da mundialização desse contexto a partir dos processos globais que imperavam com força.



Figura 30. Vista do Masp, em direção a Consolação, década de 1950.
(Fonte: revista.casavogue.globo.com)

Esses impulsos atuam diretamente na imagem, compondo os padrões *psíquicos espaciais* (já referenciados no capítulo um) e desfrutam da

capacidade de pensar a arquitetura como linguagem, a favor de projetos e desenhos pouco relacionado aos seus sentidos passados, perdendo sua organicidade sobre a continuidade materializada na cidade. Manter de alguma forma na textura da paisagem, apreendidas a partir do conceito de *rugosidades*, possibilitam ler suas diversas camadas históricas, as quais não se apresentaram como empecilho para tais transformações. Nessa nova dinâmica, buscou-se essa comunicação intencional pela substituição das grandes chácaras e seus casarões, por altos gabaritos, materiais novos apresentados pela tecnologia industrial, e assim a composição das diversas morfologias coerentes a esse quadro de uma imagem que se diz global.

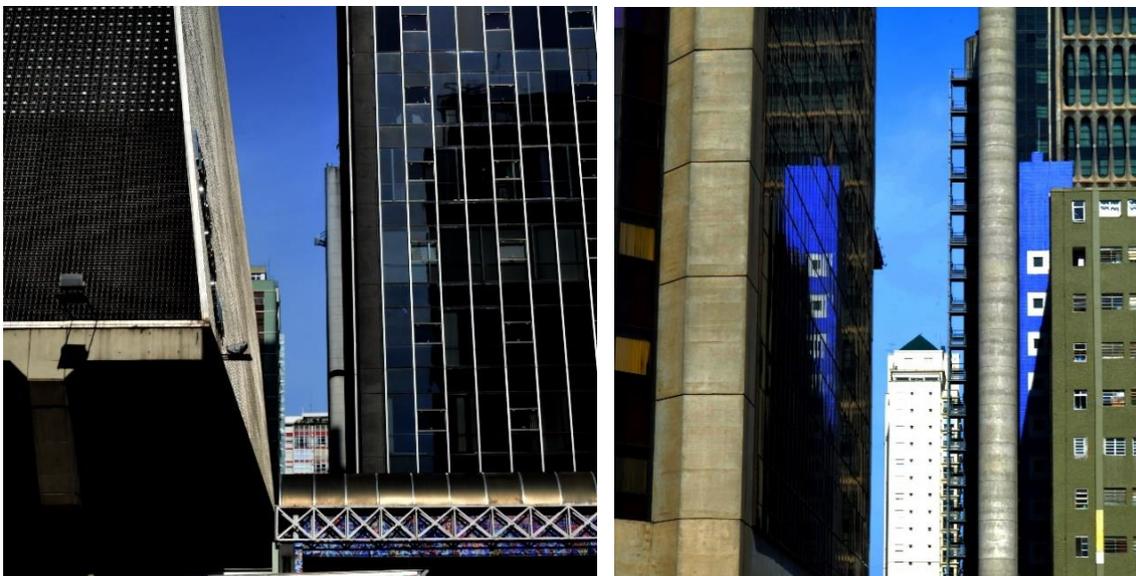


Figura 31. Avenida Paulista
(Fonte: BLÜMER, M. P. 2015)

Nesse processo, perde-se a convivência dos diversos tempos materializados no espaço, pois se apresenta uma paisagem em constante renovação, onde o *movimento* não incorpora determinadas relações com suas heranças. Presencia-se, nesse momento de *inflexão espaço-temporal*, a contradição na paisagem progresso: o que os arquitetos modernistas idealizavam como a possibilidade de criar estímulos e novas impressões por variações da forma, na tentativa de “produzir a ilusão do movimento” (GROPIOUS, 2013), os padrões globais impõem associações de formas, na composição de uma *paisagem mundial*. Esse fato apresenta mais um momento de composição dessas camadas em transformação, o qual estimula o interesse

de grandes empresas a se instalarem nesse *cenário*, tornando a avenida prioritariamente como um centro econômico e comercial. Esse novo contexto ressignificou o sentido de centralidade por novos serviços e dinâmica oposta ao que se consolidou ao longo dos tempos no antigo centro; há, portanto, novas demandas asseguradas por essa nova centralidade, as quais não substituem, ainda hoje, o contexto e os eventos que mantêm suas singularidades.

Na Paulista, perde-se a predominância habitacional e cria-se a passarela dos negócios, condicionando a linguagem da diversidade arquitetônica presente: a arquitetura da *ostentação*, a organicidade entendida como as dinâmicas dos seres na vida em seu meio se dissipa, assim como a organicidade entendida pelo ritmo e renovação de soluções e formas dos discursos modernistas sobre o que se entende como progresso; a lógica da substituição ressoa por toda a avenida e entorno próximo, como é apresentado nos recortes da HQ de Gê.

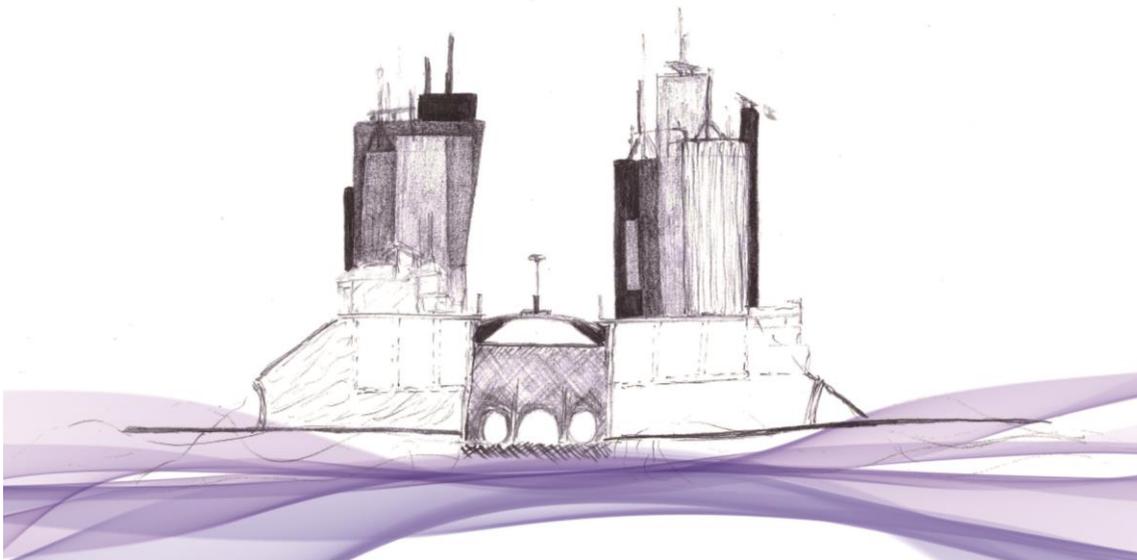


Figura 32. Croqui topografia/aterro Espigão Paulista e sua verticalização.
(Fonte: BLÜMER, M. P. 2016)

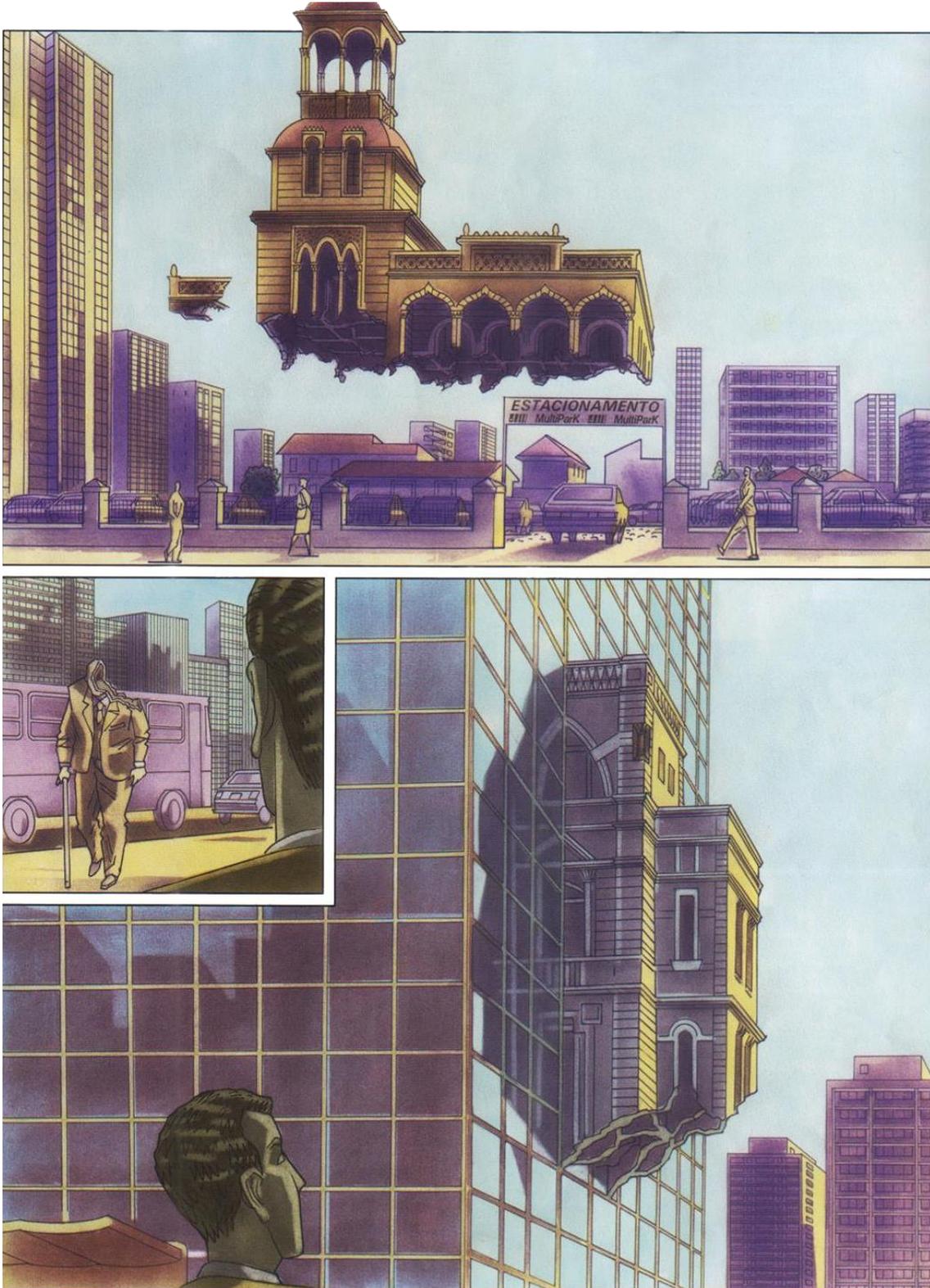


Figura 33. Recorte da HQ de Luiz Gê sobre a Avenida Paulista, 1991.
(Fonte: quadrinhosnasarjeta.com)

Avenida Paulista, momento de *inflexão espaço-temporal* QUATRO

Morfologia, *infiltrações* e rugosidades: mapas de calor e a força do *espaço existencial*

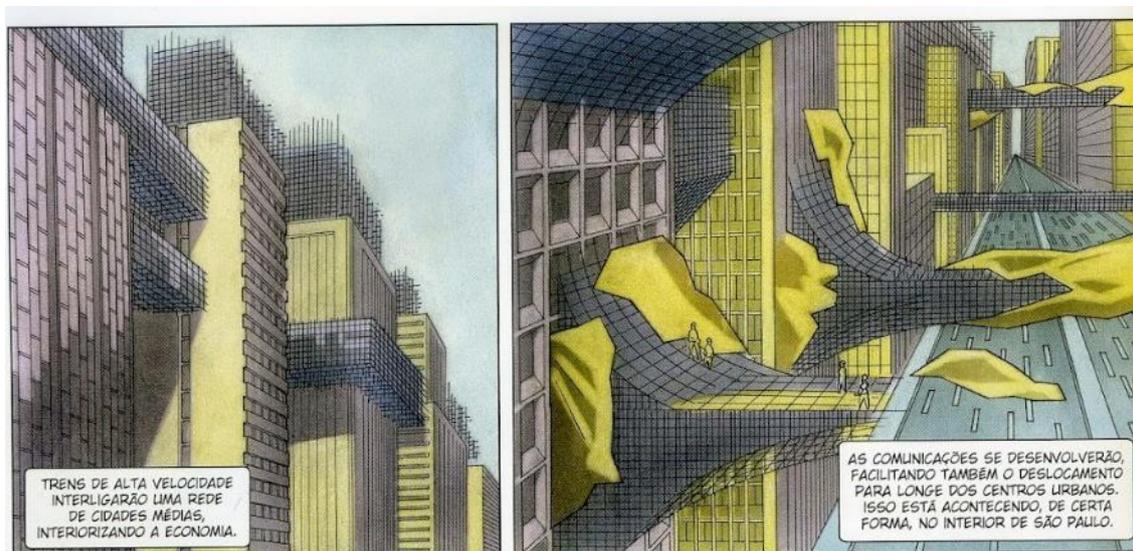


Figura 34. Recorte da HQ de Luiz Gê sobre a Avenida Paulista, 1991.

(Fonte: quadrinhosnasarjeta.com)

As *inflexões espaços-temporais* demonstram a superposição do tempo atuando nas formas espaciais recondicionando suas áreas construídas. Como colocado pelo historiador Giulio Carlo Argan (1984), as cidades se apresentam como ambientes da resistência, portanto, ambiente onde se possibilita ler os diversos projetos sociais ao longo dos tempos. Nessa linha de reflexão, ao longo desta pesquisa, apresentou-se assim também que essas diversas relações *corpo* e *seres/espaço* determinam a realidade moral e a saúde física, psíquica, afetiva aos que nela habitam; o caso da Avenida Paulista, que será apresentado mais adiante, desperta alguns indícios a partir do recorte da HQ, apresentado anteriormente, o qual descreve diretamente as principais intenções mercadológicas e assim a institucionalização de sua materialidade desenvolvida a partir da *comunicação*. Neste momento pós-modernismo, pouco se referencia ao caráter de rua onde os seres trazem a vitalidade e interação com o espaço público, como de suas épocas de origem.



Figura 35. Avenida Paulista
(Fonte: BLÜMER, M. P. 2015)

Percebe-se que a intenção de compor o espaço como um *cenário* se mantém, mas as dinâmicas de sociabilidades se apresentam condicionadas cada vez mais pelo *status*, o qual se permite compor a identidade agregando valores a partir de uma *subjetividade* que apagou, ao longo de suas transformações, a *intersubjetividade*. Os interesses individuais que levaram a origem desse espaço acabaram por compor esse contexto que é a avenida Paulista, conduzidos por lógicas egocêntricas de composição de uso e desenho do espaço urbano.

Em contraposição, vale alertar os olhares para a seguinte questão: para as práticas de planejamento e projetos urbanos, apresenta-se, como grande contribuição, as descrições do processo de apreensão de diversos espaços propostos em trabalhos ao arquiteto uruguaio e naturalizado brasileiro, Hector Vigglicca, que defende a necessidade de buscar as lógicas locais, sua conexão com a cidade e também sua geografia – entendido aqui como a complexidade entre o *geografizar dos seres (espaço existencial)* no espaço e os fatos físicos (*que compõe a tipologia espacial*). Na continuidade desse processo de leitura, busca-se traçar um *dégradé* de intervenções espaciais, que, para Vigglicca, funcionam como *infiltrações*: a multiplicação ou reprodução a partir do entorno geográfico similar (VIGLIECCA, 2014).

Assim, pensar o projeto com a intenção de desenhar a partir de “cunhas de infiltração” (VIGLIECCA, 2014), se declara um caminho a se compor *permeabilidades urbanas* por *poros*, possíveis de serem pensados ao longo do processo projetual. Percebe-se, nessa lógica, um diálogo direto com as teorias dos estudiosos Sennett e Secchi, já citados anteriormente. As cunhas sendo os poros, o *dégradé* se dá pela interpretação do *espaço existencial* que acabaram por compor nos “novos projetos” uma determinada *tipologia espacial*. Pensar a composição de transformações morfológicas pelo real significado do que se entende como *infiltração*, ilumina a interpretação do que se apresenta como *cidade aberta*.

Apenas as aberturas na composição de *formas incompletas* é que permitem as virtualidades *subjetivas* dentro das diversas esferas entre o *ser* e *estar* na materialização do que se propõe ao organizar e planejar a cidade. Essa abertura pode ser pensada de inúmeras formas, e assim compor inúmeras dinâmicas, as quais ainda, por diferentes desenhos, resolvem os necessários *controles/permeabilidades*. A seguir, serão apresentados alguns recortes significativos e bastante conhecidos da paisagem da Avenida Paulista, em que são possíveis analisar, na prática, essas poucas colocações que antecederam esse momento de análise. Esses compõem um gráfico em que se apresenta o *dégradé* de *permeabilidade* a partir de suas formas de infiltrações virtualizadas pelas distintas *espacialidades*.

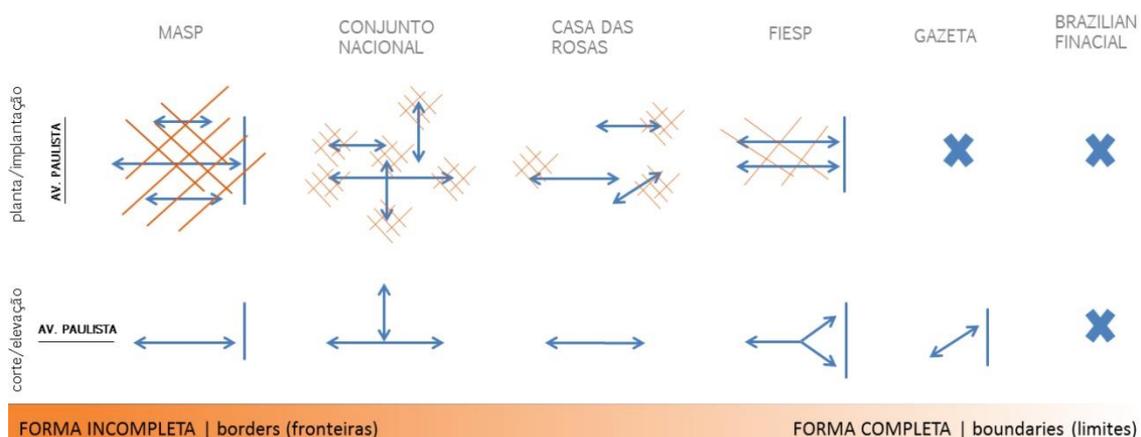


Figura 36. Gráfico *dégradé* das *permeabilidades* a partir de suas formas de infiltrações pelas espacialidades.
(Fonte: BLÜMER, M. P. 2015)

Algumas das diversas morfologias presentes na avenida são identificadas como intervenções por *espacialidades*, as quais proporcionaram uma dinâmica de convívio entre os espaços e assim como dos seres no seu desfrute. São exemplos idealizados principalmente após os anos de 1950 por distintas soluções arquitetônicas apresentadas a seguir, as quais compuseram o gráfico anterior. Fizeram-se, a seguir, croquis de estudo abordados como *mapas de calor*, por intensidade de pena da linha e cores, identificam-se algumas das características levantadas até aqui, em busca de orientar a compreensão do que aparentemente são *vazios/aberturas* que possibilitam contatos visuais e sensoriais de condição natural, a luz do sol, sombra, vento, céu (em amarelo); a conexão direta (e também a ausência de conexão) do espaço edificado com a calçada, a rua, portanto, do público ao “semi-público”, ao privado (em laranja); e a permeabilidade dos acessos aos pedestres e suas diversas possibilidades diferenciando então, por cada tipologia espacial, a resultante das diversas dialéticas morfológicas com a forma urbana.

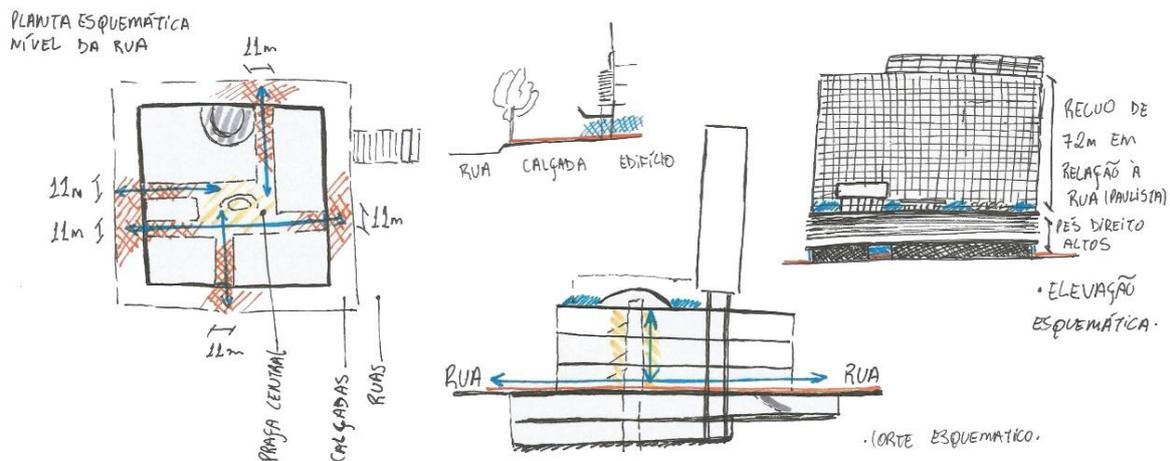


Figura 37. Infiltrações: mapa de calor Conjunto Nacional (Fonte: BLÜMER, M. P. 2015)

O edifício Conjunto Nacional é mais um dos exemplos de forte referência para esse novo momento de ressignificação da Paulista. Mantém também a lógica da qual a rua *infiltra-se*, assim como o *movimento* dos seres, ultrapassando os limites das testadas; nesse caso, os limites edificados constituem uma forma maior de controle se comparados com o caso do MASP. Esse projeto arquitetônico de David Libeskind, da década de 1950, foi idealizado a partir da intenção de transformar a Paulista na 5ª Avenida (EUA)

de São Paulo. Foi uma busca pela implantação de um partido em resposta ao movimento frenético dos veículos, proporcionado pelo paradigma do urbanismo do século XX. Os acessos e a circulação produzem uma *praça central* como *continuidade* da calçada, proporcionado tanto pelas escalas de suas aberturas quanto pelos materiais empregados no piso. Semelhantemente, trabalha, com o mesmo objetivo, a extensão do beiral até a calçada. Complementava-se a postura vanguardista em relação ao seu programa: era um conjunto habitacional, comercial e posteriormente empresarial, tornando-se um forte ícone da Paulista nessa época, e, até hoje, como parte da construção de uma nova *identidade*.

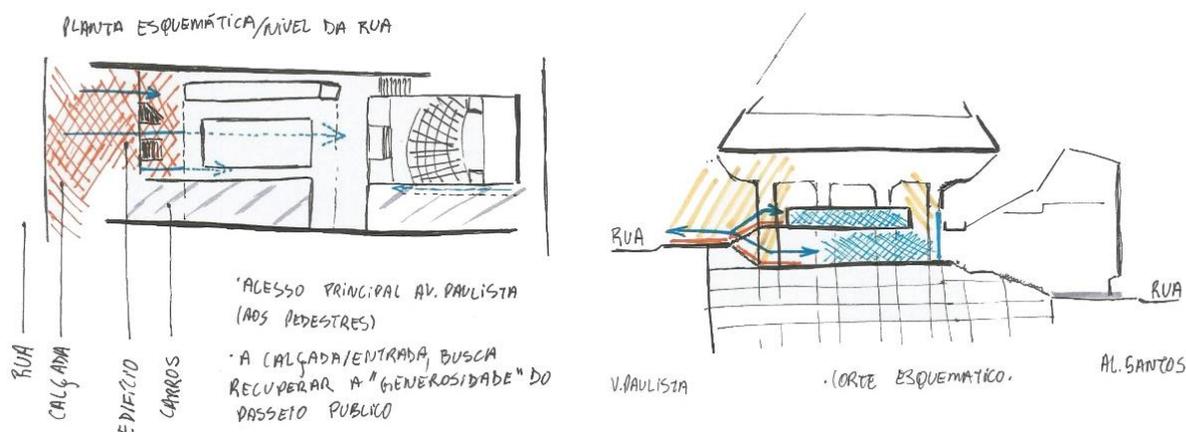


Figura 38. Infiltrações: mapa de calor FIESP
(Fonte: BLÜMER, M. P. 2015)

Construído para ser marco referencial na avenida em 1969, o Edifício da FIESP foi reabilitado no final da década de 1990 para as necessidades contemporâneas de recuperar a dinâmica entre o espaço público da calçada e seu acesso interno; assim como o MASP apresenta duas camadas espaços-temporais que compõem sua espacialidade. Nesse exemplo, também um edifício moderno convive com uma intervenção espacial que extrapola suas condições como tipo arquitetônico, se distanciando da produção de uma arquitetura monumental. O edifício é uma arquitetura de Rino Levi, projeto contemplado em um concurso, no qual já se previa uma grande praça na época. Sua volumetria é escalonada: conforme ganha altura, aumenta o recuo em relação à rua, essa fachada é um elemento de potencial identidade para o edifício, assim como sua participação na dinâmica da paisagem. Foi modificado

apenas o térreo com um novo programa, projeto de Paulo Mendes da Rocha, que amplia o desfrute dos seres na interação com esse espaço, com atividade cultural, e se apresenta um dos principais *poros físicos* da avenida.

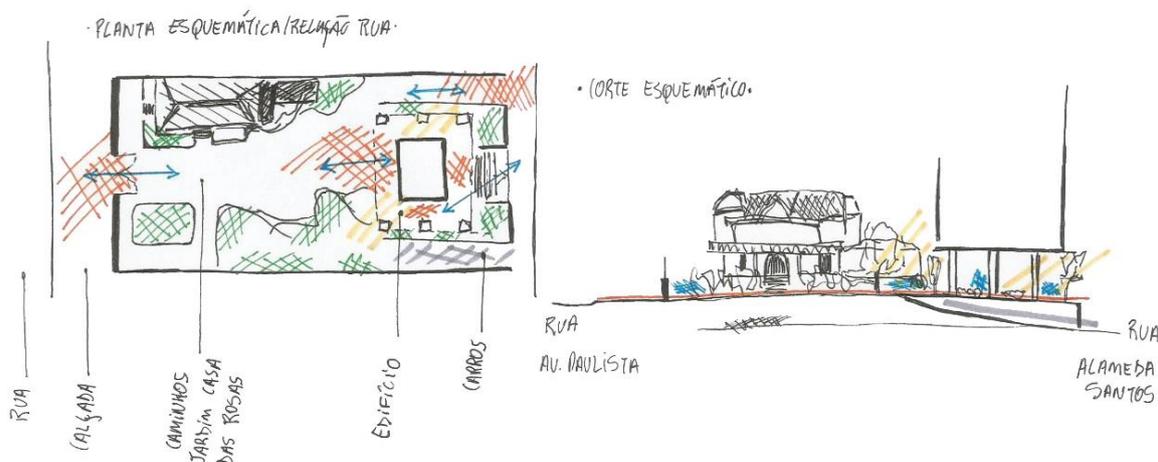


Figura 39. Infiltrações: mapa de calor Casa das Rosas
(Fonte: BLÜMER, M. P. 2015)

Entre os diversos exemplos que não estão mais presentes na paisagem, há poucos casarões que resistiram e tomaram uma dimensão singular nesse contexto contemporâneo. A Casa das Rosas é um desses patrimônios materiais vivos e, pode-se dizer, *ativo*. Projeto da década de 1935, do escritório de Ramos de Azevedo, foi construído quando avenida foi inaugurada, e, em seguida, quando a maioria dos casarões foi demolida, esse se manteve intacto até hoje e é tombado como patrimônio pelo CONDEPHAAT, tanto o espaço edificado quanto seu lote e seu entorno paisagístico. Distingue-se também de outras morfologias em relação a sua implantação e condição como miolo de quadra aberto para acesso público. Relaciona-se diretamente como edifício comercial contemporâneo Parque das Rosas, com caminhos e acessos controlados, mas com certa permeabilidade e protegido por gradis nas duas extremidades lindeiras a rua. Presencia-se a convivência de tempos e temporalidades, de usos e programas, de fluxos, de linguagens e de escala, dentro de uma mesma quadra aberta.

O paradigmático exemplo que se presencia uma *ativa* relação de *tempos* e *temporalidades* é o MASP, grandioso para a dinâmica ativa, do *ser* e do *espaço* diante ao seu caráter singular como espaço existencial hoje. Compõe-

se originalmente na relação entre o Parque Trianon e o Belvedere, consolidada desde a inauguração da avenida, apresenta alterações em escalas diretamente públicas na transformação de sua *tipologia espacial* nas décadas que sucederam os anos 1950. Em 1968, o parque passou por várias mudanças com projeto do paisagista Burle Marx e do arquiteto Clóvis Olga e hoje é tombado pelo CONDEPHAAT e pelo CONPRESP. A área, em que antes foi Belvedere Trianon, espaço de contemplação, com vista para várias áreas da cidade, como o centro desenvolvido (Sé e imediações), tornou-se um espaço de *identidade* pública com a construção hoje conhecida como MASP. Esse projeto de Lina Bo Bardi e do engenheiro Figueiredo Ferraz se constitui em um vão de 70 metros, construído a priori para manter o potencial de contemplação da vista.

Ressignificado, como a paisagem em que está inserido, foi um dos primeiros espaços a atuar como Centro Cultural e hoje é um Museu de Artes Assis Châteaubriant, além da biblioteca de importância nacional especializada em arte. Um *lugar* capaz de presentificar a convivência da diversidade e gerador de *movimento*. Sua *tipologia espacial* potencializa o *existencialismo* do cidadão que, ao ocupar-se dele, o reconhece como *ágora* na dinâmica cívica de seu desfrute. Paradigmático, polêmico, ainda mantém sua maior força: o flexibilizar-se no cotidiano citadino. Idealizado no contexto modernista, desenha a contradição de seu momento: abre-se para o *geografizar* dos seres, de forma que se compatibiliza com as diversidades propostas pelas sociabilidades cidadinas, um programa aberto de possibilidade de interação *edificação/espço*.

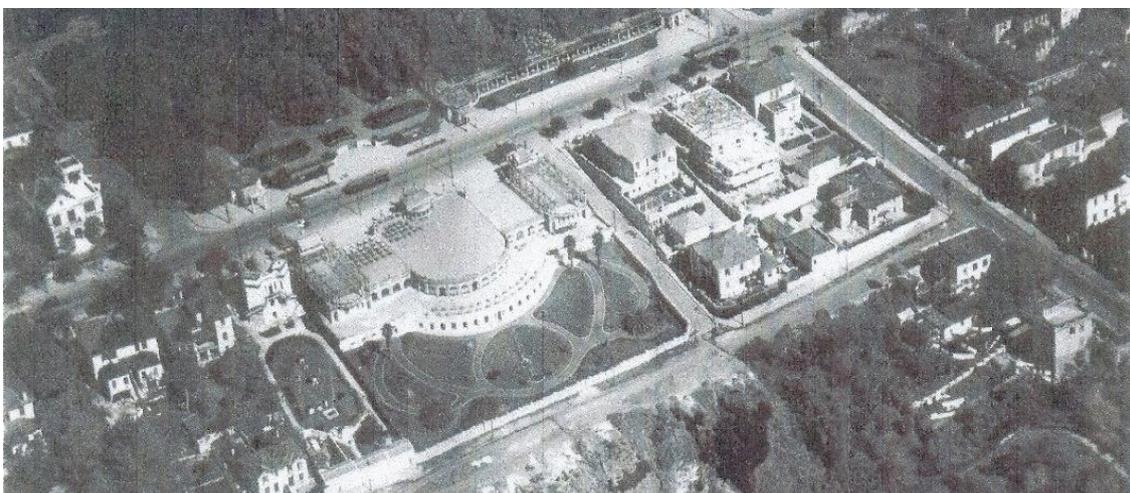


Figura 40. Avenida Paulista – Belvedere Trianon
(Fonte: vitruvius.com.br)

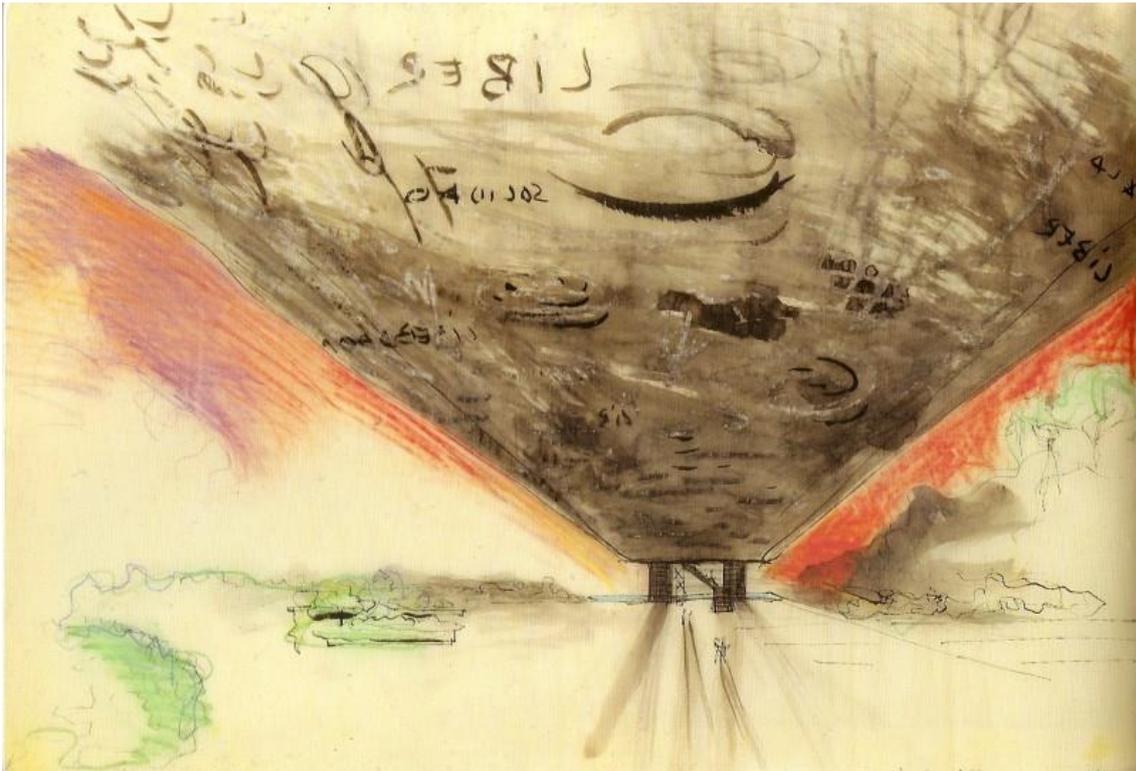


Figura 41. Croqui de Lina Bo Bardi, MASP
(Fonte: cronologiadourbanismo.ufba.br)



Figura 42. Avenida Paulista - MASP
(Fonte: argosfoto.photoshelter.com)

Estudado como um *tipo*, de acordo com as concepções da teoria da arquitetura, referente aos impulsos de modelos modernistas de se pensar

projetar, minimiza-se a uma mera descrição formal: linhas racionais, elevação do piso para a abertura do solo, sistema estrutural que se declara pela estética, paredes envidraçadas, entre diversas características de um desenho compatível com as técnicas da produção industrial. Conceito como esse se refere a uma *arquitetura monumental*, onde o objeto se constitui em si, como objeto determinado por materiais, linhas, trabalhadas por relações de proporções, mais do que por dinamizar escalas e dimensões da vida cotidiana.

Lido como uma *tipologia espacial*, portanto, a partir de diversas associações, sua dimensão, como *arquitetura urbana*, se descreve com maior amplitude, buscando escalas e organizações por *espacialidades*. Prioritariamente é percebido condicionado pelo sentido de seu “vazio”, abertura visual, como o espaço pré-existente que se apresenta como o *tipo arquitetônico* de belvederes, livre de edificações, onde hoje não se percebe referencialmente sua construção *tipológica*, lida a partir do que se propõe na Teoria da Arquitetura. A elevação do solo se apresenta como extensão das calçadas e, em momentos efêmeros, é capaz de conectar-se com a totalidade da rua; esse tipo espacial é utilizado em outros projetos, como no Sesc Pompeia (também da Lina BoBardi), onde, em seu processo de projeto, ela apreende, a partir de uma forma já existente pelos galpões, um espaço entre os edifícios, onde “recria-o” em referência à *espacialidade* da rua.



Figura 43. SESC Pompéia, Lina Bo Bardi.

(Fonte: u-in-u.com/sesc-videobrasil/2011/olafur-eliasson-tour/sesc-pompeia)

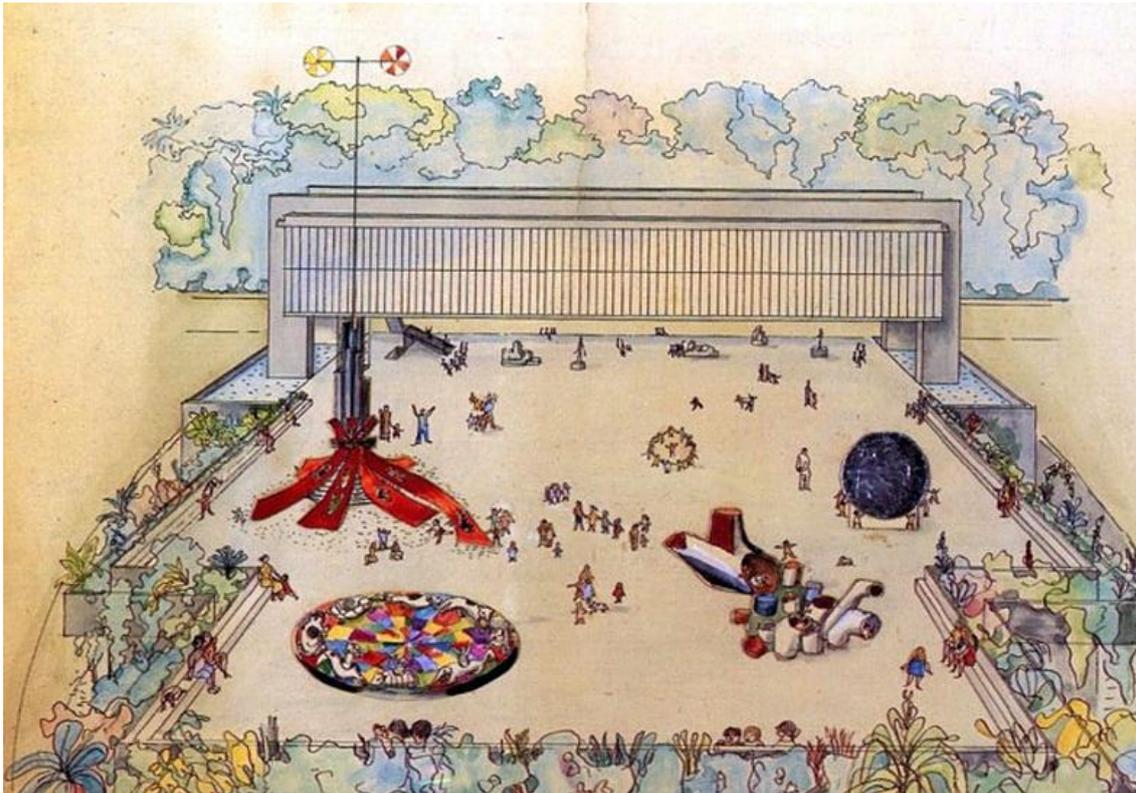


Figura 44. Croqui de Lina Bo Bardi, MASP
(Fonte: arquitetasinvisiveis.com)

O *tipo espacial* que compõe o MASP declara diversas condicionantes caracteristicamente dadas pelo *espaço existencial*, como, por exemplo, a busca por um projeto que mantenha relações já consolidadas, como com o parque, hoje conhecido com Cerqueira Cesar; o desenho da forma na relação com o entorno geográfico, o qual possibilita interação, é também mantido como um marco, um ícone indetentário desse *lugar*, assim como sua linearidade que se adéqua ao sítio e busca um diálogo progressista por sua linguagem arquitetônica; esse *tipo espacial* determina uma escolha objetivando a reafirmação como um espaço de *sociabilidade*, de caráter claramente urbano. Esses são alguns indícios que potencializam repensar algumas dessas conexões, de forma que possa somar-se a esse contexto já consolidado que se mantém em sucesso ainda.

Algumas dessas características colocadas de forma bastante diretas podem ser analisadas especialmente pelo croqui de estudo, como os que Bardi geralmente busca representar seus projetos: a força do *espaço existencial* com a presença de cores, *movimentos* e ações ditadas pelos

estares desenhados pelos *seres*; de forma *aberta* à ação subjetiva e ao *movimento*. Presencia-se o respeito pelo espaço e pelos *seres*, ainda que não esteja sendo colocada em questões o que se idealiza como produção arquitetônica, linguagem arquitetônica, pois se apresenta como um *poro* nessa paisagem, na combinação de *permeabilidades sociais*, assim como por sua morfologia.

Citando apenas alguns dos espaços que se apresentam importantes para a permeabilidade dessa avenida, construiu-se assim um cenário em que, nos dias de hoje, são reafirmados alguns de seus potenciais ditos na época em que foram idealizados e construídos. O que se mostra mais expressivo é o caráter de rua que é tomada pela dimensão de poder social, ainda que percebido como um espaço controlado e pré-definido. Leituras mais complexas que considerem características como essas, tratadas com maior dedicação – como será visto no capítulo três - possibilitam a reflexão e qualificam intervenções com maior potencial de levar os sentidos ao futuro, qualitativo de *urbanidade*.

As narrativas do *corpo* e do *ser ativos*: espacialidade efêmera como *ágora grega*

O caráter de rua, com o qual essa avenida é dinamizada, pode ser percebido de formas distintas sobre diversos horários, dias da semana ou eventos que acontecem de forma sazonal. Essa característica está entre as principais que ditam o *movimento* desse cenário; esse relativiza o fluxo do dia, que se transforma em massas de sociabilidade de maior intensidade à noite, os muitos ruídos esquizofrênicos do dia para uma sonoridade típica de agitação noturna entre batalhas de rap e buzinas de bicicletas à noite, as fendas do sol entre os edifícios se põem e dão lugar à diversidade de fachadas iluminadas juntas às brancas iluminações centrais, nos altos postes, que mais parecem totens, e assim se mantêm diariamente sobre uma vitalidade *ativa*.

Em certas situações, pode ser comparada com uma grande praça, ou até um parque, onde essencialmente os *seres* são os responsáveis por sua vitalidade, sonoridade e cores. Esses *movimentos* compõem diversas narrativas as quais são apresentadas como manifestações de *identidades* entre

as *vontades de ser no mundo*; essas, interpretadas por elas mesmas como fenômenos integrantes dessa paisagem, de forma geralmente consciente, poderão ser vistas a seguir. Tais características podem ser referenciadas pelo original sentido de um *espaço democrático*, onde igualmente os seres têm o direito de dizer e serem ouvidos. Ainda que, trazido esse valor para os tempos de hoje, quando esses mostram sinais distintos na prática das ações dos seres, eles continuam a gritar em busca de tal efetividade.

A Avenida Paulista apresenta uma espacialidade referente à *àgora grega*. Está entre as principais (possivelmente a principal) praça pública na constituição municipal, assim como a *àgora* na constituição da *polis grega*. De caráter essencialmente urbano, declara o processo de *complexificação* da sociedade apresentada nas dinâmicas que ressoam na cidade, modificando-a, e assim ampliando seu acesso, como ocorre também na *espacialidade grega*. Referem-se a *espacialidades* as quais apresentam como espaços da convivência com o *outro*, identificada como o espaço da cidadania, da manifestação pública, por excelência. Circundante entre mercados, feiras e edifícios ícones (entre eles os públicos), é também utilizado para cerimônias, eventos e busca de negociações.

Trata-se de um *tipo urbano* capaz de ser visto em muitas cidades, principalmente as da antiguidade clássica e da idade média européia, as quais já foram referências para a constituição de diversas cidades pelo mundo a fora. Apresenta-se como um espaço essencialmente de discussões políticas, como tribunais populares, enfim, da *vida pública* do cidadão. A busca por compor essa *tipologia espacial*, apresenta-se, repentinamente, em projetos contemporâneos, os quais, urgentemente, buscam ressignificar o espaço e as relações públicas dos últimos tempos. Essa vida pública se apresenta marcada pela exclusão, pelos limites e pelo controle excessivo no espaço urbano que se tornou em grande parte reflexo do individualismo exacerbado - fenômeno descrito no capítulo um -, refletindo na dissolução do ser cívico cidadão.

Entre as diversas narrativas possíveis de serem recortadas na Paulista, capaz adensar a presente análise sobre os diversos fenômenos contextualizado na cidade contemporânea, escolhe-se aqui o movimento da

população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT), o qual se apresenta delicado e de grande valor para a sociedade hoje. Tradicional na avenida há décadas e valorizado por todo o mundo, esse movimento busca o espaço da rua e as relações públicas, de forma a colocar-se, *corpo* e *ser*, no *estar* cidadão; esses corpos e esses seres, como a maioria que vive no meio urbano, se apresentam contextualizados em uma sociedade que exclui, agride e resiste à convivência. Portanto, trata-se de um grito pelo direito da *diversidade dos mundos*. A seguir, a advogada Bruna Pimentel Cilento poetiza esse movimento, em que pode ser compreendido, de forma sensível, sua dinâmica, o contexto social e a espacialidade tomada na dimensão no cotidiano dos seres nesse espaço.

PREPARADAS

Há um certo domingo em que todos os mares
desnudos cabem em uma única avenida.

Pura devassidão na estação paraíso.

A força dessa correnteza arrasta os corpos
coloridos e ébrios, que por ela passam e
encontra consolação no peito aberto e à
mostra do exército de damas de paus a
proteger seu curso.

A batida do coração se amplifica no ritmo da
vibração de milhares de anjos.

Eles movimentam suas asas na concretude
abstrata do asfalto quente

O fim desse leito é alagado na República, que
naquele entardecer parece até democrática.

Ao anoitecer, entretanto, a imensidão que flui
se dissipa, anunciando que esses corpos
antes iluminados, agora são puro resíduo
inerte na circulação da via.

(Bruna Pimentel Cilento, *coletânea acervo pessoal*, 2016)

No poema “Preparadas” (CILENTO, 2016), podem ser percebidas as a força e a dimensão social que a Parada LGBT dinamiza nesse *cenário*, um momento claramente efêmero nesse espaço (e no cotidiano de grande parte do mundo), o qual se efetiva, expondo uma correnteza de *corpos* que apenas *juntos* ganham a força do *ser*. No cotidiano cidadão, muitos deles são julgados e oprimidos (sistematizados) a ponto de limitá-los e impedi-los do viver *sensível*

a partir de suas *vontades de ser*; fragilizados, sem condições, de *corpos vazios*, apresentam-se passivos na prática cotidiana citadina. Nesse *movimento* único, deixam a passividade, demonstrando a possibilidade de colorir a cidade, se essa se apresentar de forma *aberta* a todos, em oposição à frieza abstrata de materialidades racionalizadas e em extrema organização – homogeneizantes –, essas pessoas que são discriminadas, no cotidiano, deixam de ser *massas* e se fecham em fluxos *inertes* nesse contexto. Percebe-se uma cíclica condição entre as materialidades e imaterialidades nessa composição urbana.

Parafraseando as duas extremidades da avenida, “estação *paraíso*” é identificada como a chegada – portanto, agrega-se valor de *lugar*, estabelecendo como o ponto de encontro de todos que, necessariamente, saem de outros locais, para *ser* e *estar* nesse espaço determinado e, enfim, presentificar essa ação de *caráter local* – *Paraíso* referencia seu real significado, uma dimensão *espaço-temporal* (momento) de grande valor para a população LGBT; *Consolação*, outra extremidade, compõe, junto à *Paraíso*, delimitadoras, onde, ao constituir um exército, a massa ganha forças para aliviar: deixando suas verdades *livres* e nuas. Percebe-se a consciência dessa delimitação espacial quando saem da Paulista, rumo à República, onde se institui como um segundo momento desse evento, ainda público, mas em busca de *infiltrarem-se* em *outro* contexto; o entardecer da praça da República possibilita *estar* sobre um caráter mais *subjetivo/intersubjetivo*, onde a lógica não é mais a manifestação/desfile, mas o desfrute com maior liberdade, dos *corpos ébrios* em comemoração.

Essa consciente distinção de *espacialidades* e contextos é fruto da interpretação dos próprios *seres* sobre os *sentidos* desses *espaços* como *existenciais*. Essencialmente, se apropriam de um discurso do significado o qual, na Paulista, já está construído, ou seja, conscientemente a escolhem por uma *permeabilidade social* já dada ao longo dos tempos, a qual determina seu caráter efêmero como *àgora grega*. Ações assim não se apresentam caracteristicamente autênticas quando, na escolha desse espaço, compõem mais um retalho, permitido, objetivado e reproduzido anualmente. A poetisa deixa claro essa dinâmica no seguinte trecho final: “[...] a imensidão que flui se

dissipa, anunciando que esses corpos antes iluminados, agora são puro resíduo inerte na circulação da via” (CILENTO, 2016).

Apona-se a convivência de temporalidades. Essas temporalidades são organizadas e constituídas na lógica da *totalidade* da Avenida Paulista; a cor e o calor dessa massa, apresentada nesse recorte *espaço-temporal* contemporâneo, são retratados como *anjos* e *damas*, mas que se dissolvem esse caráter *celestial* na retomada do cotidiano ao reconstituírem em *corpos* desmoralizados. Expressam-se como reflexos desse espaço que volta a se compor, como qualquer outro espaço citadino, onde, na maioria deles, coabita com a agressão do ritmo citadino, na exposição, de fato, em contatos com o *outro*, como já descrito. Esse *movimento* poderia ser dado por diversos nomes no propósito desse mesmo grito por interação, como são presentes diversos outros movimentos de méritos religiosos, econômicos, entre os inúmeros que lá ocorrem, como sobre os direitos e diferenças étnicas, de classes, de interesses sociais, ambientais, culturais, sob julgamentos, escalas e intensidade distintos. Envolvem esse espaço com a mesma dinâmica efêmera e voltam ao cotidiano, à *inércia homogeneizante* impulsionada pelos interesses materiais dos *seres* com maior poder de manipulação social e espacial.

Essencialmente, seu caráter cotidiano não se apresenta predominantemente de rua, por isso entende-se como efêmera sua espacialidade como *ágora grega*; são movimentos pontuais, onde são levados ao espaço público os diversos projetos sociais, que, nesse contexto, dedicam-se a um desfile que, ao caminhar ou escolher determinados pontos – geralmente os interesses são tradicionalmente fixados no vão livre do MASP -, convidam aos que se interessarem e partilharem de mesmos interesses, a se agregarem a essa massa em *movimento*. Percebem-se, por essas ações, vontades políticas: ação do *corpo* e do *ser*, *ativos* na cidade, ocupando o espaço da rua, assim como os diversos espaços possíveis e *abertos* a serem significados, como *espaço público* resignificando-o em diálogo com o momento histórico presente. Ainda, como foi possível de perceber nos diversos momentos de *inflexão espaços-temporais*, a predominância de um *cenário* progressista condicionado pelos valores econômicos e progressistas dados pelos impulsos do mercado – os quais dialogam com a exclusão e repressão

desmoralizante dos seres, referenciados anteriormente - impera no cotidiano desse *lugar*.

Composto por diversas *camadas/lugares*, o cenário constitui uma imagem de diversidade, de pluralidade, de direito, e que pode ser percebido como um caráter pontual que se lê de formas distintas, principalmente por sua composição, que se difere socialmente sobre os dias da semana e horários. Finais de semana, por exemplo, atualmente, é quando se predomina como espaço de lazer, com feiras livres e maior volume de *seres* nas ruas e calçadas em condições opostas ao fluxo de passagem, consolidada pelos vários usos, tanto habitacionais como empresariais e culturais, e o grande número de serviços somados pelo fato de envolver três estações de metrô nesses 2,5 quilômetros. Essa dinâmica de lazer é desenhada, pré-determinada, por legislações como seu fechamento que impede a passagem dos carros aos domingos, ampliando seu desfrute como espaço de lazer/turismo; são determinações que proporcionam urbanidade, ainda que fragilizando o caráter autêntico da *ação/apropriação* desse espaço, como espaço-público da *ação subjetiva/intersubjetiva*, a qual é concebida necessariamente pela criatividade dos seres que a ocupam, sob um caráter, de fato, *libertador*.

Essas, entre as diversas ações contemporâneas, são relativizadas por suas condições *tipológicas espaciais*, agregando sentidos de *espaços existenciais* singulares, como na Paulista. Algumas dessas outras camadas fenomenológicas que convivem e compõem esse patchwork de narrativas, podem ser vistos em *fragmentos existenciais*, como os vários artistas de rua, desde artesãos e músicos até poetas e atores – esses desfrutam da arte como marketing de caracteres sociais ou pessoais, aparentemente conscientes dessa escolha espacial ao integrarem esse cenário; presencia-se também o comércio formal e informal, regendo com grande força por atuarem, ambos, em diversas escalas – localizam-se grandes marcas transnacionais e convivem com os ambulantes formalizados ou não, que atuam como vendedores de discos e objetos de antiquários em halls e foyers de edifícios, até os hippies e artesãos de rua e os vendedores de artigos piratas, bastantes presentes ao longo do caminhar nas calçadas.

O estrangeiro e o território da indiferença?

Exibem-se particularidades que buscam o direito a cidade, o direito de *estar* e *ser* no espaço citadino? Esse está entre os principais paradigmas sobre a Avenida Paulista, pois, independente de representarem a luta por espaço onde se declara a luta por sobrevivência, presencia-se nesse contexto o que se descreve como qualidade de urbano, no sentido mais superficial da palavra. Em busca de compreender o que de fato isso significa, coloca-se então outra questão a ser refletida: ainda que vista como um cenário, apresenta-se efetivamente como espaço de *todos*? Ou espaço *coletivo*?

Em busca de trazer à vista algumas das *membranas* que tecem esses *retalhos*, vale pontuar algumas questões trazidas como *poros físicos* e *poros sociais*, a seguir de forma mais clara. Em termos físicos, as diversas morfologias presentes são bastante visuais nesse caso da Avenida Paulista, desde as escolhas pelo sítio, e assim possibilitando sua constituição morfológica em relação à cidade, ressoando em suas relações *intra-urbanas* de caráter local a qual envolve seu entorno imediato e compõe uma importância ao *infiltrar* seus sentidos e significados por toda a cidade. Essa capacidade de infiltração sobre um caráter imaterial traz as possibilidades de compor *identidades*, manifestando tal capacidade como *permeabilidade social*, dada pela força *existencial*, processo descrito no início deste capítulo. Voltando às suas características físicas, toda sua transformação, desde suas origens, trouxe a imposição, mesmo que pontual, de interação entre os espaços, como descrito na relação do parque com o belvedere, do paisagismo dos lotes com o paisagismo da rua, hoje interpretados pelas possibilidades da infiltração das calçadas e desfrute dos térreos ativos de alguns edifícios.

A alta tecnologia de infraestrutura destoa de forma extrema sobre o todo da cidade e mostra sua importância na escala da cidade (e também nacional). Tais características compõem *poros físicos* intencionalmente construídos a compor *urbanidade* e *abertura* de desfrute dos *seres* nesse espaço. São condições propostas que apresentam continuamente seu arranjo controlado - ainda que fragilizado por autenticidades pontuais importantes para o *ser* e *estar* na vida pública - e ainda assim, contribuem para a vitalidade da formação e

estruturação urbana do espaço público e da rua. Essas são algumas de suas características que demonstram o valor de se estudar os espaços como *tipos espaciais*. Nesse caso, contribuem diretamente para dinamizar o *espaço existencial*; mostra-se aqui a capacidade de traçar possíveis convivências entre os *modelos* psíquicos-espaciais homogeneizantes, impostos pelos impulsos globais de *mundialização* da cidade, através da *abertura* da possibilidade de conciliar o *espaço existencial*, ainda que efêmero e ainda que controlado, *ativo*.

Buscando não traçar uma densa crítica como qualidade arquitetônica ou definir como ideais do que se entende como espaço-público na cidade contemporânea, vale aqui ressaltar o que se apresenta entre suas principais *membranas sociais*: um espaço que otimiza *voz* aos *seres*. Valoriza-se a capacidade de, por esses movimentos, impulsionar esses sentidos que se apresentam efêmeros, para uma prática cotidiana de *ser* e *estar*, a partir da prática da *cidadania* e da *civilidade*. Na composição dos espaços-públicos como espaço de *todos*, deve-se ressaltar o direito de pertencer e construir, dotando diversos valores tecidos de forma *coletiva*. Percebe-se que, preso a essa espacialidade relativamente aberta, só ganha força em momentos de interação e composição de uma massa, uma *ação coletiva* resultante do que diariamente se apresenta apenas como espaço de *todos*, não necessariamente como camadas de interação, dando o sentido de *território do estrangeiro*, típico de espaços manipulados direcionados intencionalmente por um ideal *verticalizante* de transformação.

Predominantemente, o cotidiano dos últimos tempos tem sofrido os impulsos e determinações que impedem sua assimilação como um espaço efetivamente *coletivo*, digno de espaços e ações *horizontalizantes*; assim, reafirma-se sua leitura como um *cenário*, onde mantém a capacidade de se reformular sempre por *materialidades* e *formas*, não asseguradas pela *infiltração* de fragmentos capazes de se *emulsificarem* - retomando as metáforas biológicas e químicas, as quais aqui se entendem por seu valor a qual toda materialidade está naturalmente sujeita -, a capacidade de efetivar uma dinâmica *coloidal* entre distintas propriedades, como a interação e recomposição em uma *terceira materialidade*, em que líquidos, em *condições normais* se dissipariam, se integram.

A autenticidade ativa sobre a permeabilidade da Praça do Ciclistas

Foi possível apresentar a Paulista como um conjunto de partes, conduzida por um funcionamento sistêmico, o qual segue lógicas e consciências espaço-temporais, que compõem uma determinada *dinâmica cultural*. Ainda que esses fragmentos possam ser lidos por distintas peculiaridades, denotam ritmos os quais se identificam com essa *totalidade local*, apresentando uma paisagem que ganha complexidade conforme se lê suas tramas, morfologias e sociabilidades. Como um grande exemplo dessa composição complexa de *espacialidades*, a Praça do Ciclista se manifesta destoante de seu contexto, possibilitando ser apreendida por seu caráter inerente ao *ser urbano contemporâneo* onde intensifica-se a *dinâmica da emulsificação*, definido anteriormente, como resultante do diálogo entre *poro físico e poro social*.

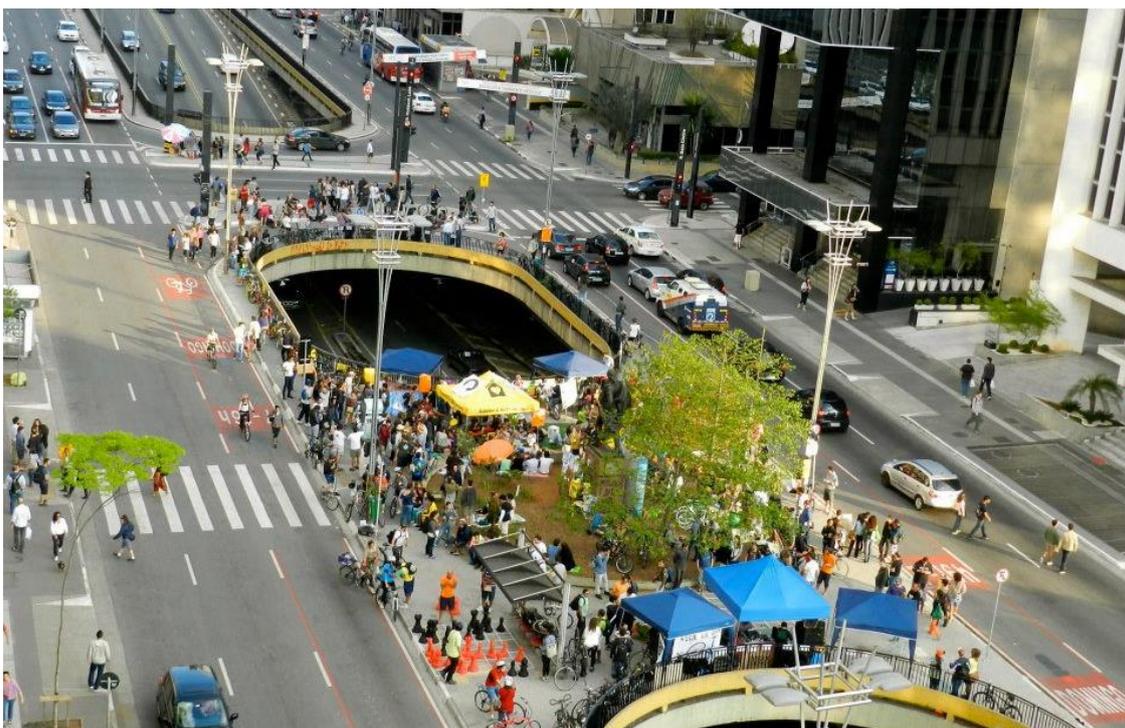


Figura 45. Avenida Paulista - Praça do Ciclista.
(Fonte: Ian Thomaz)

Trata-se de um espaço ocupado entre os *vazios* dos túneis que chegam à leste da Paulista, o qual apresenta indícios de um novo contexto possível, entre as relações e caminhos de apropriação de *espaços públicos* na cidade contemporânea. Tomado por ações diversas, naturalistas plantam produtos

orgânicos em um espaço em que convivem com os skatistas e patinadores - momento em que este, torna-se pista de manobras, principalmente no início das madrugadas. Depois dos polêmicos movimentos de ciclistas nos últimos tempos e os acidentes que marcaram essa época, tornou-se ponto de encontro de *bicicletadas* pela cidade desde 2002, um costume contemporâneo para a cultura da cidade. São alguns dos movimentos que alimentam as possíveis transformação do cotidiano da Avenida Paulista, como espaço público por excelência.

Este espaço, se apresenta como uma parte de uma *espacialidade* maior, a qual se manifesta sobre uma relação com o todo da cidade, determinando-o por uma *espacialidade móvel* e ampla. Extrapola seu sentido de onde se localiza, o seu contexto onde se materializa como parte desse cenário; eventualidades se apresentam como força constituidora da espacialidade – impulsos dados pelo *espaço existencial*. O fenômeno do *movimento* está implícito em sua dinâmica: se identifica como ponto de encontro para explorar a cidade; entende-se que, ao ser identificado como parte de uma importante paisagem, se apresenta como ponto, de início/de fim da paulista, onde necessariamente se amarra a *outras especialidades* (dadas pelos diversos circuitos possíveis determinados pelos coletivos organizados – conexão com a cidade). Apresenta uma dinâmica não necessariamente circunscrita a Paulista, pois nessa via presencia-se também ao longo de seu caminho, um determinado movimento de ciclistas conduzido pela ciclovia; este último é melhor interpretado como fluxo, e não como *calor* resultante da ação social legítima, ou seja, das *vontades de ser no mundo*.

A Praça do Ciclista, é dinamizada pelo o que se entende aqui como *permeabilidade*, a presença do poro físico – desenho aberto a ser ressignificado espacialmente -, se apresenta como facilitador na prática de proporcionar ações dominantes as quais partem de uma esfera pública de escala local e ressoa com força sobre a cidade. Este se apresenta como um exemplo que, nos últimos tempos, aparecem como *oásis* na paisagem urbana: o ser em busca de *poros* - espaços que permitem a *criação*, o agir *subjetivo* (ainda que sejam sobre um discurso cívico), em oposição à rigidez da cidade, em busca do desfrute efetivo da liberdade se *ser/estar* no espaço público.

CAPÍTULO 3

No processo de estruturação urbana, leem-se morfologias e narrativas, as quais constituem as camadas de inflexão espaço-temporais. A partir do adensamento da análise de condições específicas de tipologias urbanas, é possível identificar as forças e os limites que resultam as várias formas de segregação por espacialidades e segregação por sociabilidades na esfera urbana. Assim, com o caso do Largo da Batata (SP), identificam-se as várias escalas de perceber poros urbanos a partir de ações de resistência. Tecidas por um tempo artesanal, composto de temporalidades lentas, há uma cultura urbana em construção, que ganha força a partir de coletivos organizados que buscam ressignificar o espaço público contemporâneo; **se apresentará as continuidades, descontinuidades e ações no espaço público (o caso do largo da Batata - SP)**

Qualificando o espaço e produzindo *lugar* na metrópole contemporânea

Ao incorporar o processo de estruturação urbana da cidade contemporânea relacionando-a com a formação da *polis grega*, orienta aqui, a compreensão sobre as lógicas de compor *lugares* ao longo dos tempos, a partir do significado e na composição dos símbolos que retratam, como apresenta o arquiteto e urbanista Flávio Villaça (2012), um “conjunto vivo de instituições sociais”. Na materialização dessa esfera citada, o que se apresenta como qualidade espacial esteve diretamente ligada aos sítios geográficos e suas especificidades de cada contexto presente nas diversas realidades da história humana, como no caso da paisagem Avenida Paulista como narrativa apresentado no capítulo dois; as escolhas e transformações geográficas se mantiveram, portanto, na maioria das vezes condicionadas a *estratégias existenciais*, as quais denotam suas consciências e *vontades de ser no mundo*, fatos apresentados ao longo dos capítulos anteriores.

Nesse processo de estruturação da cidade, são presentes três espacialidades principais para esta análise: a *acrópole*, localizada em sítios altos das elevações do relevo; a *àgora*, localizada na parte mais baixa do

relevo, onde geralmente se constitui o centro cívico; e a zona rural, onde se localizavam as transações agrícolas que abasteciam a cidade. Essas, entendidas aqui por *tipologias espaciais fenomenais* distintas, agregam grandes valores simbólicos que vieram se metamorfoseando nas formações das cidades que as incorporavam para compor um sistema organizacional do espaço da cidade. Inicialmente, na antiguidade clássica e em muitas culturas pelo mundo a fora, a *acrópole* era apreendida como uma espacialidade capaz de aproximar-se dos deuses, onde se consolidava a vida religiosa e ações coerentes a esses valores enobrecedores; já a *àgora* manteve características ligadas a vida pública, de caráter civilizante, onde se desenvolvia a vida política e as trocas comerciais.



Figura 46. *Pólis* ateniense, Grécia - ao centro, identifica-se a *acrópole*.
(Fonte: BLÜMER, J.E. 2015)

O “domínio da natureza como condição de libertação humana” abriu novos caminhos a partir do Iluminismo, trazendo seus reflexos para os últimos tempos vivenciados e assim diversas composições de paisagem (VILLAÇA, 2012). Esses domínios mantiveram afloradas *qualidades existenciais* que se materializaram por diversas *formas-conteúdo* (SANTOS, 2006). Essa lógica produziu espaços urbanos diferenciados a partir do *exercício de dominação*,

que ganhou força em uma progressão aritmética, conforme a sociedade ampliou sua complexidade, até os tempos de hoje. Essas transformações podem ser relacionadas às origens da *polis* conforme se percebe as diversas organizações espaciais que buscam ainda enobrecer os valores dos seres humanos que determinam a força de produção desses espaços.

Continuando esta reflexão, é essencial a compreensão de que essas transformações, que possibilitam dinâmicas próprias de compor *lugar*, são irreproduzíveis, justamente por serem carregadas de significados particulares e específicos, em que “pontos com diferentes valores de uso e de significação oferecem diferentes possibilidades de contato com os demais pontos” (VILLAÇA, 2012), e, necessariamente, dialogam entre as dinâmicas *existenciais* e suas diversas *espacialidades*. Essas características são alguns dos parâmetros que constituem as *permeabilidades sociais* que atuam sobre diversas escalas, mas, em especial, denotam caracteres a partir de *identidades locais*.

Segregação urbana por espacialidades e por sociabilidades

Estruturação urbana do Largo da Batata: *tipologia urbana* em comparação por semelhança/diferença com a Avenida Paulista, em São Paulo

A partir de modelos simplificados de estrutura urbana (VILLAÇA, 2012) que contribuem para compor estas análises de *tipologia urbana* e suas condições de compor *poros urbanos*, apresentam suas morfologias e seus diversos processos de estruturação que vieram a compor as espacialidades e sociabilidades hoje (cidade se apresentando como sítio arqueológico). Assim, agregando-os às teorias levantadas até aqui, junto aos exercícios de análises das diversas narrativas, se apresentam alguns dos *movimentos* e *processos* presentes na transformação da paisagem de uma metrópole brasileira contemporânea e sua morfologia.

Villaça (2012) segue a afirmativa de que as metrópoles brasileiras tipicamente caracterizadas como cidades capitalistas são estruturadas a partir de uma disputa que coloca em questões interesses contraditórios intra e inter-classes. Nessa sociedade onde as diferentes classes sociais têm condições distintas de *acessibilidade* – essa entendida a partir da mobilidade urbana, dos fluxos e atividades do cotidiano, partindo das particularidades de cada

realidade social -, apresenta-se um tipo especial, intenso e consolidado, de *segregação urbana*. Essa se caracteriza ainda hoje essencialmente por *espacialidades* e por *sociabilidades* que constituem materialidades urbanas a partir de *sistemas fechados*, marcados pela homogeneidade no cotidiano de cidades compostas por lógicas de *espacialidades*, tanto *arquitetônicas* quanto *fenomenais*, *aporosas*.

A seguir, será apresentada parte da lógica que desenhou e condicionou o desenvolvimento da cidade de São Paulo, a partir da estruturação progressista do vetor sudoeste de uma cidade nitidamente em busca de progresso; a partir do estudo de caso do Largo da Batata, o qual faz parte deste vetor, será apresentada uma leitura de um processo contemporâneo de uma *cultura urbana* em formação; ainda acredita-se que esse lugar mantenha uma dinâmica *legítima* de sociabilidade (percebidas como *permeabilidades sociais*), em contraste com a lógica global de transformação desse espaço público urbano condicionado pelos processos de mundialização e descaracterização - de sua essência como *lugar*.

Foi visto, anteriormente, o caso da Avenida Paulista, em que os seres que têm o poder de movimentar as transformações do espaço são os que têm capacidade de escolha e forças que impulsionam grandes intervenções urbanas; esses são os agentes que buscam as geografias que, como descreve Villaça (2012), “lhes pareça mais conveniente, segundo os cânones da época, o que inclui a moda [...]” e assim dinamizam o que “se perde” e o que “se ganha” em relações aos valores - atingindo tanto a esfera do capital quanto a esfera do simbólico. Presencia-se um quadro de condições e necessidades que qualificam de formas distintas os *lugares* dos seres, categorizados por classes e seus contextos espaciais, distinguindo-os a partir de uma extrema frieza racional, a qual fragiliza as condições de afirmar e compor *poros urbanos*. As segregações – e principalmente a *gentrificação* -, são fenômenos radicalmente opostos ao que se apresenta como realidades *permeáveis de sociabilidade*. São também os fenômenos simbolizados pelos muros, tão presentes nas organizações mais crescentes na formação da cidade hoje.

Villaça (2012) descreve que, na cidade tipicamente capitalista, o Estado atua como produtor indireto, com as legislações urbanísticas que, ao

regularem, incentivam muitas vezes as ações privadas – essas atingem de forma privilegiada exacerbada apenas uma pequena parte dos *seres cidadãos*, tornando a grande maioria claramente desfavorecida nessa totalidade. Esse fato é apreendido nas narrativas das ações civis atuais a partir dos movimentos de busca por urbanidade na cidade contemporânea, citadas no capítulo um, momento em que se apresentou uma dimensão de ações sociais que unem o “lado mais fraco” em relação a essa teia complexa de diversas esferas econômico-sociais, segregando-os dos direitos sobre *ser/estar* na cidade.

Apresentada como reflexos dos impulsos globais e da composição de uma *paisagem passiva*, a *paisagem globalizada* pode apresentar a intervenção pública de forma indireta, ainda que essa ação seja um fato. Essa dinâmica vem sendo urgentemente analisada com o processo de transformação dos *centros* das cidades, que atinge principalmente as grandes metrópoles. O centro pode ser estudado como um exemplo de *tipo urbano*, que mantém uma complexa relação sobre uma *ativa* disputa pelo controle de *tempo* e de energia de deslocamento na relação intra-urbana, condicionado por valores da comunidade como um todo (VILLAÇA, 2012). Os vetores de progresso e essa relação de luta por espaço qualificado como *centralidade* são descritos por Villaça (2012) a seguir:

“A aglomeração em um único ponto é impossível; logo, alguém será obrigado a se afastar. Cada forma social desenvolve um mecanismo que regula essa questão [...] na cidade capitalista contemporânea é o mercado.” (VILLAÇA, 2012, p.238)

Portanto, agrega-se valor de uso nessa disputa espacialmente necessária, em que o *centro social* não é identificado a partir de um centro geométrico em relação à totalidade do território. Em sua origem, o sentido *simbólico* é qualificado como centro econômico, religioso e, enfim, uma compilação de categorias de uso e serviços de importância para toda a cidade. Na *polis*, a *àgora* se apresenta referente aos *centros* que se constituem a partir de qualidades dadas como essas descritas sobre seu valor simbólico; se compunham por edifícios públicos de caráter civil como fóruns, mercados públicos, e cada vez mais atividades e serviços que atendiam os afazeres e necessidades cotidianas da cidade. Já a localidade identificada como *acrópole*

se distinguia em especial, como *tipos espaciais fenomenais* materializadas a partir de valores referentes aos deuses, por relações de proximidade com o céu; na cidade capitalista, esses valores são dissipados, e assim o valor manifestado pelos deuses, em sua origem, é substituído pelo *status*; sendo assim, esse *lócus* simbolizado pelo *status* também pode ser caracterizado como *centro* hoje, onde, qual nas grandes metrópoles, é identificado, geralmente, como *centralidades principais*.

A *centralidade* na urbanização contemporânea é percebida através de um processo de dissolução geométrica a qual não se associa necessariamente a condições de fluidez – portanto também não necessariamente atingem composições *porosas*. Identificam-se possibilidades de manter várias centralidades consolidadas por toda a cidade (cidades entendidas como *poli-nucleadas*), e, com o tempo, a predominância de centralidades especializadas, presentes na composição do novo modo de vida dos seres e suas novas necessidades e demandas que vieram com a modernização. Assim, o processo que compõem sua trama de atividades e organizações é materializado de formas distintas em cada metrópole, mas dirigido nessa mesma lógica estruturada pela fragmentação/distinção espacial, dirigida pelo mercado. O caso de São Paulo se apresenta um exemplo particular, ainda que inserido dentro dessas descrições levantadas até aqui e assim reflete em sua estruturação urbana, apresentada adiante.

A narrativa apresentada a partir da paisagem da Avenida Paulista mostrou, *a priori*, condições diretamente constituídas por *permeabilidades físicas*, identificadas a partir de suas particularidades morfológicas que se apresentam como um conjunto de espaços públicos ativos na contemporaneidade. Na busca por ler suas diversas camadas, foi percebida também uma determinada *permeabilidade social* - já constituída e aceita e que ainda se mantém em transformação, em *movimento*. Condicionada sobre seus significados ideológicos de origem e composta por sociabilidades e espacialidades pré-definidas, a Paulista se apresenta sob um sistema aparentemente contraditório.

A partir de uma percepção empírica-sensível, recorta-se aqui a localidade do Largo da Batata, situado no Largo de Pinheiros, o qual dá

indícios *existenciais* a partir da força presente – identificado neste estudo como momento de inflexão espaço-temporal atual-, como significante de ser lida com maior profundidade e cautela. Mas, *a priori*, comparam-se ambos os contextos a partir da busca por compreender que se tratam de dois *tipos urbanos* distintos, dentro das diversas categorias possíveis de *tipologia urbana*: uma *centralidade linear* e a outra uma *centralidade nucleada*. Essas contribuem para entender distintas condições de *porosidade urbana*, a partir de uma escala maior, a escala da cidade (apresentando a possibilidade de *poros* serem lidos e construídos sobre diversas escalas de estruturação intra-urbana) e ainda mostram distintos reflexos na escala do *lugar*, dinamizados a partir de especificidades de seus contextos tipológicos.

A *centralidade linear* não configura necessariamente como uma linha que conecta dois pontos, mas, sobretudo, a força que ela exerce na escala do município e a dimensão qualitativa que atinge seu entorno imediato e ressoa em seu entorno próximo. Essa descrição é a que a categoriza como *centro*, portanto essa linearidade se apresenta entre os diversos *tipos de centralidade* possíveis dentro desta *tipologia urbana*. Pouco convencional, o valor da leitura sobre algumas particularidades da Avenida Paulista permite compreender esse *tipo urbano de centralidade*; apresenta marcos de importância na construção e na legibilidade da cidade, compõe um quadro particular de usos e serviços que qualificam e identificam com importância de escala maior do que seu reflexo no entorno imediato.

No caso da Paulista, seu caráter linear se difunde de forma atípica com seu traço geográfico em acrópole; ambas as características contribuíram para a formação morfológica de sua materialidade ao longo dos tempos, com o apelo sobre sua força ideológica e seu papel com impulso transformador de modernização da cidade. O original sentido da acrópole ateniense se manifesta pela composição geográfica e organizacional da cidade sob um sítio elevado, ressignificado ao longo das histórias da cidade sem perder seu essencial caráter de *locus* nobre das principais estruturas arquitetônicas de importância identitária com o todo no território.

Essas são características essenciais que compõem a força exercida da Paulista desde seu início e ainda hoje. Algumas dessas relações visuais com a

paisagem foram perdidas pela verticalização local e de todo seu entorno, amenizando esse papel significativo da altura geográfica do espigão Paulista. Entretanto, elementos como a infraestrutura (que é sofisticada, se comparada ao todo da cidade) e os grandes edifícios (como foi descrito nas narrativas do capítulo dois) mantêm essa arquitetura como comunicação ideológica a partir de abordagens específicas sobre linguagem e sua importância atingida por uma multiescalaridade.

Já o caso do Largo da Batata, aparentemente mais compreensível ao ser visualmente mais comum sobre sua forma geométrica, apresenta uma *centralidade nucleada* onde inicialmente foi caracterizada como ponto de chegada. Constituiu-se sobre uma lógica que demorou a ressoar reflexos que atingissem o núcleo central em desenvolvimento, assim como não atingiu, até poucas décadas atrás, relações diretas e ideológicas com resto do território, como aconteceu de forma acelerada no caso da Paulista. Distinguindo-se também do que se entende como periferia moderna por conta de sua localidade em relação ao centro em desenvolvimento, sua estruturação segue um processo de nucleação, desde seu início, ainda não identificada como área urbana, e, posteriormente, a cidade moderna incorpora essa centralidade, em um momento histórico coincidente nas diversas cidades brasileiras que davam indícios dessa identificação de poli-centralidade.

Esse *lugar*, conhecido como Largo da Batata, composto por forte caráter identitário *local*, contrapõe-se à lógica de origem e consolidação da Paulista, e, sobretudo, sua trama social rica em ações simbólicas, constituem valores de memória coletiva. Apresenta-se como um núcleo resultante da conformação de caminhos, portanto um eixo estruturado nas condições de fluxos e atividades que ali eram dinamizadas, e assim se desenvolveram de acordo com os sentidos próprios existenciais. Ressignificou, ao longo dos tempos, seu sentido como *àgora*, pois esse caráter se manteve até hoje resistente às lógicas da cidade moderna e pode ser incorporado, de fato, como *àgora* da *pólis* contemporânea: lugar de expressão civil e atividades cotidianas de trocas e fluxos citadinos. Esse contexto se manteve ilhado na dinâmica de relações e estruturações intra-urbanas do vetor sudoeste, ainda contextualizado pelas

forças de relações regionais; mas hoje se identifica como uma centralidade nucleada, típica da cidade contemporânea.

Tratam-se de *tipos urbanos* categorizados como *centralidades*, distintos, os quais geram também percepções e interações particulares da relação *corpo/espaco* e *ser/espaco*. Tratam-se de manifestações em diálogo entre o que descreve como *espaços existenciais* e *tipologias espaciais* na formação e na estruturação do urbanismo contemporâneo. A partir do Largo da Batata e sua transformação ao longo dos tempos e sua relação intra-urbana, apresenta um caso atual de interação/transformação/ação entre o que se apresentou ao longo desse estudo que implica necessariamente o *corpo* e o *ser* no espaço, que contribuirá para arrematar esta presente abordagem sobre *porosidade urbana* e sua breve complexidade na construção material e imaterial.

Ambos os contextos são válidos para essa descrição sobre o vetor sudoeste de desenvolvimento e evolução urbana do município, pois ainda esclarecem duas distintas formas de *segregação urbana* – caracterizadas tanto por *espacialidade* quanto por *sociabilidade* -, de acordo com os estudos de Villaça (2012), da seguinte forma: um modelo de superposição de um sítio social sobre um sítio natural, transformado em um processo em que “afeiçoando os espaços às suas exigências”, os seres alteram conscientemente e intencionalmente o espaço geográfico, por manipulação do poder de controle na prática de geografiar da paisagem, assim se referencia o caso da Avenida Paulista em sua origem. Segundo, outro modelo é manifestado pela disputa entre atividades e pessoas por dada localização, onde a lógica imposta pelo capital determina um conflito violento entre a *diversidade dos mundos*, onde essas formas se manifestam especialmente nas operações urbanas, em especial neste caso do Largo da Batata (Pinheiros) em seu contexto contemporâneo, que está se apresentando neste capítulo.

A lógica das transformações na reestruturação urbana do Largo da Batata: morfologia e sociabilidade hoje.

Vale ressaltar aqui que esses lugares escolhidos para a abordagem dessa pesquisa não foram inicialmente identificados sobre o mesmo sentido geográfico de evolução urbana do município de São Paulo. Esse fato,

percebido ao longo do estudo, não interferiu de forma que sugerisse a necessidade de reavaliar o caminho pré-determinado das abordagens, pois se têm aqui esses como espaços públicos urbanos contemporâneos com dinâmicas próprias de cultura urbana válidos de serem apreendidos; mas tal percepção que veio surgir reafirmou a importância de buscar leituras das morfologias e das lógicas de estruturação urbana somadas às narrativas, nas quais esse processo manifestou com maior amplitude o enriquecimento sobre as abordagens que assim se mostram concretas e mais densas de valor.

Ainda, tornou-se possível relacioná-los, Avenida Paulista e o Largo da Batata, à contemporânea lógica de produção - e reprodução - presente nas cidades contemporâneas, as quais condicionam as atuais – assim como algumas das novas – dinâmicas de sociabilidade no/com espaço urbano. Enfim, a partir de indícios sobre a *estruturação urbana* da cidade em questão, o vetor de desenvolvimento sudoeste amplia a possibilidade de compor a história do pensamento urbanístico hoje, por distintas realidades de *fruições públicas* manifestadas por composições de *permeabilidades* particulares na construção de cotidianos condicionados pelos impulsos globais presentes nessa esfera. Assim se apresentará a seguir.

O desenvolvimento sudoeste paulista: morfologia e algumas lógicas de estruturação urbana

A localização geográfica do município de São Paulo desenvolveu sua morfologia inicial a partir de um núcleo urbano, onde se consolidou um centro econômico, jurídico, de serviço, enfim, serviços e edifícios tipicamente de *centro simbólico*. Essa centralidade formada se estabeleceu condicionada pelos rios Tietê e Tamanduateí – esse último caracterizado pelo vale do Anhangabaú – assim como pelas entradas (caminhos principais) que o comunicava com Santos no sentido mais ao sul, Rio de Janeiro, a leste, Jundiaí, mais ao norte, posteriormente caracterizadas essencialmente pelas estradas de ferro na segunda metade do século XIX como São Paulo Railway Company (Jundiaí-Santos) e a Central do Brasil (Rio de Janeiro).

Com a expansão desse núcleo urbano, o conhecido Brás marca o aparecimento do primeiro *sub-centro* do país (VILLAÇA, 2012);

caracteristicamente, essa localidade agrega serviços e, assim, uma dinâmica de centralidade com um caráter *local*, mantendo distinção em relação a especificidades do centro tradicional de valor sobre a totalidade do território. Esse *sub-centro* foi diversificado e vivo até meados das décadas de 1950/1960, quando inicia sua fase de *decadência* - identificada pela ocupação da população de menor renda ao ser deixado pela população de maior renda – esses últimos tomaram o sentido *oeste* a partir daí. Instaure-se um segundo momento de estruturação urbana, o qual se manifesta vencendo o transbordo do vale do Anhangabaú - até então um sítio identificado como uma barreira natural a ser superada.

Esse momento reafirma o sentido *oeste* de adensamento das camadas de maior renda do município de São Paulo; manifesta-se uma lógica de expansão coerente ao seguir o sentido das formações morfológicas já presentes, consolidadas a partir dos principais caminhos de conexão leste/oeste. Esse novo sentido buscou a intencional distinção entre espaços a partir da distinção entre as realidades das classes sociais, construindo uma “nova cidade” (nos bairros Santa Cecília e Água Branca), dividindo-a em duas partes, onde o centro antigo e o adensamento leste foram tratados como “cidade velha” (localizando a Luz, Brás, Santana, Liberdade) (VILLAÇA, 2012). Como já dito, o fenômeno de deslocamentos espaciais são grandes responsáveis para as transformações e seus sentidos de construção da cidade, reafirmando esse fenômeno a partir do que se descreveu nos dois momentos de inflexão espaço-temporais anteriores.

Acredita-se aqui em um terceiro momento que veio fortalecer a materialização da classe dominante a partir de ideologias particulares que incentivavam a tendência crescente da concentração homogênea de classes, distinguindo-os prioritariamente pela localização geográfica e assim os serviços específicos a atender a classe de maior renda. Acentua-se o poder de manipulação do que se entende de forma egocêntrica como progresso para a cidade. Assim, no final do século XIX e início do século XX, determina-se um novo sentido de ocupação que se materializa necessariamente por segregação urbana: o sudoeste, conhecido como espigão da Paulista - nessa época, essa localidade era identificada ainda como área rural -, instaura a nova lógica de

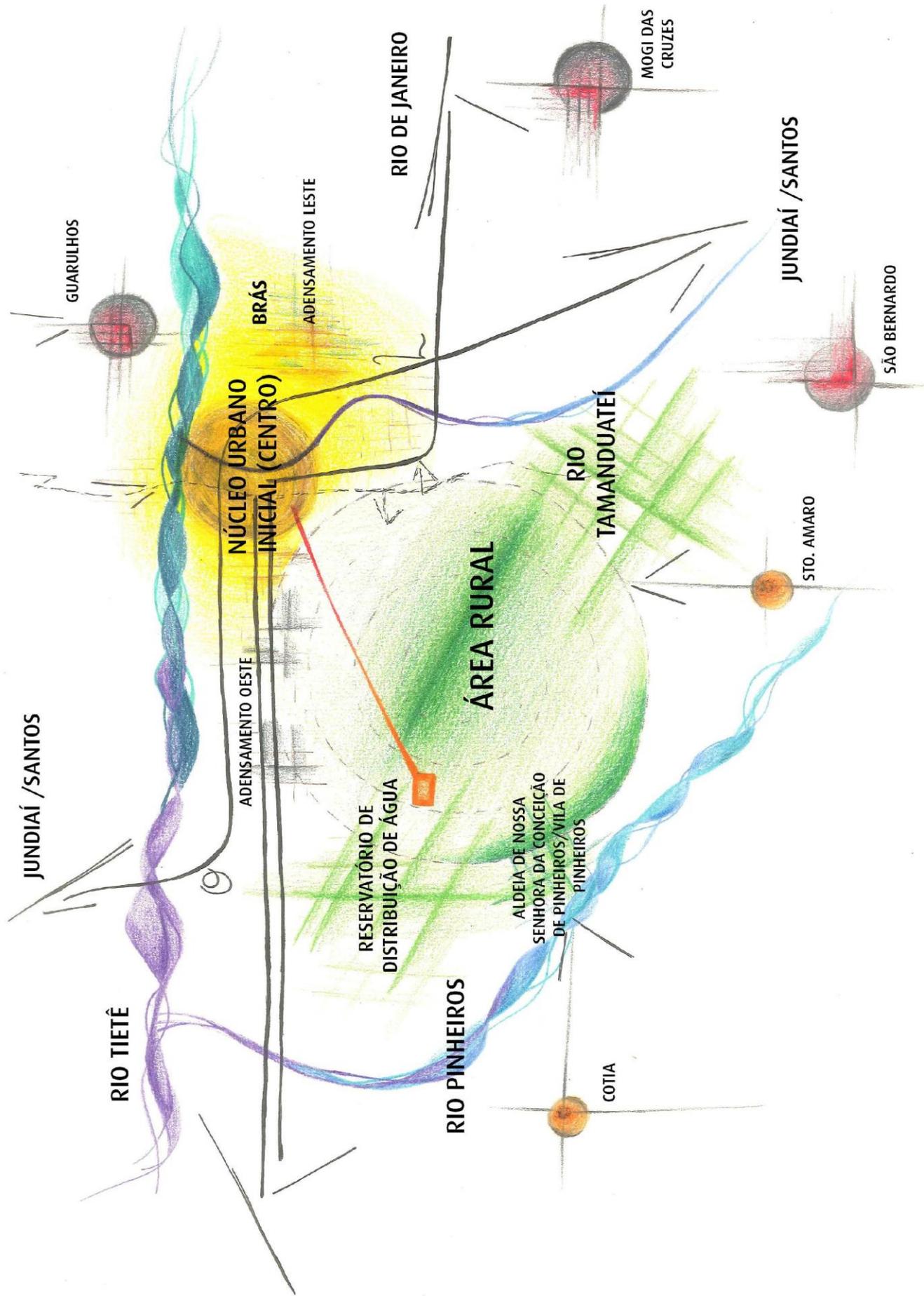
estruturação urbana. Esse processo intensifica a distinção entre uma “ocupação tradicional” (mantida mais no sentido norte/leste) e a “ocupação moderna” (sudoeste). Área atraente, divisor de águas, veio com a força de um “transplante de Paris para o planalto” (VILLAÇA, 2012); esse forte impacto ideológico e urbanístico na estruturação urbana apareceu descrito nas narrativas apresentadas no capítulo dois de forma direta pelo cronista Gê sobre a Avenida Paulista.

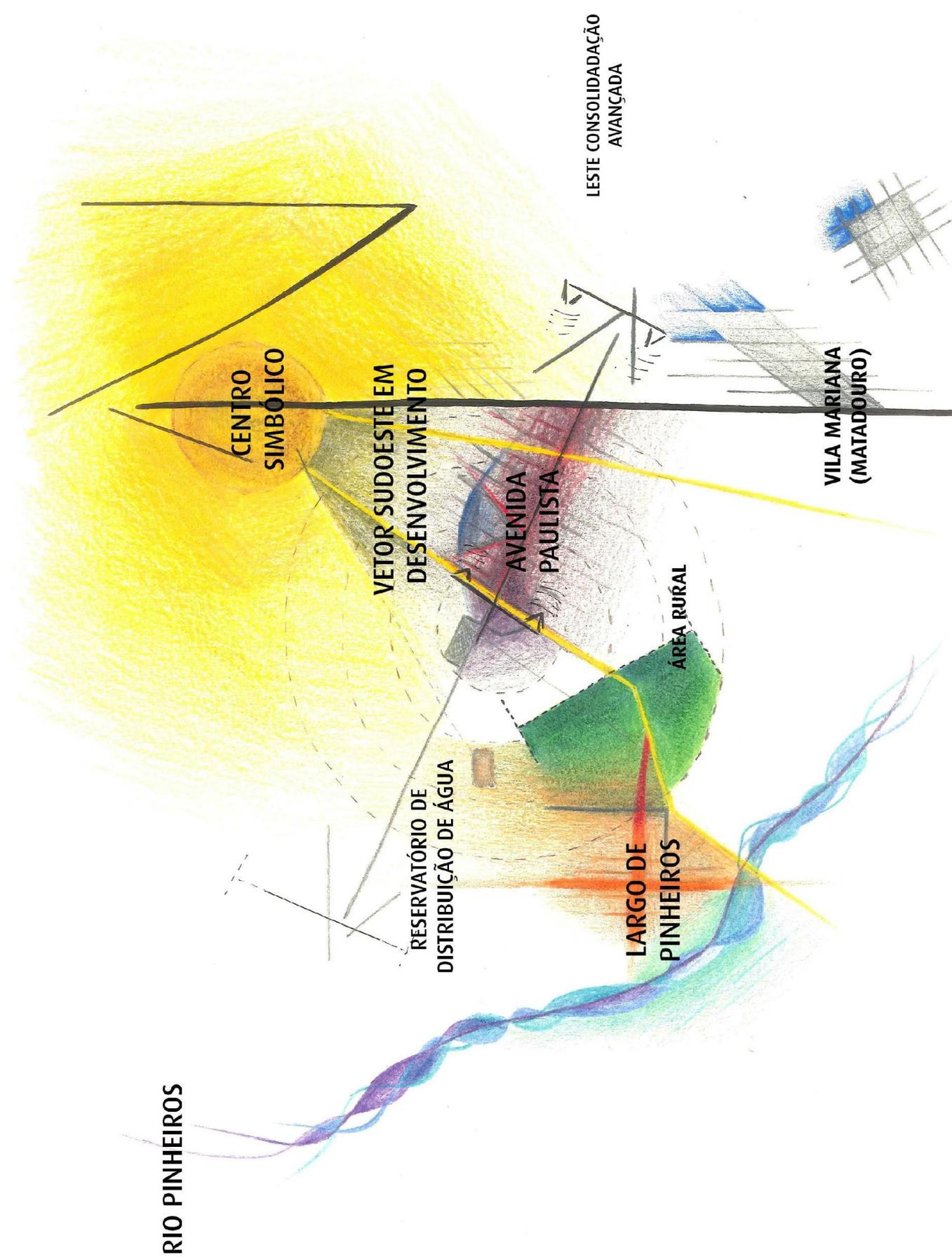
Essa ocupação moderna foi possibilitada, desde a ocupação do espigão Paulista, por um novo padrão de *mobilidade espacial*, inicialmente impulsionado a partir da implantação dos bondes em uma parte da cidade, suas vias se ampliaram posteriormente para receber os automóveis e maiores fluxos. Devido a esse novo padrão manifestado pelo automóvel, com o tempo, foi imposta uma produção de infraestrutura urbana “pela” e “para” atender as dinâmicas da população de maior renda (VILLAÇA, 2012). Ou seja, quanto maior o adensamento dessa população de maior renda a sudoeste do território, mais atraentes se tornava a locação de equipamentos urbanos e serviços e, portanto, mais se valorizava essa área. Essas características agregavam ainda mais *status* à Avenida Paulista, que, nessa época – meados de 1940/1960 -, passava pelas renovações progressistas de verticalização, entre as diversas transformações já descritas no capítulo anterior.

Assim, o progresso chegou às margens do rio Pinheiros, quando esse sítio começou a ser envolvido no perímetro urbano municipal – identifica-se esse como momento de inflexão espaço-temporal três sobre o Largo da Batata, que virá referenciado mais à frente. Nesse momento, os sítios localizados ao sul do espigão sujeito a declividade no sentido das áreas alagadas, a localidade conhecida como Pinheiros, e as margens do rio, não apresentavam características favoráveis em relação à paisagem, eram áreas planas (alagadas) e ainda abandonavam o sentido inicial de ocupação a oeste, o qual mantinha maior proximidade do centro e maiores infraestruturas. Reafirma-se novamente o poder ideológico e de transformação da classe dominante, pois, independente das reais condições, estar próximo ao espigão que se mantinha em progresso era prioridade na escolha de novas áreas a serem ocupadas (VILLAÇA, 2012).

Portanto, essa lógica em que se distingue entre o que parecem conveniente e inconveniente na estruturação urbana condiciona e reforça a construção de *espaços diferenciados* para a população de maior renda e, assim, transformam também os espaços geográficos não qualificados em relação a sua qualidade paisagística. No processo de geografizar tais espaços, infiltram-se ações que arrasam diversas naturezas, como, nesse caso, a modificação das margens do rio Pinheiros - que virá descrito mais à frente -, aterros e, a cima de tudo, a imposição sobre sociabilidades já presentes, como aconteceu no Largo de Pinheiros. Antes dessas transformações, a administrações político-administrativas, assim como os seres citadinos, não buscava manter relações – tanto pelas longas distâncias, quanto por seu caráter de borda da cidade e suas diversas atividades presentes.

Até essas infiltrações ocorrerem neste lugar, o conhecido Largo da Batata, localizado no largo de Pinheiros, mantinha seu caráter rural, como passagem de boiadas, produções e mercados agrícolas vindos do entorno próximo. Portanto, esse *lugar* se apresentou “ilhado” nesse contexto, até os tempos atuais, quando a operação urbana atinge esse território nucleado e impõe uma transformação urbana colocada pela lógica que vinha desde a origem da avenida paulista, e sua força ressoa sobre toda a cidade. Essa lógica imposta atropela especialmente o caráter *existencial* local da Batata. Trata-se, portanto, de um território da resistência, de caráter autêntico desde sua origem, ao longo de sua história, a qual é marcada por características diversificadas sobre suas dinâmicas próprias, a partir da convivência tipicamente de comunidade estruturada por suas lógicas que alimentam o sentido de *lugar* e, de tal modo, a *identidade* dos seres que ali o constituem enraizados a partir de uma rica trama complexa desses valores.





RIO PINHEIROS

CENTRO SIMBOLICO

VETOR SUDOESTE EM DESENVOLVIMENTO

AVENIDA PAULISTA

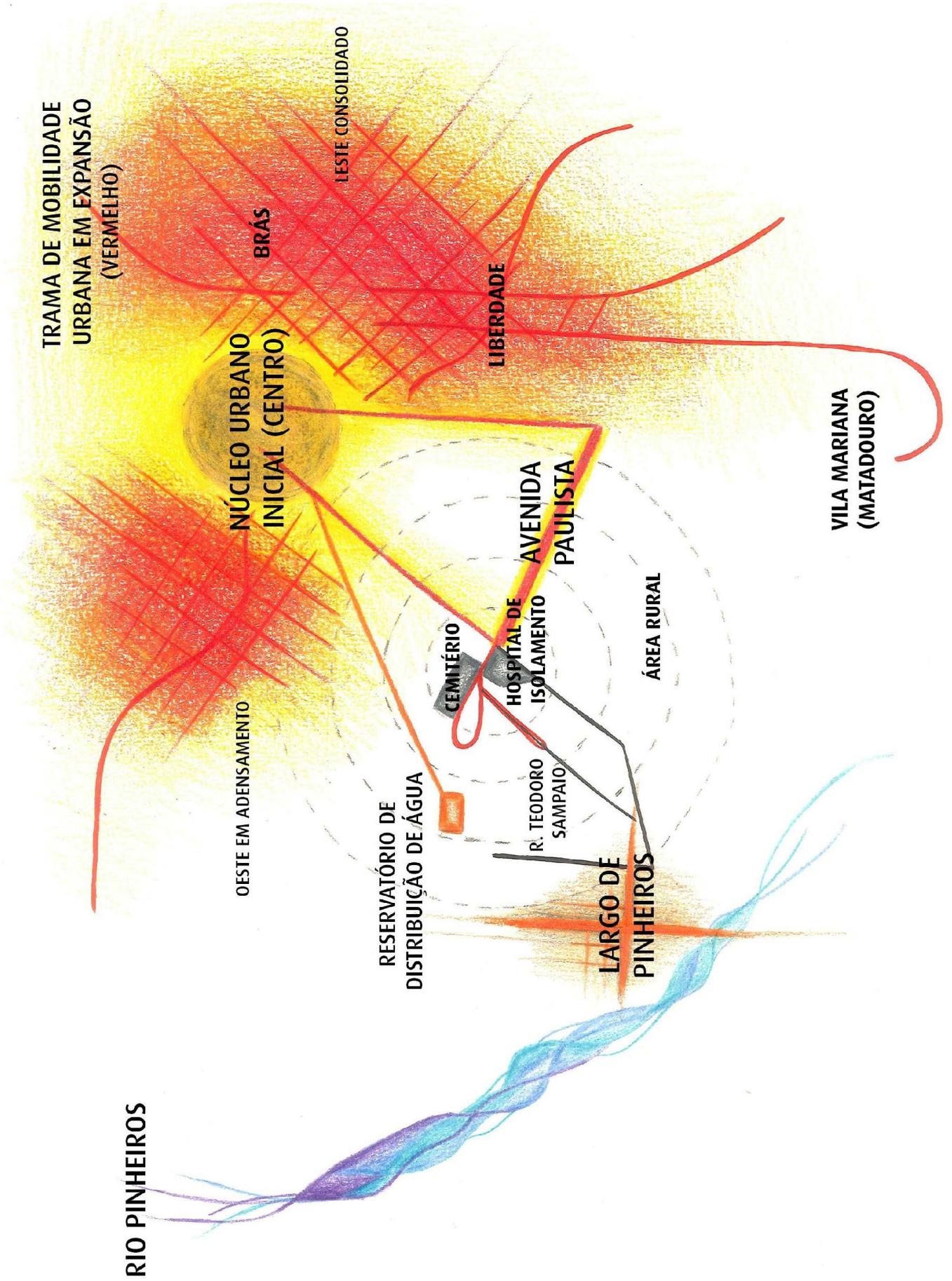
RESERVATÓRIO DE DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA

LARGO DE PINHEIROS

ÁREA RURAL

VILA MARIANA (MATADOURO)

LESTE CONSOLIDADAÇÃO AVANÇADA



Tempo artesanal e o território da resistência

Largo da Batata como poro urbano

Ainda que as cidades estejam sofrendo os impulsos negativos do tempo histórico atual, somadas às barbáries dos últimos tempos, há a coexistência do que Ana Clara Torres Ribeiro (2005) chama de “territorialidades da resistência”, são espaços que preservam valores potenciais de aflorar ações autênticas e até espontâneas. Hoje, é possível identificar essas ações que atuam em diversas escalas, sempre horizontalizantes e geralmente caracterizadas do *local* para o *lugar*. Ainda que interferidos pelos reflexos da mundialização, esses espaços respondem ativamente às irracionalidades capitalistas e globalizantes, manifestados por ações de *resistência* (RIBEIRO, 2005). Essas territorialidades se apresentam como um *poro* na escala da cidade; são espaços que de alguma forma resistem às transformações hegemônicas a partir de forças e ações próprias do *lugar* e dos seres que buscam manter o processo de *identidade* e de *enraizamento* ativos. Essa resistência está condicionada essencialmente por *temporalidades lentas* e valores determinados por condições coletivas e solidárias.

A questão da temporalidade é de grande importância nesta discussão, pois nestes territórios, ela é dinamizada por lógicas excepcionalmente diversas das propostas pelas *temporalidades do capital*, impostas pelas inercias globalizantes – apresentadas já no início do estudo. O tempo lento é a condição central que determina tal processo, resultando em *identidade* e *enraizamento*, onde se mantém continuamente em movimento - forma em que se manifestam as possibilidades de interação e de trabalhabilidade mental/emocional que geram densidade de ação e apropriação na relação *ser/estar* no espaço. Ainda, apenas assim são capazes de resistir e constituir lugares ricos de sentido e geradores de materialidades específicas. O largo da Batata se apresenta assim, como *poro urbano*, em condições contemporâneas de resignificação como espaço público por excelência, resultante de uma trama complexa de qualidades e significações.

De acordo com os estudos de Matos (2013), a *temporalidade lenta* se identifica como um “tempo artesanal”, o qual faz referência a um processo não linear, denso de possibilidade de experiências, amplo de repercussões e

condições de ser e estar no mundo. A autora coloca a ressignificação do valor da tradição, abandonando seu sentido de atraso, mas como algo que matem o movimento já referenciado, que mantém a continuidade e valores que necessitam ser interpretados e reinterpretados a cada geração, portanto, artesanalmente e de forma coletiva. Esse processo que busca a metamorfose, possibilita ações maduras e capazes de presentificar as vivências. Assim, percebe-se que envolvimento com o *outro* é perdido em relações/manifestações de tempos acelerados; esses fragilizam os critérios de reconhecimento, fragilizando assim o processo complexo de agregar valores, necessariamente possível apenas com os *tempos lentos*. É nessa linha do pensamento que foram introduzidos os estudos de Matos sobre o *tempo vazio*, o qual não produz experiências, descrito por ela como uma “abstração temporal e vazia”, “patológico e sem sentido”, incapaz de gerar conhecimento, sensibilidade, e organicidade da vida.

Portanto, de acordo com Ribeiro (2005), define-se essas especificidades apresentadas, são compatíveis com o que se define como *território usado*, da seguinte forma: “[...] a ação é sempre interação. Numa outra face, o território surge como território usado, praticado, prehe das experiências daqueles que conquistam a sobrevivência em ambientes hostis, antagônicos. ” (RIBEIRO, 2005, p.458). Este, é marcado pela associação, inevitável, da exploração de *ações políticas* e também da natureza dos conflitos contemporâneos, os quais fazem parte a convivência entre das diversas temporalidades, as *globalizantes* em atrito com às *locais*. Esta busca, constitui a *continuidade* dos projetos sociais no cotidiano urbano, manifestada pela condição da força desse *espaço existencial*, presentes hoje no Largo da Batata.

Sua realidade hoje se trata de um momento de ressignificação, reflexo de sua transformação espacial e social, condicionada por sua nova realidade morfológica, a qual é resultante de uma Operação Urbana realizada há poucos anos e recortada nesta análise como momento de inflexão espaço-temporal três; foram recortados quatro momentos para o estudo deste *poro urbano* e sua compressão sobre as camadas e rugosidades que determinam suas condições de permeabilidades físicas e sociais. Assim, organizam um processo inteligível

sobre essa paisagem ao longo de seus tempos, seguindo o método já apresentado anteriormente.

Parte-se deste momento de inflexão espaço-temporal três para introduzir seu contexto presente, onde houve sua transformação de maior significância materialmente e imaterialmente. Sua morfologia hoje, é resultado da lei que regulamentou a Operação Urbana Consorciada Faria Lima (Lei 11.732/1995), uma das várias operações propostas para a cidade nessa época. Essas operações são definidas pela lei Federal Brasileira do Estatuto da Cidade, com possibilidades de atuação compartilhada entre os setores público e privado, efetuados em consórcios para projetos e financiamentos. Na prática acabam flexibilizando mudanças sobre legislações estruturantes (e condições antecedentes a ela), como ocorre, por exemplo, sobre os parâmetros urbanísticos de Taxa de Ocupação e Coeficiente de Aproveitamento; esta operação urbana é apresentada a seguir.

“A Operação Urbana Consorciada Faria Lima (Lei 11.732/1995) compreende 650 hectares e está situada na região sudoeste do município de São Paulo. Tem por objetivos principais reorganizar os fluxos de tráfego particular e coletivo ao implantar o prolongamento da avenida Faria Lima interligando-a às avenidas Pedroso de Moraes e Hélio Pelegrino até alcançar a avenida República do Líbano, além de construir terminal multimodal junto a estações da CPTM e Metrô. Também são objetivos importantes da Operação promover a reurbanização do Largo da Batata e urbanizar as favelas em seu perímetro, ou entorno imediato. Sua adequação ao Estatuto da Cidade resultou na Lei 13.769/04. Os recursos auferidos a partir das propostas de participação na Operação Urbana Consorciada Faria Lima, incluindo outorga e CEPAC, foram investidos, nas principais intervenções, tais como: construção dos túneis jornalista Fernando Vieira de Mello e Max Feffer; prolongamento da Avenida Hélio Pellegrino; implantação de avenida duplicada no eixo formado pela Rua Funchal e Rua Haroldo Veloso; reconversão urbana do Largo da Batata/Terminal Capri (Fase 1); e, habitações de interesse social.” (São Paulo. Prefeitura Municipal. Secretaria de Desenvolvimento Urbano. Operação Urbana Consorciada Faria Lima. São Paulo, 1995. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/desenvolvimento_urbano/sp_urbanismo/operacoes_urbanas/faria_lima/index.php?p=19591. Acesso em: 17/10/2015)

Sua implantação em 2002, contou com um projeto de grande escala, que segundo suas diretrizes propunha melhorias viárias e de equipamentos urbanos, qualificação de áreas públicas e da vida do entorno, valorização de paisagem, estimulação do adensamento e a utilização de infraestruturas. Esta intervenção deveria atingir de forma indireta outros espaços no seu entorno. Para isso foram feitas aquisições de imóveis para implantação dessas áreas criadas bem como previsão de desapropriações. Especificamente no Largo da Batata e entorno imediato, uma área de 25 há e um dos pontos principais da intervenção, foi o projeto designado por Reconversão Urbana, que contava com um novo terminal de ônibus e a estação de metrô Faria Lima. Concentrou-se o interesse sobre a abertura do espaço público, portanto ocorreram desapropriações, assim como a intenção de valorização do potencial imobiliário nas áreas lindeiras.

Houve um Concurso Nacional de Projeto, ministrado pelo Município de São Paulo e pelo Instituto dos Arquitetos de São Paulo (IAB-SP) que determinava que os projetos seguissem as diretrizes da OUFL; a priori, mantendo os interesses municipais e políticos, mas ampliando com diretrizes próprias de acordo com os partidos defendidos por cada proposta específica. Houve apoio e grande ansiedade das pessoas que viviam ali - assim como de trabalhadores e comerciantes, enfim, das pessoas que construíam o cotidiano desse *lugar* -, sobre as novas possibilidades e qualidades do espaço. Mas na prática, não houve participação dos mesmos nessa transformação em nenhuma das etapas do processo. O projeto vencedor foi do escritório Tito Livio Frascino Arquitetos Associados, em colaboração dos arquitetos Rosa Ribeiro, Leticia Lodi, Alexandre Stefani, Andrea Soares e Rosa Maria Leal, descrito assim:

“Entendemos que o objetivo maior desta intervenção deverá ser a melhoria, ampliação e promoção qualitativa do espaço público. Nesta ótica, além da proposta dos equipamentos necessários para a concretização desta ideia, foram equacionados os seguintes fatores indutores: Impacto a ser motivado pela alteração radical do sistema de transporte e a nova relação metrô-ônibus e como consequência, a readequação dos espaços e os fluxos de veículos e pessoas; Reacomodação e "sutura" do eixo viário Faria Lima ao tecido local; Adensamento imobiliário abrangente e genérico protagonizado pela operação urbana Faria Lima;

Reafirmação da vocação comercial a leste e oeste da avenida que deverá conviver com os novos usos induzidos pela OUFL; Aproveitamento das potencialidades existentes de maneira geral e em particular de imóveis e terrenos improdutivos para equipamentos e na busca da continuidade do espaço público. Neste sentido a proposta das ações apresentadas a seguir quando conjugadas em estratégia de gestão pública economicamente sustentada, poderão compor o elenco do que, em edital, foi denominado de Reconversão Urbana do Largo da Batata.” (FRASCINO, T, L. *et all*, (2002). *Concurso*. São Paulo. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/02.017/2143?page=2>. Acesso em: 17/10/2015)



Figura 47. Vista geral da praça da Proposta vencedora no concurso para Reconversão Urbana.

(Fonte: 19º Congresso Brasileiro de Transporte e Trânsito, 2013)

Com intenção de ampliar os espaços e conecta-los ao Mercado Municipal de Pinheiros, foi proposto uma Esplanada composta por novas praças, entre as ruas Teodoro Sampaio e Pedro Cristi, favorecendo o acesso de pedestres, à atividade comercial e também aos edifícios, possibilitando a locação de espaços para feira livre permanente em busca da recuperação das atividades típicas de seu antigo eixo comercial. Antes a céu aberto, o terminal de ônibus foi transferido para um quilômetro mais próximo à marginal do Rio Pinheiros. A proposta contou com um sistema viário de conexão para facilitar a

circulação entre a Esplanada e o Terminal Pinheiros, removendo travessias e aliviando os cruzamentos em busca de melhor acessibilidade. Finalmente, o programa básico previa projetos arquitetônicos indutores de regeneração urbana com serviços urbanos e edifícios culturais: estacionamentos subterrâneos, praça comercial, torre de serviços, centro de eventos e auditório, entre outros, visando a consolidação de uma “renovação” a partir da conversão urbana e transformação do cotidiano dos moradores e transeuntes deste contexto urbano.



Figura 48. Entorno imediato Largo da Batata.
(Fonte: BLÜMER, M. P. 2015)



Figura 49. Entorno imediato Largo da Batata.
(Fonte: BLÜMER, M. P. 2015)

Parte do projeto proposto foi construído, outra parte modificada ao longo do processo de discussões executivas, e outra suprimida (como alguns referentes a manutenção e colocação de mobiliários urbanos). Há, portanto, contradições entre discurso e desenho assim como legislação e diretrizes sobre o projeto. Em especial tratou-se com pouca cautela, ou, pode se dizer, com importância secundária, a transformação de um cotidiano consolidado e heterogêneo (em relação a diversidade de características como étnicas, de classes e de uso e ocupação dos espaços), optando por um caráter excludente ao redefinir as lógicas locais, ou seja, ao propor verticalização, adensamento, foco na continuidade do eixo empresarial da Avenida Brigadeiro Faria Lima. Portanto, a médio prazo, induziu-se a produção de uma nova localização onde o valor simbólico transformou-se em valor de mercado.

A força do espaço existencial: o *ser* e *estar* na transformação do espaço público na construção da paisagem do Largo da Batata

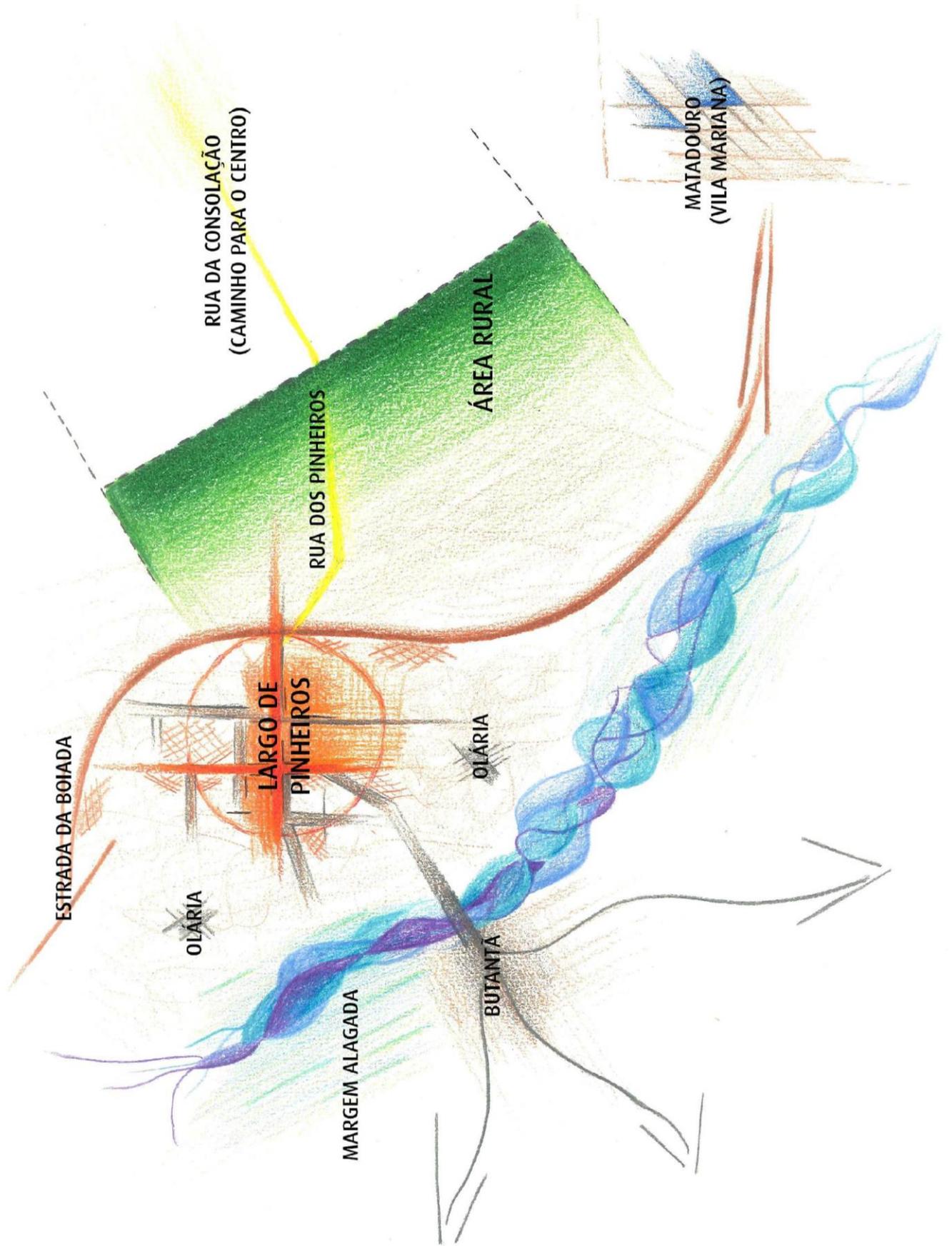
Momento de inflexão espaço-temporal UM

A construção da paisagem e do *lugar*: dinâmica social e cultural de um cotidiano *local*

Trata-se sobre uma das regiões mais antigas da cidade de São Paulo, ao sudoeste do centro histórico, onde hoje se localiza o bairro de Pinheiros: uma antiga passagem dos tropeiros para o sul do país, inicialmente (1560) conhecida como Aldeia da Nossa Senhora da Conceição dos Pinheiros (AMARAL,1969). Há relatos sobre já ter sido ocupado no início da colonização da cidade, mas sua tardia relação com o centro – origem da cidade e região onde se concentrou o maior desenvolvimento –, devido a topografia e a distância, esta localidade se caracterizou como borda até por volta da década de 1950 (ÁREA URBANIZADA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO ATÉ 1949, anexo mapas), quando foi integrada à área urbanizada.

Na literatura científica consta que já era ocupada por indígenas por volta de 1560 quando passaram à tutela dos jesuítas. Posteriormente, a vila era conhecida como “Farrapos”; o potencial do sítio – localização, quantidade de terras a serem ocupadas e proximidade com o Rio Pinheiros, mas protegido das inundações – proporcionou em pouco tempo a chegada de uma colonização diversificada. Em 1584, a área passou a pertencer a Fernão Dias Paes Lemes, tendo antes sido uma sesmaria doada por Martin Afonso de Souza a Pedro Goés, em 1532. O novo proprietário era um bandeirante que se colocava contra a postura dos jesuítas, expulsando-os. Tempos depois, no local foi construída a Igreja Nossa Senhora de Mont Serratt, ao lado de sua antecedente, que veio a ser destruída.

Esse novo contexto, o Largo de Pinheiros atraiu pessoas vindas dos povoados e de romarias. Já marcava a região o seu traço de núcleo de caminhos radiais para outras localidades, contribuindo para fortalecer seus potenciais. Sua localidade se desenvolveu nucleada a partir dos seguintes caminhos: Cotia/Osasco, estrada de M’Boy e Itapecerica, todas ao oeste, sudoeste e sul do rio Pinheiros. Além desses, a estrada de boiadas que vinha do Oeste, cortava esse núcleo no sentido de seguir até o matadouro da Vila Mariana. Seguindo às margens, eram áreas alagadiças as quais condicionam sazonalmente sua passagem e atividades de transporte. Assim, o entorno imediato do conhecido Largo da Batata, original Largo de Pinheiros, se consolidava a partir desse contexto geográfico.



Com o passar do tempo, por causa da atividade agrícola nos arrabaldes da cidade e devido à confluência de caminhos, intensificou-se a presença de colonos de diversas origens, que veio a ser mais efetivado pela construção da ponte sobre o rio, no século XVIII, esperada desde o XVII. Uma localização mais estreita do rio Pinheiros condicionou a facilidade de acesso ao longo dos tempos. Assim foi possível a transposição e maior relação cotidiana com a região do Butantã, ao Sul, e também ampliando caminhos de exploração às vilas de Parnaíba, Cotia, Itu e Sorocaba, fortalecendo as relações comerciais e agrícolas. No século XIX, concentrou-se ali atividades voltadas ao abastecimento de produtos agrícolas, fazendo surgir em seguida o Mercado dos Caipiras, onde também se consolidou a Cooperativa Agrícola de Cotia. Essa última era uma companhia Japonesa que contribuiu para a imigração deste grupo étnico, tornando-se esta área um núcleo importante da colonização nipo-brasileira na cidade de São Paulo e com uma densidade considerável de residências Nikkeis, como é possível observar nos dados do mapa de Distribuição de Residências (COLETIVIDADE NIPO-BRASILEIRA DE PINHEIROS, 1962, anexo mapas).

A partir da implantação inicial do comércio de produtos agrícolas, a região se consolidou tendo como centralidade o Largo de Pinheiros e o Mercado dos Caipiras, ampliando a diversidade de serviços e comércio, onde eram comuns ao redor, olaria – as quais ainda são representadas em cartografias em meados da década de 1920 (PLANTA DA CIDADE DE SÃO PAULO MOSTRANDO TODOS OS ARREBALDES E TERRENOS ARRUADOS, 1924, anexo mapas). Casas de produtos e especiarias típicas de diversas regiões do país, como as de influência nordestina, são exemplos que contribuíram para o futuro de um lugar que veio a ter uma diversidade de etnias, crenças e atividades. Foi inaugurado nesse contexto, em 1907, o Entrepasto, atual Mercado Municipal de Pinheiros na rua Pedro Cristi, localizado entre as ruas Cardeal Arcoverde e Teodoro Sampaio.

Com o fortalecimento dessas atividades, compuseram fluxos, dinâmicas culturais que refletiram em sua morfologia. Nessa época havia uma predominância de galpões, e nesse núcleo inicial, espaços onde o fluxo de charretes era intenso e necessário para atender tais atividades. Essas

características determinaram uma paisagem que, ainda em tempos modernos no século XX e XXI, permaneceram como rugosidade na transformação da paisagem. Esta paisagem se metamorfoseou ao longo dos tempos, sobretudo condicionada a essa cultura local que se manteve rica por muitas décadas seguintes.



Figura 50. Antigo Mercado dos Caipiras, anos 1910.
(Fonte: Família Goldschmidt)

Momento de inflexão espaço-temporal DOIS

Adensamento da área e início das infraestruturas

Essas atividades e o aumento da complexidade desse *lugar*, vieram a ser consolidadas quando as linhas de bonde foram implantadas fazendo a ligação entre esta localidade e o centro histórico já desenvolvido e consolidado, reduzindo a sua condição de “fora da cidade”. Este momento o processo de modernização já se apresentava impulsionado pelos impulsos globais, assim como o início dos impulsos mercadológicos. A partir da década de 1900 em diante, infraestruturas chegaram, como a implantação dos bondes, desenvolvendo também como área residencial, de pequenas indústrias e comércio. Apenas em 1960 se iniciam maiores intervenções urbanísticas, época considerada como “divisor de águas” para a região.

A sua característica peculiar, primeiramente associada ao rio e posteriormente aos caminhos (e finalmente importantes elementos do sistema

viário urbano), fez com que o Largo de Pinheiros estivesse associado a um fluxo urbano intenso de relevância tanto regional, que determinou sua localidade de origem, quanto intra-urbana, a qual se intensificou até os tempos de hoje, compondo uma centralidade própria dentro do município de São Paulo. Sua vocação para o comércio advém deste fluxo, mas em associação com outras feições que o caracterizam à uma diversidade cultural bastante rica entre seus diversos momentos de inflexão espaço-temporais.

Essas mudanças em seu cotidiano local foram significativas e consequentes de um momento de grandes mudanças em toda a cidade em busca de modernização e exploração de tecnologias e novas demandas infraestruturais por conta do crescimento urbano (econômico e populacional). Empresas privadas como o grupo *Light* e a *Companhia City* (ambas iniciando as intervenções urbanística nas primeiras décadas de 1900), foram atuantes em investimentos urbanísticos de grande dimensão, os quais em Pinheiros refletiram em impactos intra-urbanos marcantes. Em especial, sobre um adensamento de população nos novos empreendimentos imobiliários, consolidando uma crescente área habitacional e de novos valores que não mantiveram mais coerências com seu contexto, e assim ressignificou suas características e sua relação com a cidade sobre uma totalidade de escala maior, cada vez menos local.

Esse contexto já veio como reflexo da lógica de estruturação urbana do vetor de desenvolvimento do sudoeste paulista, portanto seguindo os impulsos do mercado iniciado na Avenia Paulista; este foi um momento de predominância da implantação de diversos bairros jardins ao sul da Paulista, os quais com o tempo se aproximaram rapidamente ao rio Pinheiros, e também a conexão do oeste (Vila Romana, Lapa e Água Branca) pela antiga estrada das boiadas por alto de Pinheiros.

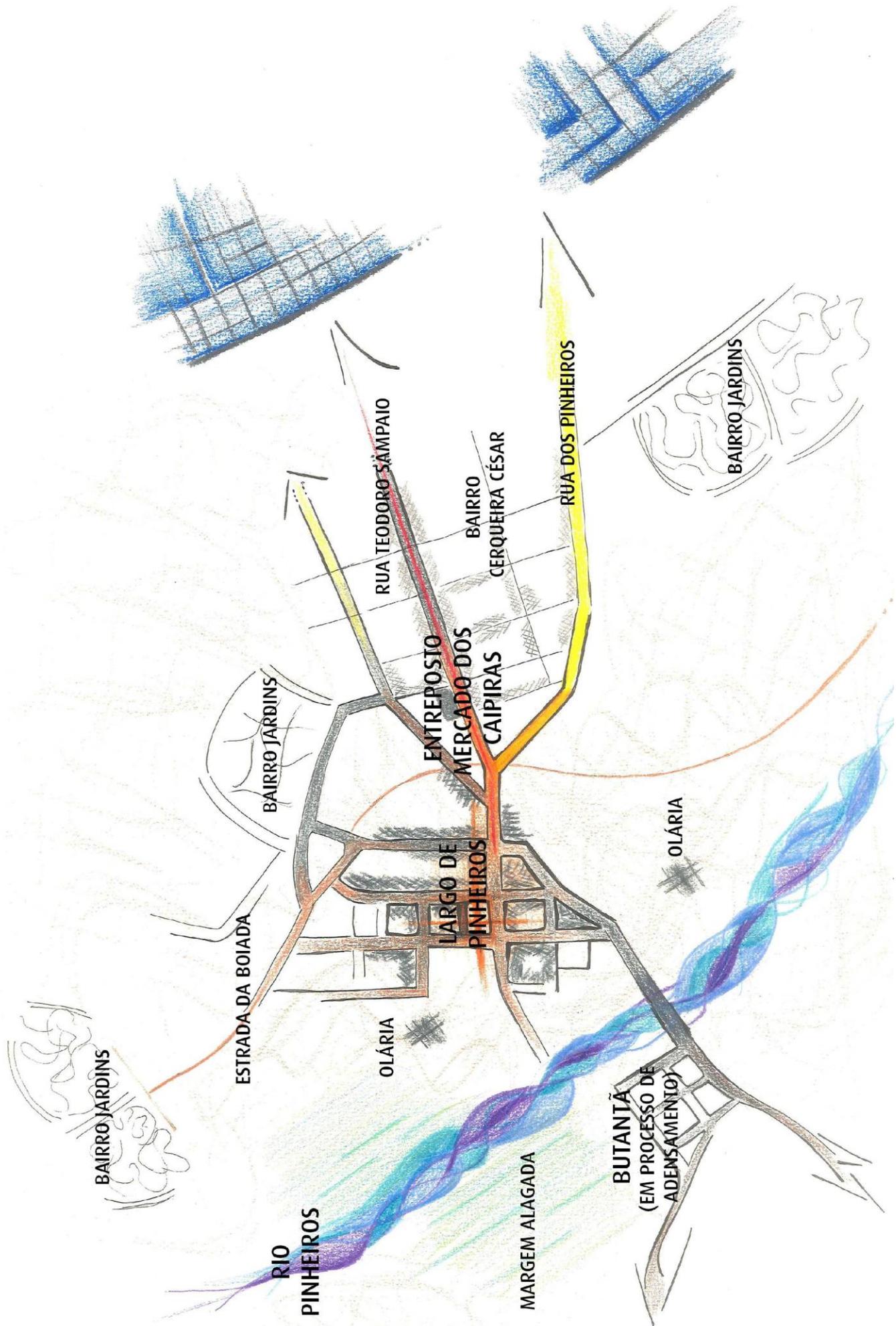




Figura 51. Largo de Pinheiros: primeira linha de bonde chegou ao bairro em 1909.
(Fonte: Família Goldshmidt)

Entre outras mudanças significativas nesse ambiente citadino, uma das mais importantes para esse contexto, e também com reflexo em toda a cidade, foi a retificação do Rio Pinheiros com o objetivo de abastecimento da Represa Billings (idealizado e construído entre as décadas de 1920 e 1940), visto como solução de energia abundante e mais barata. Esta mudança, operada primeiramente no final da década de 1930 e posteriormente novas intervenções no final da década de 1950, transformou a relação do rio com a cidade.

Antes, o desfrute dessas águas tinha relação direta de diversas atividades: transporte, lazer, esporte e qualidade paisagística conectada aos seus contextos lindeiros. Posteriormente, o rio “perde suas margens” e sua atividade natural (portanto, sua movimentação e cheias também são transformadas) e, com o tempo, a evolução urbana, o aumento populacional, as degradantes interferências do homem e suas relações cada vez mais complexas com o ambiente, fez suas águas poluídas e impediram o abastecimento da represa, assim como seu escoamento em outras águas. Hoje, perdeu sua relação saudável com o ambiente citadino e sua natureza biológica, podendo ser considerada uma lagoa, com águas paradas e sem vida.



Figura 52. Piscina no Rio Pinheiros. Década de 1920.
(Fonte: riachogrande.net)

Este espaço se metamorfoseou com o tempo, fortalecendo a ativa construção de uma *memória coletiva*. Há ali, valores que, reinterpretados, se tornam historicamente importantes na transição de cada geração, a partir de particulares momentos de inflexão-espço temporais, com reflexos próprios, os quais se somaram na composição de identidades próprias nesta paisagem. O espaço foi sendo construído *coletivamente* a partir de suas qualidades existenciais, as quais constituíam determinadas culturas, e seus atributos foram constituindo um patrimônio material e imaterial a partir das *espacialidades* descritas, formando um *lugar* de grande valor qualitativo em seu processo de materialização.

As diversas narrativas associadas a ele, elaboradas ao longo tempo, podem ser amplamente analisadas como fonte para o entendimento dos *significados urbanos* e principalmente sua condição de *lócus* privilegiado de urbanidade em seu cotidiano autêntico em relação a totalidade do município, resistentes aos novos tempos que vieram transformá-lo. Assim, apontou para o potencial de seu futuro no contexto urbano contemporâneo como um *espaço poroso*, a partir de, essencialmente, *permeabilidades sociais*. A partir de Secchi (2012), descreve-se a rugosidade que mantém em diálogo com as *ações existenciais* de forma resistente dentro do possível com o processo de

modernização imperante na transformação das lógicas de construir as cidades, as quais se pretende explorar nesta análise:

“A mescla de pessoas e a diversificação de atividades habituam-nos a observar a cidade e o território com olho de arqueólogo; a compreender que os diversos estratos históricos, centro antigo, cidade moderna, sua periferia, a fragmentação e a dispersão da cidade contemporânea, mesclam-se entre si [...] Mescla, diversificação e obsolescência, sucedendo-se destroem valores posicionais e continuamente propõem novos problemas culturais [...] as suas práticas sociais, a seus usos e atividades, aos ruídos, aos odores, se refiram às temporalidades sobrepostas e entrecruzadas.” (SECCHI, 2012 p.91)

Momento de inflexão espaço-temporal TRÊS

Operação Urbana Consorciada Faria Lima



Figura 53. Entorno imediato Largo da Batata.
(Fonte: BLÜMER, M. P. 2016)

Até meados da década de 1990, a área ainda permanecia com sua histórica densidade cultural e vocação para o comércio. Era ainda possível ser

identificada na prática cotidiana, este “território usado” (RIBEIRO, 2005) a partir das feições herdadas de seu contexto inicial: haviam pequenas atividades hortifrutigranjeiras que se instalaram tanto em barracas na calçada como *tipologia arquitetônica* predominante deste *lugar*, a qual sua maioria se constituía com gabaritos de até dois pavimentos com o comércio no térreo e habitação ou outros tipos de serviços no pavimento superior. Com os bondes e depois com o terminal de ônibus que veio a ser instalado nesta centralidade, o fluxo de pessoas e de mercadorias se potencializou em uma dinâmica de velocidade e diversidade ainda maiores, trazendo uma ampliação de serviços cotidianos como açougue, sapateiro, armarinhos, cabeleireiros, botecos, entre outros.

Ademais, somaram-se atividades informais, que ganharam nesse local importância e dinâmicas próprias como, por exemplo, os camelôs; as calçadas eram *espaços ativos*, com denso *valor simbólico* associado às trocas de informações, mercadorias e relações sociais herdadas de sua origem. Alimentado por uma cultura densa de significados, revitalizava-se a cada dia com as transformações paulatinas e as novas lógicas impostas na cidade. Até esse momento de intervenção tratava-se, de fato, de um espaço polissêmico. Utilizando o termo “polifônico”, de Massimo Canevacci (2004), define-se este contexto como um lugar de cenário complexo, comparando-o à uma polissemia de “instrumentos e sons” desenhado essencialmente por meio de permeabilidades que permitiram as diversas infiltrações do tempo, de personagens/agentes, de escalas, enfim, constituindo uma rica paisagem cultural. Esta, pode ser representada a partir do seguinte trecho de Canevacci (2004):

É este o novo grande fetiche-virtual urbano que parece ter a comunicação como seu elemento hegemônico, aquelas comunicações polifônicas que se inserem de maneira ‘desordenada’ no interior das categorias clássicas de produção-circulação-consumo das mercadorias. ”
(CANEVACCI, 2004, p.17)

Como já apresentado anteriormente, a Operação Urbana Consorciada Faria Lima veio arrasar as lógicas morfológicas constituída ao longo dos tempos, assim como acabou encerrando um longo processo de metamorfose

desse espaço, entendidos como transformações orgânicas. Iniciando assim, um processo de transformações frias e fechadas, condicionadas ao extremo por racionalidades que buscaram renovação desse contexto que se apresentou ilhado em relação a totalidade da cidade. A interpretação e o tratamento sobre essa paisagem cultural manifestado pela equipe vencedora do concurso nacional, denominado de Reconversão Urbana, foi descrita da seguinte forma:

“Alguns segmentos do tecido urbano, na área foco, guardam as características da estrutura fundiária do século XVII, com pequenas edificações em lotes estreitos e longos, testadas desalinhadas em agrupamentos de baixa densidade. O projeto manteve alguns desses bolsões como memória, elegendo algumas ruas como calçadas de pedestres e acesso de veículos controlados. Espera-se que haja, com as melhorias, a manutenção das edificações com restauro para comércio local, bares, restaurantes em atividades que sejam atrativas e que animem o bairro.” (19º Congresso Brasileiro de Transporte e Trânsito, 2013, p.8)

Apesar do respeito demonstrado no projeto pela preservação desses recortes sobre o foi interpretado como *valor de memória*, a valorização do solo e a pressão por parte dos empresários do setor imobiliário conduziram à minimização das intenções iniciais, bem como o adiamento da implantação de medidas estruturantes voltadas à preservação desse lastro cultural do largo e suas imediações.

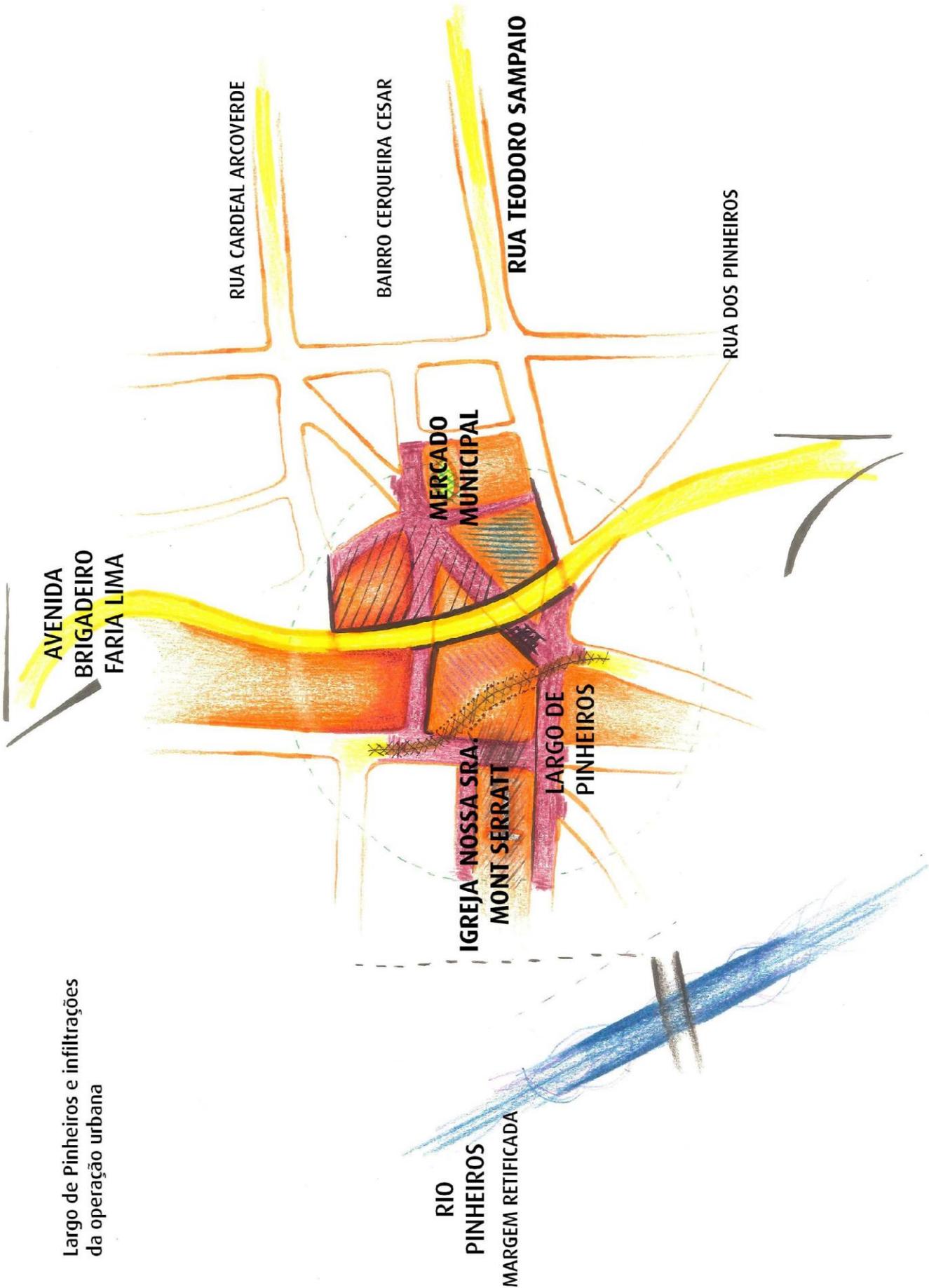
A morfologia resultante pouco manteve diálogo com as camadas sociais e temporais presentes nessa paisagem, desta forma, as rugosidades se apresentam implícitas em condições patológicas em que se encontram, por exemplo, percebidas nas diversas edificações lindeiras. Restou ainda também a cultura de comércio e serviços ao longo de toda a rua Teodoro Sampaio – onde originalmente se estruturou as linhas de bonde, e assim ao longo dela houve tal consolidação. Pode ser visto também seu traçado viário composto pelas camadas de desenvolvimento urbano a partir de suas larguras – as quais se apresentam mais estreitas ao redor do núcleo urbano inicial -, e outras mais amplas, as quais foram composições urbanas impulsionadas pelas modernas conexões de mobilidades urbanas com o centro antigo, nucleado ao redor da região da Sé, a noroeste.

Sobretudo, a cisão em que foi feita nesta centralidade, com a abertura da Avenida Brigadeiro Faria Lima para ampliar a dimensão tanto física – para atender o aumento dos fluxos dos automóveis e dos ônibus -, quanto seu papel de estruturação viária - a qual busca atender as demandas mercadológicas e empresariais -, reconcionou a dinâmica cotidiana com grande força. Algumas dessas principais características já foram citadas e ainda serão desenvolvidas, mas vale ressaltar aqui que todo esse contexto está amplamente sujeito às condições em que esta grande barreira urbanística impõem sobre todas as formas de fruição e de ocupação desse espaço. Ainda que morfologicamente houve incoerências e arrasamento de suas densas camadas, portanto impondo uma transformação *aporosa* fisicamente, os impulsos que levaram essa transformação, trouxeram também a estação de metrô, e assim hoje se mantém grande fluxo de pedestres, o qual presentifica tanto a permanência quanto passagem.

Possivelmente essas características foram percebidas e trabalhadas a partir das novas demandas, onde, a priori, manteve-se o valor de largo da igreja, ainda como um espaço residual, ampliando também a abertura desse contexto de forma que ganhasse força como espaço público *socialmente poroso*. Seguindo está lógica, foi claramente proposto um tratamento de piso desenhado de forma que, indiretamente, se comportasse como permeabilidade física: o relevante papel da calçada sobre esta estruturação urbana se apresentou como o principal elemento de desenho. Percebe-se que este, morfologicamente é hoje o único elemento que amarra uma relação social e cultural ao longo de sua história: o contexto do largo da igreja, a centralidade desse novo desenho - largo da Batata - e a área ainda não totalmente construída, onde foram paralisadas as transformações após identifica-lo como sítio arqueológico, espaço intermediário entre esses espaços, agora recortados e desconexos.

Ainda, este desenho de piso traça o caminho racionalizado, portanto seguindo uma coerência espaço-temporal-material linear, sobre a relação territorial com o valor de *lugar* em diálogo com a localidade do antigo mercado dos caipiras, onde se instalou últimas décadas o Mercado Municipal de Pinheiros. Juntamente com este caminho, está presente resíduos de linhas de

bonde, os quais são símbolos físicos que, na prática, hoje se apresentam fragmentados sobre a esfera imaterial, ainda que sua implantação aparentemente busque tal efeito. São descompassos entre a paisagem pré-existente e as novas formas de compor e desenhar o espaço urbano a partir das demandas hegemônicas do momento histórico presente. Onde a primeira, se trata da materialidade concreta de um “território usado” (RIBEIRO, 2005), com uma densa cultura que veio se metamorfosear ao longo dos tempos, as quais constituíram e foram constituídas pelas morfologias ali presentes (descritas por Milton Santos como as *formas-conteúdo*), portanto membranas sociais e físicas presentes ali, antes abertas à serem trabalhadas de forma orgânica.



Largo de Pinheiros e infiltrações da operação urbana

Momento de inflexão espaço-temporal QUATRO

O diálogo amorfo entre passado, presente e futuro: espaço em movimento recompondo o valor de *lugar*

Com a demolição do antigo tecido urbano para a construção das obras da Operação Urbana, os comércios informais já não mais se interessaram por esse espaço. Assim também ocorreu o fechamento dos típicos serviços e comércios da área, que não se sustentaram devido aos transtornos ocasionados pelo cotidiano conturbado do período das obras. Essa situação foi gerada também por conta da supervalorização imobiliária, induzindo a saída de muitos moradores que tradicionalmente viveram ali ao “fechar passagens e monitorar os rumos da vida coletiva” (RIBEIRO, 2013, p.63). Hoje esse espaço está presente nos debates mais atuais sobre a cidade, trazendo à luz o problema da cidade como habitat do homem como determinante da qualidade de vida urbana e dos possíveis reflexos da “apropriação” do espaço público como construção do *sentido do lugar* (bem como a construção semântica por meio da *ação coletiva*).

Após tantas mudanças, em especial a demolição de um rico contexto histórico-morfológico, o Largo da Batata tornou-se um espaço árido, um grande vazio resultante de um *desenho fechado - closed design* (SENNETT, 2013). Este *tipo urbano*, determina a condição de uma *forma fechada* a qual é menos compatível com a flexibilidade e a diversidade dos *movimentos* necessários à vida contemporânea, portanto seu desenho físico funciona como um *sistema fechado (closed sistem)*: delimita e pré-define as continuidades, manifestados pelas comunicações orgânicas no ambiente em que se está condicionado. Por consequência, comum em grande parte das construções feitas nos últimos tempos nas diversas escalas da cidade, o *fechamento físico* determinado por diversos projetos urbanos, se constituem por *descontinuidade histórico-morfológica-existencial*, determinando e induzindo às vivências em sociabilidades pré-estabelecidas, geralmente institucionalizadas por padrões de ações excessivamente determinadas por lógicas de outras escalas, não *locais*, desprovidas de continuidades e identidade.

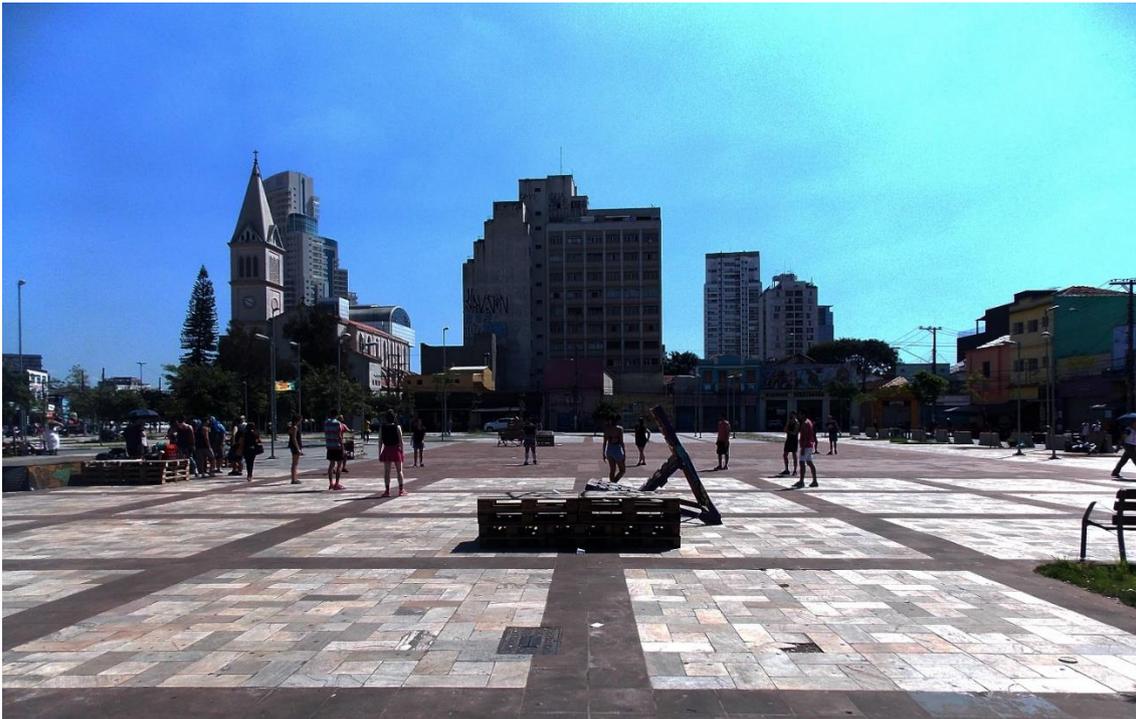


Figura 53. Praça “seca” construída no Largo da Batata após as intervenções da Operação Urbana (2001), Pinheiros, São Paulo.

(Fonte: BLÜMER, M. P. 2016)

Em contraste ao que se percebeu quanto a sua *porosidade física*, a qual não compõem *membranas físicas* de permeabilidades em seu novo desenho proposto, nesse caso do Largo da Batata identifica-se, em oposição, a apresentação de um *espaço aberto*, possível a partir de uma *porosidade social* que pode funcionar como um *sistema aberto – opened sistem* (SENNETT, 2013). Ou seja, são identificadas como *membranas sociais* neste espaço, a possibilidade de ser compreendido e reconstruído, a partir de seus valores e significados, frutos das condições imateriais atuantes na esfera da memória – *continuidades existenciais*. O que pode parecer contraditório, no entanto, para a observação empírica, fora demonstrado que nesse contexto, embora não haja há *porosidade física*, manteve-se certa *porosidade social* neste processo que vem ressignificar este, como espaço público, por excelência: a possibilidade de haver independência de uma sobre a outra, criando determinada dinâmica sócio espacial - um dos aspectos a ser investigado nessa pesquisa.

Assim, essa permeabilidade social a partir de condições liminares de porosidade, portanto possibilitada por membranas tecidas pelos significados do *lugar*, são descritas por Ribeiro da seguinte forma:

“Nesses jogos, que incluem a luta por capital simbólico, estão implicados: a fala e o gesto, a acomodação e a ação que desenvolve nas fronteiras entre o visível e o invisível. Também aí se encontram passagens entre diferentes ambientes, onde são procuradas, e eventualmente alcançadas, trocas intersubjetivas.” (RIBEIRO, 2013, p.62)

Este contexto urbano, contribui significativamente para discussões sobre o que Ribeiro (2013) chama de “racionalidades alternativas”, onde se mantém uma ativa trama entre “valorização do instante, de códigos grupais e de linguagens corporais”, que também ação geradas como ações políticas – a quais neste momento histórico traz discussões em todo o mundo: a busca do real sentido de democracia na cidade. Essa seria então, a “corporificação” (RIBEIRO, 2013) da convivência entre a *diversidade dos mundos*, a prática solidária da convivência com o *outro*. Há uma forte presença de coletivos organizados, onde procuram debater e construir o espaço público contemporâneo a partir dessa destruição físico e social. Nesse processo, é possível identificar o que Nair e Morin (1997) chamam de “política de civilização”: “pensar na ambiguidade da mundialização, pensar na crise mundial, pensar na política da humanidade”, resignificar a humanidade e suas manifestações a partir da diversidade: de mundos, dos tempos, entre todas as que alimentam uma sociedade de densa de sentidos e significados.

“[...] gestos-fio reafirmam a sociabilidade, possibilitando o afloramento de fundamentos da vida social, instantes a priori de qualquer tipo de fundamentalismo. No âmago do ‘fazer sociedade’, não existem barreiras intransponíveis entre ação espontânea e ação organizada, desde que a organização seja compreendida em sua verdadeira complexidade, isto é, como vasto e heterogêneo conjunto articulado de ações tornadas espontâneas por acúmulos da experiência social.” (RIBEIRO, 2005, p.17)

Cidade em construção coletiva

Nesta busca por apreender os sentidos contemporâneos sobre *ser e estar* dos seres urbanos no mundo, e sua forma de habitar a cidade onde entende-se a importância da ressignificação do espaço público sobretudo como uma construção coletiva, é relevante refletir o que se busca como *democracia*, a qual reflete em condições de *urbanidade*. Trazendo a luz o pensamento de Hannah Arendt (1983) sobre essa questão, onde ela idealiza a democracia como era manifestada nas cidades gregas, em que os seres exerciam o direito da palavra - instaurada para conter a violência (LEOPOLDO E SILVA, 2016) -, ela coloca a dignidade política como condição de cidadania. Nesta linha de reflexão, intensifica a importância da ação e do poder compartilhado, onde a comunicação/contato/relação traz a prática deste poder traçado a partir de uma apreensão coletiva, também conflitiva, mas não necessariamente violenta – como introduzido no capítulo dois. Hoje, o que é digno, metamorfoseou-se, mas se mantém a importância de um espaço de interlocução, onde os seres são capazes de se *emulsificarem* a partir de necessidades e materializações igualitárias.

Assim, nessa reflexão é possível de afirmar que tal democracia nunca antes foi exercida por civilização alguma, não de forma efetiva. Esta prática parte-se do pressuposto de que a humanidade está neste mundo em uma mesma condição, sobre a mesma necessidade de evolução. A violência aflorada pelo fenômeno do individualismo impera na relação da humanidade em todas as esferas, nos últimos tempos levados a uma forma extrema, refletindo necessariamente e, portanto, diretamente na composição e na materialização do pensamento urbanístico e na construção das cidades, composta fisicamente e socialmente por *medianeras cegas*: seres vazios de sentidos, vazios de dignidade, de identidade, reflexos dos ritmos em que estão condicionados, vivem ilhados em seus mundos, conseqüente de uma sobreposição de poderes e forças onde não se agrega, nessa dinâmica, a experiência.

Fragiliza-se assim, a ação política, as quais são impedidas suas ampliações sobre a *condição de ser no mundo* (MATOS,2013). A diversidade de mundos, que só é possível em um espaço de interlocução onde o

poder/direito seja compartilhado, dimensionado por valores vitalícios da real condição humana, apresenta uma tensa teia complexa entre política e filosofia (ARENDETT, 1982): “a única afirmativa que poderíamos fazer quanto a sua <<natureza>> é que ainda são seres condicionados, embora sua condição seja agora, em grande parte, produzida por eles mesmos. ” (ARENDETT, 1982, p.18). Se apresenta assim, um constante diálogo entre o “eu consigo mesmo” (o pensamento filosófico) e ação em conjunto (atividade política) que é somente possível a partir da pluralidade (LAFER *in* ARENDETT, 1982, p.VIII)

No Largo da Batata, percebida a partir dessa esfera coletiva, apresenta a convivência de uma dinâmica atualmente complexa: a coexistência de mundos, de interesses, de possibilidades e de apropriações sobre esse espaço. Essa realidade reafirma o potencial e o *sentido de lugar (sense of place)* desde seu surgimento até hoje, mesmo depois de processos que o metamorfosearam, fortalecendo seu valor qualitativo de *lugar*, ainda reflexo de um espaço coletivo autêntico. Essas ações contemporâneas modificam parte dessa paisagem complexa, pois há diversas formas e realidades de ocupação desse espaço, onde os seres estão reconstruindo suas condições de ser no mundo, neste *lugar*. Um espaço, dignamente dinamizado pelo movimento/ação a partir de sua *porosidade social*, descrita a seguir a partir da memória trazida para o presente: um processo de reenraizamento e novas condições de constituição de identidade e cultura urbana.

O valor intrínseco da imagem dessa paisagem acabou sendo apropriado por interesses políticos e econômicos, os quais hoje são dirigidos, principalmente, pelo mercado imobiliário, setor fortemente atuante não só nesse contexto, mas sobre as cidades de forma geral na atualidade. No entanto, nesse espaço ocorrem também situações com intenções coletivas de convívio e até mesmo, pode-se dizer, comunitárias. Elas têm o objetivo de fortalecer um movimento contemporâneo de desfrute do espaço público alimentado por uma esfera de convivência entre os seres. São atividades que os unem com os mesmos interesses, fortalecendo as identidades, mas sobretudo criando proximidades entre estranhos, entre as vontades de ser, ressoando em vida no espaço. Na medida em que se constroem os próprios

seres em suas experiências íntimas com o *lugar*, torna-os ativos, seres humanos e espaços.



Figura 55. Mobiliários Urbanos e Plantio Coletivo, construídos por ações coletivas de ocupação. Largo da Batata.
(Fonte: BLÜMER, M. P. 2016)



Figura 56. Mobiliários Urbanos, construídos por ações coletivas de ocupação. Largo da Batata, Pinheiros, São Paulo.
(Fonte: BLÜMER, M. P. 2016)

Essas fotos ilustram narrativas tecidas por esses coletivos, onde são possíveis de ler os projetos sociais contemporâneos que trazem a luz a ressignificação do espaço-público como construção coletiva, processual contínuo, portanto, interlocutor *entre os seres* em movimento, dinamizado necessariamente por condições *intersubjetivas*. Essas ações geram *experiências* sobre várias formas e temporalidades, entre elas: há produções de mobiliários que funcionam como mutirões, e assim diversas ações sistematizadas por grupos distintos compõem qualidades para o desfrute desse espaço em seu cotidiano; essas ações compõem materializações abertas (como os desenhos abertos) para que outros coletivos venham ressignificá-los e recompô-los a partir de outras dinâmicas, como ocorreu com plantios coletivos no miolo de um mobiliário pensado para permanências, mas também apropriados para manobras de skatistas posteriormente os plantios.

Exemplos como os citados anteriormente, possibilitam diversas situações de *pracialidades* (QUEIROGA, 2011) em toda sua extensão. Essas compõem organizações espaciais diversas possibilitando sociabilidades específicas, ocorre o inverso também, onde a partir de demandas de sociabilidades, constituem determinadas organizações espaciais; são dinâmicas intersubjetivas de composição e respostas entre corpo e espaço, forma e experiência que reafirmam a interdependência entre permeabilidades físicas e as permeabilidades sociais. Assim, ambas dão indícios perceptíveis sobre as formas de compor *membranas* de permeabilidades, independente de qual é o caráter do poro.

Essa dinâmica de construir materialmente este espaço, é manifestada como ação política democrática, uma das formas de cultura urbana que mais ganha força hoje. Nesse caso, esta ação tem como principal opositora a dinâmica comum de institucionalização desses processos de organização espaços da cidade, os quais na prática espalham mobiliários de forma racionalmente alienada aos movimentos de sociabilidade presentes. Ainda as escolhas de materialização e sua natural decomposição, os quais em sua maioria são feitos de *palets*, por exemplo, traz a possibilidade da continuidade e do movimento, além dessa interação possível entre coletivos e de atender às

novas demandas sociais, pois a troca e a reconstrução deles, alimentam a possibilidade de metamorfosear este espaço sobre sentidos futuros.



Figura 57. Comunicação (*cultura urbana*) e Mobiliários Urbanos, construídos por ações coletivas de ocupação. Largo da Batata, Pinheiros, São Paulo. (Fonte: BLÜMER, M. P. 2016)

Dois exemplos estruturam a grande maioria dos espaços públicos pelo mundo, ambos referentes a fruição pública: a presença (ou não) de sombreamento, aberturas, o tamanho e opções de espaços que possibilitam escalas e dimensões qualitativas específicas de ocupação/permanência. São características morfológicas que, nesse lugar, são determinantes sobre as sociabilidades presentes. Pode se considerar que há apenas um espaço sombreado, onde está localizada uma árvore de médio porte e se comporta como uma ilha neste contexto; diariamente essa sombra é *habitat* simbólicos de seres que vivem na rua, alguns deles dependentes químicos, que reconhecem essa espacialidade como um abrigo e assim se mantêm ali entre os diversos dias, horários e eventos, de forma fixa ali. Pode se dizer que o entorno restante desse território, se trata de um vazio, que organiza suas espacialidades de acordo com as ocupações que constituem outras ilhas, e forma flexível – as quais essas, constituídas por membranas socialmente mais permeáveis, dinamizadas como “pontes de interação” com essa *totalidade*, pois se metamorfoseiam em interdependência com os eventos diversos.





Figuras 58, 59, 60, 61, 62, 63. Ilhas de calor / Mobiliários Urbanos, construídos por ações coletivas de ocupação. Largo da Batata, Pinheiros, São Paulo. (Fonte: BLÜMER, M. P. 2016)

Estas materializações mantêm a paisagem e a interação e possibilitam a permanência dos seres e seus significados, a partir do valor de transformação e recomposições de acordo com novas demandas sociais, as quais, com poder indenitário, se mantêm num processo cíclico e interdependente sobre os fenômenos do enraizamento, valorização e coerência entre o momento histórico presente e sua transcendência de sentidos que tecem o futuro. Nesta

condição urbana, *ser e estar* no espaço, a partir da diversidade dos mundos em interação, se mantém continuamente compondo uma paisagem cultural densa e rica de sentidos.

Entre algumas delas é curioso destacar os movimentos “Rede do Forró” e “A Batata Precisa de Você”, que buscam a transformação do espaço com qualidade de convivência e fortalecendo as relações com a memória. Esses, e uma série de outros pequenos movimentos presentes, estão possibilitando os debates sobre a memória local, construção de mobiliários urbanos, oficinas, atrações musicais, entre outras atividades que fazem em parcerias com outros grupos e também com a prefeitura. A proposta destes grupos é ampliar a discussão sobre o papel do espaço público hoje e também aproximar a população às ações de poder público.





Figuras 64, 65, 66. Intervenções / Mobiliários Urbanos, construídos por ações coletivas de ocupação. Largo da Batata, Pinheiros, São Paulo. (Fonte: BLÜMER, M. P. 2016)

Os grupos, com diferentes identidades, apropriando-se da condição em que área foi entregue após as obras, interpretam a oportunidade de ressignificar o lugar abrindo-o para distintas formas de uso que conduzem à

sua reconstrução semântica e, para isso, partem da valorização qualitativa do espaço. Tal como no Largo da Batata, fenômenos urbanos de ressignificação a partir de ações coletivas estão surgindo em grandes, médias e pequenas cidades em várias partes do mundo, fortalecendo uma nova dinâmica cultural urbana. Esta refere-se a um “sentido subjetivo, em que os participantes constituem um todo”, “relações entre vontades humanas [...] com vinculação afetiva, originária e essencial”, que “se orienta pelo propósito de impor a própria vontade contra a resistência de outra parte”, como define Eunice Ribeiro Durham (2004) ao citar Max Webber, em seus estudos sobre comunidade e sociedade.



Figura 67. Ocupação regular colaborativa “A Batata Precisa de Você”. Largo da Batata, Pinheiros, São Paulo.
(Fonte: Mistura Urbana, 2014)

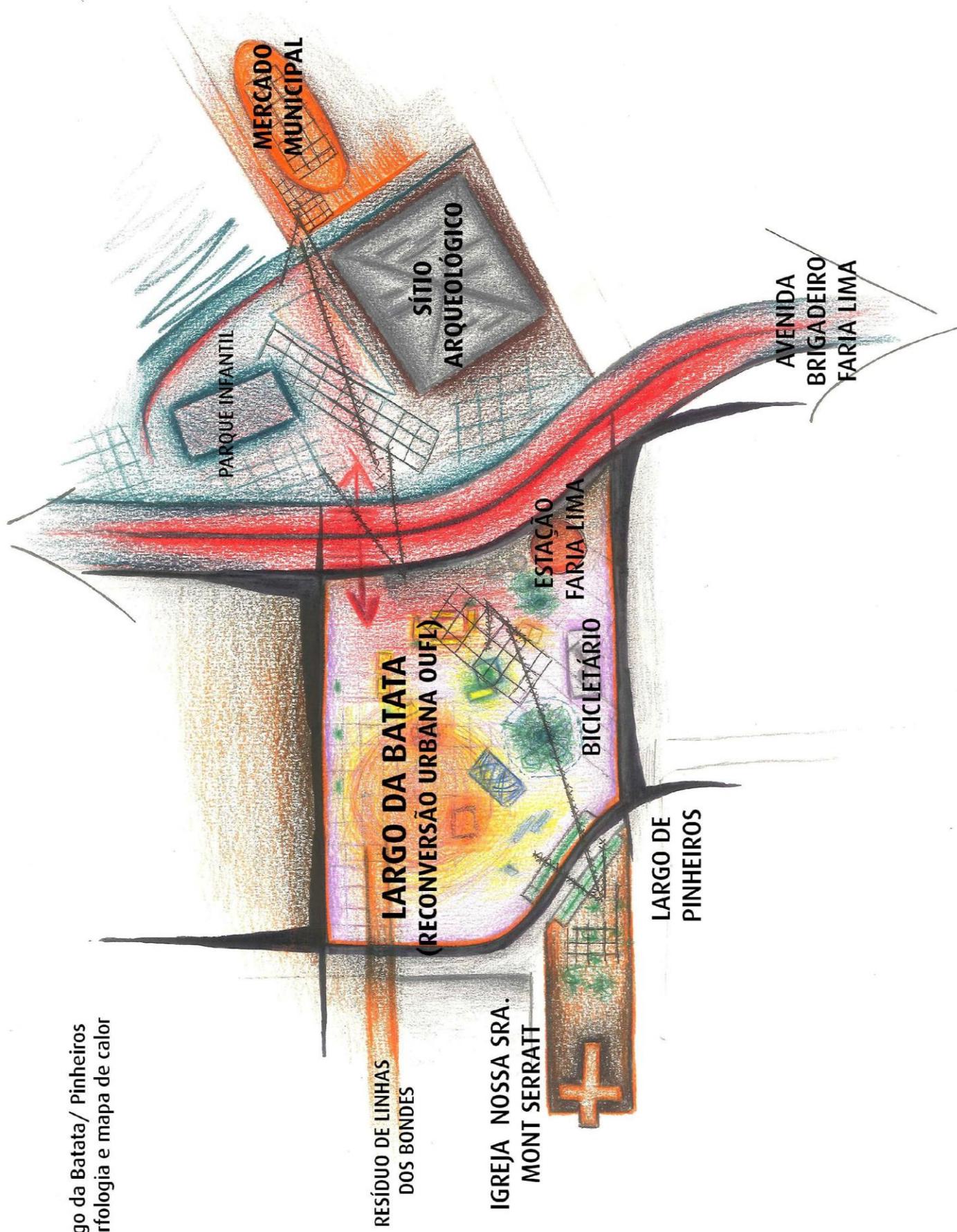
O Largo da Batata também foi palco de grandes manifestações sobre a situação política, educacional, econômica e de saúde em que o país se deparou anos atrás - como as Jornadas de Junho (2013) onde houve a mobilização de pessoas de norte a sul do país nas ruas –, servindo de ponto de encontro para a caminhada até a ponte Estaiada (Ponte Octávio Frias de Oliveira, que apenas permite passagem de automóveis) e de locação de

palanque político nas últimas eleições (2014), tornando-se local privilegiado de passeatas sobre diversas questões do atual universo político brasileiro.

Essa paisagem porosa, é composta pela interação, mas também pela sobreposição de temporalidades distintas, ainda que presentes na mesma camada espaço-temporal. Uma forma melhor de expressar essa composição é apreende-la a partir de *ilhas de calor*, interpretadas em sua cartografia de ações (RIBEIRO, 2013), as quais geram *mapas de calor* resultante dessas diversas infiltrações por sociabilidades, organizadas nesta ampla área aparentemente árida e fria fisicamente - resultante do projeto dessa praça seca. Esta, pode ser compreendida a partir de seu *tipo espacial* (impulsionado pela típica prática do desenho de praças modernistas), o qual, sujeito a essas ações existenciais próprias, pouco é percebida como tal tipologia hoje.

Criou-se, em consequência da dimensão que esse espaço tomou atualmente, uma dinâmica de cultura em sociedade que se soma como mais um cenário entre as camadas dessa paisagem. Este processo, além do resultado da ação dos movimentos de ocupação e também do valor semântico dessa paisagem para os tempos atuais, é também o reconhecimento deste como um espaço democrático, de cidadania e civilidade. Entendido a partir de estudos de Durkheim em Duhram (2004), pode-se dizer que este é também um espaço de “racionalidade, luta e confronto”, coexistente ao cenário de sentido comunitário, “que se inspira em uma compensação de interesses por motivos racionais (de fins e valores) ou de uma união de interesses com igual motivação”.

Largo da Batata/ Pinheiros
morfologia e mapa de calor



RESÍDUO DE LINHAS
DOS BONDES

IGREJA NOSSA SRA.
MONT SERRATT

LARGO DA BATATA
(RECONVERSÃO URBANA OUFL)

ESTAÇÃO
FARIA LIMA

BICICLETÁRIO

LARGO DE
PINHEIROS

PARQUE INFANTIL

MERCADO
MUNICIPAL

SÍTIO
ARQUEOLÓGICO

AVENIDA
BRIGADEIRO
FARIA LIMA

O papel da internet



Figura 68. Atividades de Ocupação – Comunicação em rede (Facebook), 2015.
(Fonte: facebook.com/pages/Largo-da-Batata)

É necessário apreender como fato incondicional nos tempos de hoje que, a *porosidade* pode ser percebida como uma materialização sobre uma realidade de deslocamento entre as fronteiras “da ação espontânea e da ação planejada”, que se apresenta entre “ajustes e desajustes sociais, cenas e contextos, transformação social e ação possível” (RIBEIRO, 2013, p.68). Ações planejadas podem fazer parte de referências manifestadas pelo *espetáculo*, o qual ressoa com força hegemônica, geralmente negativa, sobre as ações de legitimações mercantis-políticas, pois essas fragilizam a autenticidade de tecidos sociais, assim como a transformação de valores de memórias herdadas em peças museográficas ou produtos de consumo – retomando o sentido de transformar fatos sociais densos em uma paisagem globalizada, já apresentado no capítulo um.

Ainda assim, faz-se uma ressalva sobre essa dinâmica, onde é percebido pela *reação social*, respostas coletivas que recuperam repertórios e

os transformam em ações contemporâneas inimagináveis, criativas e coerentes aos tempos presentes; essas também podem ser consideradas ações planejadas, mas prenhe de valores positivos. Essas respostas, são elevadas com extrema importância nos estudos sociológicos da seguinte forma: “[...] torna-se especialmente necessário valorizar o espetáculo criado pelo ‘estar junto’ e reconhecer o ‘dar espetáculo’ como possibilidade de reinvenção da experiência urbana” (RIBEIRO, 2013, p.71). Esse processo impulsiona novos caminhos de *culturas urbanas*.

Essa cultura urbana esta dinamizada hoje entre o *real* e o *virtual*, como já apresentado. O papel negativo e degradante dessa técnica, é debatido por diversas áreas da ciência, o qual passou até os tempos atuais por um desfrute mergulhado na aceitação, alucinação e passividade sobre sua força capaz de interferir substancialmente no cotidiano dos seres. Nos últimos tempos, reflexões veem contribuindo para reativar as percepções sobre a força igualmente positiva que esta técnica apresenta. Ela também atinge esferas que atribuem desde de comunicação e acesso a memórias e informações - as quais são de extrema importância social e de constituição de identidade -, até dinamização de novas lógicas de sociabilidade e ações políticas, com sua capacidade de aproximar as pessoas, como descrito nas narrativas de ocupação da cidade, quando foram às ruas em busca de urbanidade.

Trata-se de um fenômeno virtualizado por uma manifestação de importância central: envolver e desenvolver os seres ao progresso. O desfrute da internet, como uma ferramenta global, pode compor ações solidarias de interação, agregar aos valores comuns, assim como suas necessidades, a vantagem das rápidas velocidades para a comunicação e suas diversas demandas organizacionais de projetos sociais e enfim, o contato virtual entre a diversidades mundos, entre as diversas temporalidades - ainda que não substitua as relações, interações e trocas corporais dos seres, as quais são formas particulares efetivas, conduzidas por sentidos psíquicos-emocionais na dimensão da experiência.

Urbanidade e intersubjetividade no Largo da Batata

Diálogo orgânico, necessário e possível, entre a ação institucional e a ação popular/autêntica

A percepção da existência de membranas pré-existentes nos contextos em que se propõem transformar morfologicamente, dão indícios de uma trama complexa a ser recompostas e ressignificadas ao longo do processo de projeto que, assim, apresentam a possibilidade de trabalhabilidade orgânica entre as formas já contextualizadas a partir da composição da permeabilidade em ações e desenhos sistematizados por *poros*. Todo o processo de transformação, se pensado como metamorfose ao invés de arrasamento, permite manifestar organicidades cotidianas contínuas. Trata-se necessariamente de um processo que inter-relaciona as dimensões institucionais, as quais se apresentam na grande maioria a partir da privatização, simultaneamente às esferas cotidianas dos seres e de sua vida autêntica – a qual mescla lógicas próprias e as vontades de ser no mundo, como já apresentado, junto a sua flexibilização/adaptação – e algumas das vezes necessárias - sobre as lógicas de mundialização.

A busca por urbanidade estruturada pela força que o espaço público apresenta na cidade, traz à tona a capacidade manifestada pelas relações ser/corpo necessariamente intersubjetiva, como novas e possíveis virtualidades de experiência, assim como de estruturação urbana, também necessariamente em diálogo. Esses debates propostos no Largo da Batata, possibilitam identificar que há além das racionalidades - as quais são identificadas como consequentes reflexos de um espaço de densidade em relação a esfera social - , há também uma possibilidade da ação como movimento, em continuidade social e espacial dialogando entre tempos. Retomando a reflexão de Leopoldo e Silva (2012), isso quer dizer que, o “sujeito atuando a partir de suas próprias ações”, e não apenas condicionado como um ser passivo, apresenta uma possibilidade da construção de um caráter civil, capaz de ressignificar o sentido de democracia no processo de transformação urbana. O filósofo alerta sobre a necessidade de buscar um caminho coerente, em equilíbrio com as normas e limites que o ambiente civil impõe. Portanto, quanto a isso, o autor pronuncia-se da seguinte forma: “as possibilidades da minha liberdade determinam os

limites de até onde ela pode ir, até onde posso desfrutá-la[...]” (LEOPOLDO E SILVA, 2012).

O que ocorre atualmente no Largo da Batata, refere-se à reinterpretação do mesmo, como patrimônio imaterial na cidade por meio de narrativas *ativas*, caracterizadas pela *continuidade* da relação com o *outro*. Os valores da memória são presentes na medida em que há convivência dos tempos construídos por condicionantes heterogêneas, resultando em uma polissemia de valores e de cenários. Essas narrativas são camadas a serem costuradas no cotidiano, necessariamente consideradas e respeitadas em processos como os de mudanças, redesenhos, destruições e construções. Essas relevâncias são importantes para alimentar a cidade com culturas a serem reconstruídas a partir da paisagem existente, processo que favorece a reconstituição das identidades espacial, social e individual dos seres humanos.

É possível hoje – novamente – no Largo da Batata, enquanto paisagem urbana, reafirmar seu valor de *lugar* nessa nova condição polissêmica de coexistências. Alimentado pelo reflexo polifônico da cidade de São Paulo, este processo ressoa em várias escalas. No caso deste estudo, de escala local, qualificada a partir de suas várias camadas construídas no espaço e no tempo, esta condição da memória coletiva como uma *membrana permeável* possibilitou a formação de uma porosidade social. Desta maneira, a falta de porosidade física motiva os cidadãos à reconstruí-la, ou seja, é possível que o poro social transforme o espaço de forma a construir o poro físico, contribuindo para a preservação da urbanidade local.

CONCLUSÃO

Refletir sobre as continuidades e as descontinuidades urbanas equivale a uma busca para apreender uma totalidade, a qual foi colocada neste estudo desde o início como fenômeno necessariamente inacabado, incompleto. Esta condição de ser continuamente inacabada, pode trazer uma interpretação de algo em descontinuidade. Portanto, são conceitos trabalhados de forma relativa a partir de interpretações próprias de cada autoria, sobre diversas intenções de leitura e significados. Para este estudo, esta continuidade inacabada sugere, sobretudo, uma condição de *abertura* a ser sempre ressignificada, reconectada a uma determinada paisagem, a uma determinada forma, a uma determinada situação de sociabilidade, enfim, uma condição de composição orgânica a partir de realidades já presentes e, portanto, um processo de continuidade dessas.

Assim, a descontinuidade se manifesta em oposição ao que se buscou descrever como permeabilidades; a fragmentação, a inovação, a reconstrução, impõem lógicas desconectas do que se apresenta no momento presente espaço-temporal, e por isso se entende como processos urbanos descontínuos e enclausurados. Nesta linha, constrói-se a cidade fechada: se constitui a partir da não-relação entre contextos, não-contato entre classes e etnias e, portanto, entre culturas - onde a negação da experiência a partir do convívio solidário entre a diversidade dos mundos, alimenta processos egocêntricos e de desenraizamento. Entende-se, portanto, que processos de construção de caracteres como esses, constitui cidade predominantemente *aporosa*.

A busca pela apreensão de *poros* urbanos traz luzes para pensar a cidade e também para projeta-la a partir do que se entende como *permeabilidade* sobre um processo de constituição de diálogos contínuos capazes de adensar o que se materializaria como urbanidade, sobre um maior teor crítico. Ao longo desse estudo foram abordadas diversas condições as quais apresentam, a priori, a possibilidade de serem lidas em várias escalas, esferas e dimensões qualitativas, onde essas ainda podem se manifestar atemporais ou temporais, amorfas ou formais e portanto, também, físicas e/ou sociais, materiais e/ou imateriais. Essas características dão indícios de uma possível trama de parâmetros que se manifestam como porosidade urbana,

que se apresentam multidimensionais, multitemporais, multiescalares e assim geram a possibilidade de múltiplas leituras, enriquecendo tal apreensão. São interpretações e qualidades compatíveis com a dinâmica de se apreender a totalidade onde o diálogo interdisciplinar e fenomenológico, se apresenta aberto à processos de interpretação (e de falsas-verdades), flexíveis. Assim, agrega-se densidade e possibilidades de análises sobre essa complexidade a serem trabalhadas como hipóteses de análise de ação sobre a cidade contemporânea mesmo em contextos não científicos.

Essas ações apresentadas por diversas possibilidades e formas estão presentes na prática de compor o cotidiano, tanto de estudiosos de várias áreas de atuação científica quanto de profissionais práticos, até os agentes e personagens citadinos. Todos os seres envolvidos na complexidade da trama urbana são capazes de compor *poros*. Portanto, afirma-se a possibilidade de atingir esta resultante de forma intencional (planejada) ou arbitrária (espontânea), ambas formalizadas por caracteres autênticos de materialização. Essas são algumas das questões colocadas inicialmente sobre a perspectiva de desenvolver este estudo, onde foi possível perceber que os poros já estão presentes em diversas dimensões da paisagem. O termo *rugosidade*, o qual foi abordado no capítulo dois, sugere inicialmente a existência desses poros, onde ali tem o sentido de uma suposta passividade sobre as camadas de inflexão espaço-temporais materializadas ao longo dos tempos. As rugosidades somadas às morfologias e às narrativas, constituem permeabilidades ativas, potencializadas por determinadas composições de membranas.

Ou seja, citadas por alguns autores, essas membranas são esferas que controlam/dirigem determinadas condições de permeabilidade incentivando de forma aberta ou se fechando para as manifestações de diversos caracteres presentes na esfera urbana, como pré-descrito já no início do estudo. Assim, poros e membranas apresentam o grande valor de contribuir com a possibilidade de identificar indícios onde ressaltam-se manchas territoriais e seus limites/não-limites, entendidos a partir dos mapas de calor, e assim traçar com maior fidelidade – além dos recortes territoriais administrativos e políticos – o que se entende como fronteiras, bordas, aberturas, fechamentos e liminaridades. Essas podem ser de caráter físico e/ou social, reafirmando a

assertiva sobre qualificar de formas distintas permeabilidades físicas e permeabilidades sociais. Acredita-se que a grande contribuição para a leitura de espaços urbanos seja esta, onde se busca alertar sobre as condições de enraizamento e as constituições fenomenais das construções aparentemente espontâneas que desenham as realidades cartográficas da ação (RIBEIRO, 2013).

Ao desvendar o que se coloca como porosidade urbana gerou-se uma reflexão teórica que poderá contribuir para adensar uma dimensão crítica a qual abre-se para futuros estudos nessa linha sobre pensar a cidade. Sobretudo, contribui para reafirmar a aproximação entre arquitetura, urbanismo, sociabilidade, cultura urbana, geografia e unir essas dimensões no processo de dinamização material/imaterial da cidade. Recupera-se aqui o valor qualitativo apresentado no capítulo dois que foi estruturante para as leituras espaciais, temporais e sociais que vieram em seguida e, assim, também amplia as intenções e possibilidades de leituras. O desvendar do processo de geografizar o espaço como compositor de permeabilidade social, resultado do espaço existencial dialogando com as realidades geográficas compositoras de permeabilidades físicas, presente em determinadas tipologias espaciais fenomenais, respondem à outra questão colocada inicialmente: o constante diálogo entre porosidade física e porosidade social como processo ativo na dinâmica urbana em construção contínua.

Assim, pensar e construir *cidade porosa* condiciona o que se chamou aqui de *tipologia urbana*. Esta, se apresenta essencialmente constituída pelo diálogo entre espaços existenciais e tipologias espaciais fenomenais, onde ações sociais, projetos e planos urbanísticos são responsáveis por compor os grandes paradigmas a serem tratados e ressignificados hoje, contextualizados nesse momento histórico de grandes transformações territoriais impulsionadas por lógicas hegemônicas do mercado e do capital. No início do estudo foi colocado a complexa dimensão sobre as atuais patologias temporais refletindo sobre o *ser* e *estar* no espaço urbano fragilizados e descontínuos, assim como a presença de outras forças presentes atuando em diversas formas de *resistência*, as quais pretendem manter a continuidade das permeabilidades. São tipologias singulares e significativas na estruturação das cidades pelo

mundo a fora, as quais determinam fortemente seu desenho e sua relação de continuidade ou descontinuidade; algumas delas são: polos empresariais e os condomínios fechados – que apresentam condições empiricamente *apurosas* – e as praças e parques, favelas, sítios arqueológicos, centros simbólicos, *locus* culturais – que se apresentam em condições empiricamente *porosas*.

Ainda que em certos momentos de análise tenham sido descritas paisagens a partir de algumas particularidades pontuais, acabando por aparentemente generalizar condições urbanas como um todo *apuroso*, ao longo dos estudos essas assertivas se mostraram como meias verdades. Neste sentido vale ressaltar o caso da Avenida Paulista, o qual por percepções empíricas nos apresentou inicialmente como uma porosidade física e uma apurosidade social sendo posteriormente repensado. Pode se dizer assim, que, atualmente as permeabilidades físicas são na maioria das vezes resultantes de intenções urbanísticas de regulação e controle, dirigidas por legislações ou incentivos desses caracteres. Aparentemente em oposição, verificou-se e afirma-se a coexistência desses caracteres permeáveis que são identificados como composições autênticas e/ou espontâneas na formação das cidades, predominantemente geradas a partir de permeabilidades sociais. Sobretudo, levando em consideração o filme *Medianeras*, a avenida Paulista e o Largo da Batata apresentam condições *porosas* “inesperadas”, identificadas como desvios inusitados das rotinas urbanas (RIBEIRO, 2013, p.60).

Vale ressaltar que a composição dessas paisagens dadas como globalizadas ressoam como o produto de um mercado turístico/empresarial onde, antes dessas ações, na maioria das vezes, eram contextos fisicamente e socialmente permeáveis em que essa porosidade autêntica/espontânea foi transformada em novas membranas rígidas - recondicionando seus poros para atender demandas e ideais egocêntricos, exclusivos e, portanto, segregadores, como descrito com ênfase no capítulo um e trabalhado de forma menos direta ao longo do estudo. Esse arrasamento que acaba segregando socialmente e espacialmente, traz para a reflexão a temática da alienação para o âmbito das leituras das diversas condições de vida urbana onde há o forte risco de julgamento arrogante e precipitado sobre as experiências oriundas a partir de *outras lógicas* menos hegemônicas e seu valor social para o reconhecimento

da diversidade dos mundos. Ribeiro (2013) contribuí com grande significância para o estudo sobre construir, reconstruir e destruir poros urbanos, onde a socióloga requalifica o conceito de alienação direcionado às táticas dominantes e suas estratégias de imposição de valores, geradores da homogeneização e padronização espaciais e sociais.

Reflexão final

A *porosidade urbana* foi colocada desde o início do estudo como condicionante de urbanidade. Entre as várias questões que foram abordadas e assim qualificadas sobre o processo complexo que tece a trama da cidade, como reflexão final faz-se aqui uma ressalva sobre essa busca por valorizar e compor as diversas esferas urbanas, presentes em *outras lógicas* de leitura sobre a cidade. Para que seja uma composição desprovida de zonas, muros, portanto, menos fragmentada, menos exclusiva, menos descontínua, nesta busca foram levantadas algumas formas de segregação por espacialidade e por sociabilidade. Para essa reflexão, algumas das tipologias urbanas citadas anteriormente dentro do que se referenciou como lógicas de alienação, volta-se novamente para o sentido que se deu para as “aberturas ilegais” em *medianeras* cegas, descrito no capítulo um. Essa e outras tipologias e ações dadas como ilegais, caracterizam diretamente os conceitos de *informalidade* e *formalidade* sobre a cidade enquanto as formalizações correm o risco de esvaziar de sentido qualidades urbanas autênticas.

Esses fenômenos se manifestam no processo contemporâneo resultante da alienação forçada (como foi narrado em *Medianeras*) e, portanto, na passividade dos seres que nela habitam processo que nega as diversas lógicas de *ser* e *estar* e de construir seus sentidos próprios de vida. Esses conceitos são entendidos como manifestação/imposição de determinadas lógicas político-administrativas as quais caem como fato sobre um senso comum pouco crítico, marginalizando algumas particularidades socioculturais urbanas. Essas últimas, portanto formados espaços autênticos, geralmente destoam dos diversos espaços hegemônicos presentes na cidade, e se constituem atrás de membranas intencionalmente rígidas onde são recortados e identificados como não-cidade e/ou não urbano.

Pensar a composição urbana agregando composições diversas, descaracterizando-as do conceito de informalidades, aceitando a legitimidade de composições específicas e incentivando a diversidade dos mundos, é pensar, construir e aceitar as infiltrações resultante de permeabilidades capazes de criar *porosidade*. Assim, toda e qualquer manifestação autêntica se constituirá deste denso diálogo, necessário, entre caracteres físicos e sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, A. Augusto. A guerra dos lugares. Sobre fronteiras simbólicas e liminaridades. *Revista do patrimônio histórico e artístico nacional*, Rio de Janeiro, n. 23, 1994.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins, 1984.

CANEVACCI, Maxximo. *A cidade polifônica: ensaio sobre antropologia da comunicação urbana*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CORDOVA, Vitor Sartori; VICTAL, Jane. *Territorialidades caipiras: o ser e a identidade do lugar*. In: *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 17, n. 41, p.80-96, jan/jun, 2016.

DURHAM, Eunice Ribeiro. *A dinâmica da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

GAFFNER, Christopher. *Forjando os anéis: a paisagem imobiliária pré-Olímpica no Rio de Janeiro*. *Revista Metropolis*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, dez. 2013, p.7-20. Disponível em: <http://emetropolis.net/edicao/n15>. Acesso em: 12 maio 2016.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

HOLZER, Werther. *Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de Paisagem e Lugar, Território e Meio-ambiente*. In: *Território / LAGET*, UFRJ. Rio de Janeiro, ano II, n. 3, jul. / dez. 1997.

HUET, Bernard. *A cidade como espaço habitável* (alternativa à Carta de Atenas). In: *Revista Lotus Internacional*, n.41, Editoria Electra, 1986/87.

JACOBS, Jane. *Morte e Vida de Grandes cidades*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

LISSOVSKY, M.. A Descoberta da Porosidade. In: Beatriz Lemos; Cristina Ribas. (Org.). *Pedregulho: residência Artística no Minhocão*. Rio de Janeiro: Insituto Cidades Criativas, 2010, v. , p. 41-43.

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. *O Outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MONTANER, M. Joseph. A. *Modernidade superada: ensaios sobre arquitetura contemporânea*. 2.ed. São Paulo: G. Gili, 2012.

NAIR, Sami; MORIN, Edgar. *Uma política de civilização*. São Paulo: Piaget, 1997.

NORBERG-SHULZ, Cristian. *Existencia, espacio y arquitectura*. Barcelona: Blume, 1975.

QUEIROGA, Eugênio. *A megalópole e a praça: o espaço entre a razão de dominação e a ação comunicativa*. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Sociabilidade, Hoje*. *CADERNO CRH*, Salvador, v. 18, n. 45, p. 411-422, set./dez. 2005.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário. In: *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina*. Universidade de São Paulo, 2005.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira. *A cidade Como um Jogo de Cartas*. Niterói: Eduff; São Paulo: Proed, 1993, 2.ed, 192p.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira; et al. *Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. São. Paulo: Projeto FINEP/IBAM, 1985. 3. ed. 156p.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. 5. ed. São Paulo: Hucitec. 1998.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 24. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SÃO PAULO (Município). A Operação Urbana Faria Lima: relatório dos resultados obtidos: agosto de 1995 a dezembro de 1999. *Diário Oficial do Município de São Paulo*, 24 de fevereiro de 2000.

SECCHI, Bernardo. *Primeira Lição de Urbanismo*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra*. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008.

— *O declínio do homem público*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. Londrina: Eduel, 2013.

— *Topofilia*. Londrina: Eduel, 2012.

VALVA, M. *Da renovatio urbis à cidade porosa: um laboratório para a cidade contemporânea*. 2011. 248f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço Intra-Urbano no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Studio Nobel. 2012.

FONTES ELETRÔNICAS

Antigo Mercado dos Caipiras. 1910. Disponível em:
<http://cidadesperaquem.org/blog/2014/1/17/largo-da-batata-do-popular-ao-elitizado-entrevista-a-amlia-dos-santos-gazeta-de-pinheiros>. Acesso em: 06 out. 2015.

BAUMAN, Z. *Estratégias para a vida*. 2014. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=7BbMKM1bcSw>. Acesso em: 30 ago. 2016.

— *Modernidade Líquida*. 2015. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=GTu_bycoEEw. Acesso em: 02 set. 2016.

Coletividade nipo-brasileira de pinheiros. 1962. Disponível em:
<http://media.discovernikkei.org/articles/2352/map-5-2sm2.jpg>. Acesso em: 07 out. 2015.

Concurso nacional de projeto de renovação urbana do largo da batata. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/02.017/2143?page=2>. Acesso em: 17 out. 2015.

EISENMAN, P. *Creo que la arquitectura es más necesaria que nunca*. Interview: NY, 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=JyKSkYEK5Is. Acesso em: 29 maio 2015.

FRASCINO, T, L. *Concurso*. São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/02.017/2143?page=2>. Acesso em: 17 out. 2015.

KEHL, Maria Rita. *Café Filosófico: Aceleração e Depressão*. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gGjPmVTliCk>. Acesso em: 10 out. 2016.

LEOPOLDO E SILVA, F. *As tramas do contemporâneo*. 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-6Ancgcreos>. Acesso em: 22 out. 2015.

LIMA DE TOLEDO, Benedito. Verso Paulista. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G3ytqPnYcdc>. Acesso em: ago/2016.

MATOS, O. *Tempo sem experiência*. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=arANFGj10Tg>. Acesso em: 22 out. 2015.

Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual. Produção de Gustavo Taretto. 2011. DVD (95min). Legendado. Port.

Ocupação Regular Colaborativa “A batata precisa de você”. Largo da Batata, Pinheiros, São Paulo, Mistura Urbana, 2014. Disponível em: <http://misturaurbana.com/2014/10/a-batata-precisa-de-voce-a-ocupacao-regular-colaborativa-do-largo-da-batata/>. Acesso em: 07 out. 2015.

PISAURO, Valéria. In: Wikipédia, a enciclopédia livre, 2011. Disponível em: <http://valiteratura.blogspot.com.br/2011/03/aporo-rosa-do-povo-carlos-drummond-de.html>. Acesso em: 20 out. 2015.

Planta da cidade de São Paulo: Mostrando todos os arrebaldes e terrenos arruados. 1924. Disponível em: http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/. Acesso em: 15 out. 2015.

Proposta vencedora no concurso para reconversão urbana. 19º Congresso Brasileiro de Transporte e Trânsito. São Paulo, 2013. Disponível em: http://www.antp.org.br/_5dotSystem/download/dcmDocument/2013/10/06/87D2B872-0C0A-4A1B-A276-C50A4A19A5DD.pdf. Acesso em: 07 out. 2015.

Renovação urbana e mobilidade: o projeto do largo da batata. 19º Congresso Brasileiro de Transporte e Trânsito. Brasília, 2013. Disponível em: http://www.antp.org.br/_5dotSystem/download/dcmDocument/2013/10/06/87D2B872-0C0A-4A1B-A276-C50A4A19A5DD.pdf. Acesso em: 07 out. 2015.

São Paulo. Prefeitura Municipal. Secretaria de Desenvolvimento Urbano. Operação Urbana Consorciada Faria Lima (Lei 11.732/1995). São Paulo, 1995. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/desenvolvimento_urbano/sp_urbanismo/operacoes_urbanas/faria_lima/index.php?p=19591. Acesso em: 17 out. 2015.

SENNETT, R. *The open city*. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eEx1apBAS9A>. Acesso em: 31 maio 2015.

— *The open city*. 2013. Disponível em: <https://www.richardsennett.com/site/senn/UploadedResources/The%20Open%20City.pdf>. Acesso em: 31 maio 2015.

FIGURAS

Figura 10. A Tunísia, o Egito, a Líbia, o Iémen, e a Síria: "Primavera Árabe"
Fonte: REUTERS/Mohamed al-Sayaghi.
Disponível em: <http://www.tsf.pt/multimedia/galeria/internacional/interior/a-revolta-arabe-2186782.html>. Acesso em: 18/08/2016

Figura 11. Primavera Árabe.
Disponível em: <https://pugnareblog.wordpress.com/2014/09/14/a-primavera-arabe/>.
Acesso em: 18/08/2016)

Figura 12. Occupy Wall Street, 2011.
Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Occupy_Homes. Acesso em 18/08/2016)

Figura 13. Occupy Wall Street | Atenção: não confunda a complexidade desse movimento com caos.
Disponível em: <http://beforeitsnews.com/opinion-conservative/2011/10/occupy-wall-street-signs-help-clarify-ows-movement-1259254.html>. Acesso em 18/08/2016)

Figura 14. Jornadas de Junho, 2013.
Disponível em: <http://www.pagina13.org.br/lutas-e-direitos/instituicoes-e-geracao-democratica-jornadas-de-junho-e-julho-de-2013/#.V7cuQ-srKM8>. Acesso em 19/08/2016

Figura 15. Jornadas de Junho, 2013.
Fonte: Disponível em: <http://www.ebc.com.br/cidadania/2014/06/protestos-completam-um-ano-e-violencia-policia-se-repete>. Acesso em 19/08/2016

Figura 16. Pátio FAU-USP, arquitetura de Vilanova Artigas.
Disponível em: <http://www.herancacultural.com.br/blog/2013/07/vilanova-artigas-e-a-escola-paulista-de-arquitetura/>. Acesso em: 30/09/2016

Figura 17. Compõem um *tipo espacial* de divisão simbólica onde se localizava o antigo muro de Berlim que dividia a Alemanha Oriental da Ocidental.
Disponível em: http://www.brasilpost.com.br/2014/11/06/muro-de-berlim-antes-e-depois_n_6116554.html. Acesso em: 06/09/2016

Figura 18. Stonehenge – Compõem histórias de povoados Neolíticos nas Ilhas Britânicas – Acredita-se que foi um espaço para práticas religiosas. Espacialmente é possível identifica-lo a partir de diversos outros espaços sacros ao longo da história; assegura-se a demarcação do *lugar* como, por exemplo, vê-se em aldeias indígenas. (Fonte: chacomleite.com)

Figura 20. Estudo de linhas, pontos e planos - Parc de La Villette (França), do arquiteto e urbanista Bernard Tschumi.
Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-160419/classicos-da-arquitetura-parc-de-la-villette-slash-bernard-tschumi>. Acesso em: 07/09/2016

Figura 21. Recorte da HQ de Luiz Gê sobre a Avenida Paulista, 1991.
Disponível em: <http://www.quadrinhosnasarjeta.com/2014/01/as-ruinas-da-avenida-paulista.html#.V-FZzSErKM8>. Acesso em: 20/09/2016)

Figura 22 e 23. Desenho referente às diretrizes sobre fachada ativa do Plano Diretor Estratégico de São Paulo, 2013.
Disponível em:
http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/desenvolvimento_urbano/legislacao/plano_diretor/index.php?p=1386. Acesso em: 08/12/2016

Figura 24. Recorte da HQ de Luiz Gê sobre a Avenida Paulista, 1991.
Disponível em: <http://www.quadrinhosnasarjeta.com/2014/01/as-ruinas-da-avenida-paulista.html#.V-FZzSErKM8>. Acesso em: 20/09/2016

Figura 25. Avenida Paulista, meados de 1900.
Disponível em: <http://www.artigosecronicas.com.br/sao-paulo-ontem-e-hoje/>. Acesso em: 22/09/2016)

Figura 29. Recorte da HQ de Luiz Gê sobre a Avenida Paulista, 1991.
Disponível em: <http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/blog/2012/04/13/critica-avenida-paulista-de-luiz-ge/>. Acesso em: 20/09/2016

Figura 30. Vista do Masp, em direção a Consolação, década de 1950.
Disponível em: <http://revista.casavogue.globo.com/arquitetura/avenida-paulista-completa-120-anos/>. Acesso 20/09/20016

Figura 33 e 34. Recorte da HQ de Luiz Gê sobre a Avenida Paulista, 1991.
Disponível em: <http://www.quadrinhosnasarjeta.com/2014/01/as-ruinas-da-avenida-paulista.html#.V-FZzSErKM8>. Acesso em: 20/09/2016

Figura 40. Avenida Paulista – Belvedere Trianon
Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.195/6177>. Acesso em: 22/09/2016.

Figura 41. Croqui de Lina Bo Bardi, MASP
Disponível em:
<http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1414>. Acesso em: 22/09/2016

Figura 42. Avenida Paulista - MASP

Disponível em: <http://argosfoto.photoshelter.com/image/I0000mT1n1nXMU8A>.

Acesso em: 22/09/2016

Figura 43. SESC Pompéia, Lina Bo Bardi.

Disponível em: <http://u-in-u.com/sesc-videobrasil/2011/olafur-eliasson-tour/sesc-pompeia/17/>.

Acesso em: 30/09/2016

Figura 44. Croqui de Lina Bo Bardi, MASP

Disponível em: <http://www.arquitetasinvisiveis.com/lina-bo-bardi>. Acesso em:

22/09/2016

Figura 45. Avenida Paulista - Praça do Ciclista.

Disponível em: <http://colunas.revistaepocasp.globo.com/nabike/tag/praca-do-ciclista/>.

Jun/2013

Figura 52. Piscina no Rio Pinheiros. Década de 1920.

Disponível em: <http://www.riachogrande.net/2012/engenheirobillings.html>. Acesso em:

maio/2016

Figura 68. Atividades de Ocupação – Comunicação em rede (Facebook) - Largo da Batata, 2015.

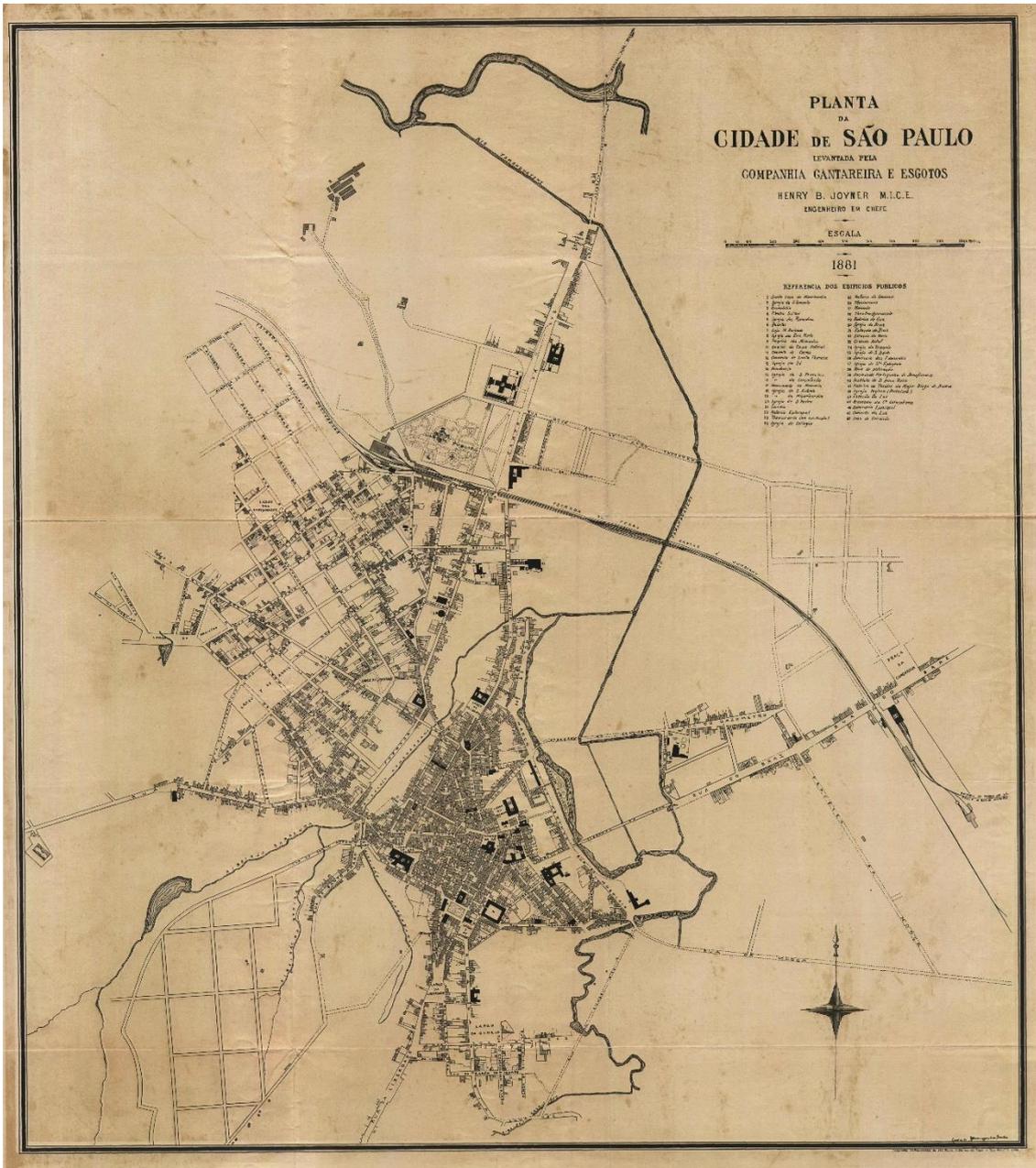
Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Largo-da-Batata/170160749807182>.

Acesso em 15/10/2015

ANEXO - Mapas

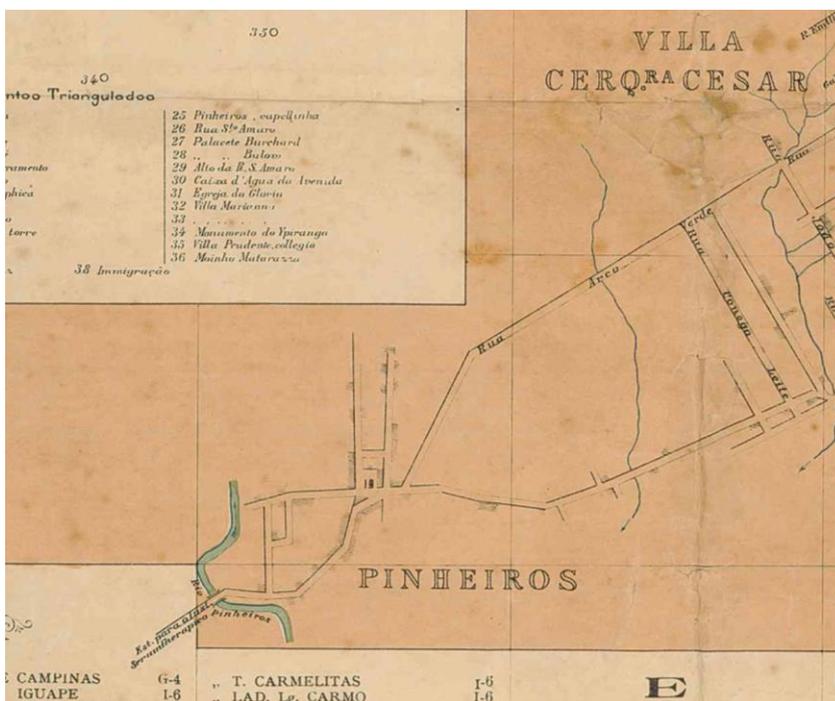
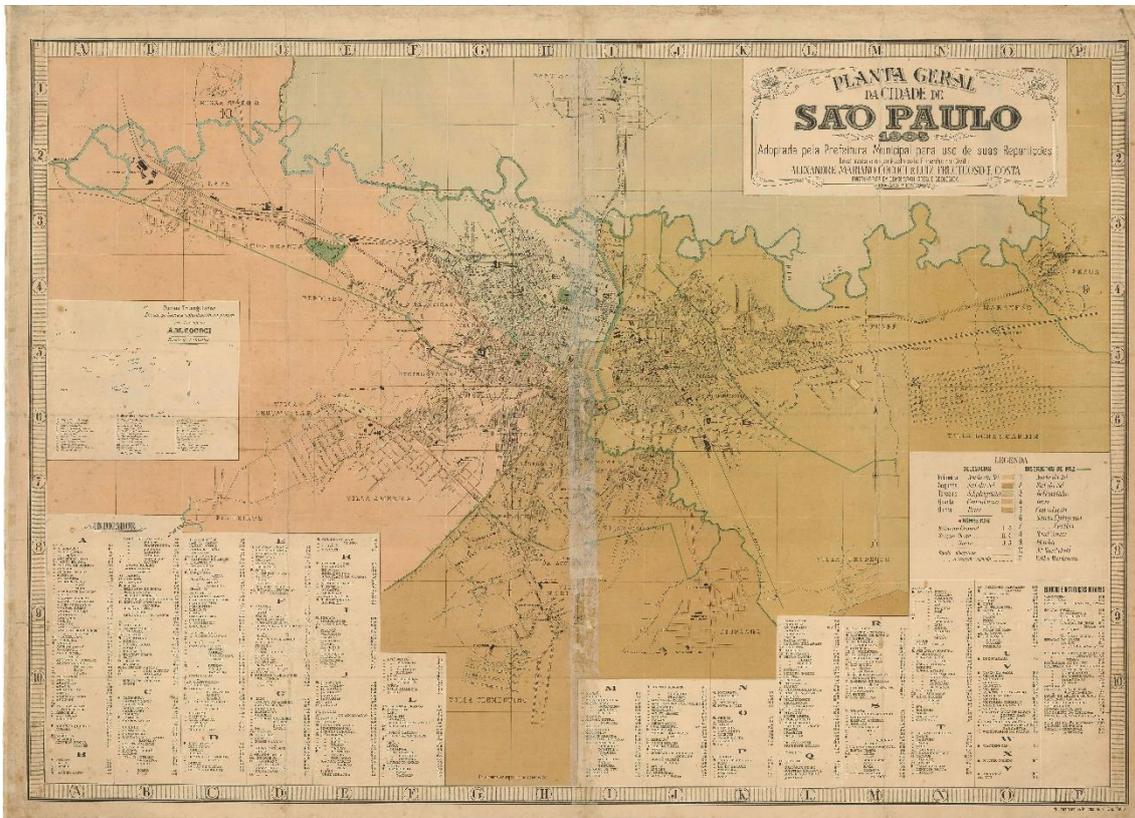
Planta da Cidade de São Paulo levantada pela Companhia Cantareira de Esgotos – 1881

(Consolidação do centro de São Paulo e o desenvolvimento territorial pós-transbordo do Rio Tamanduateí)



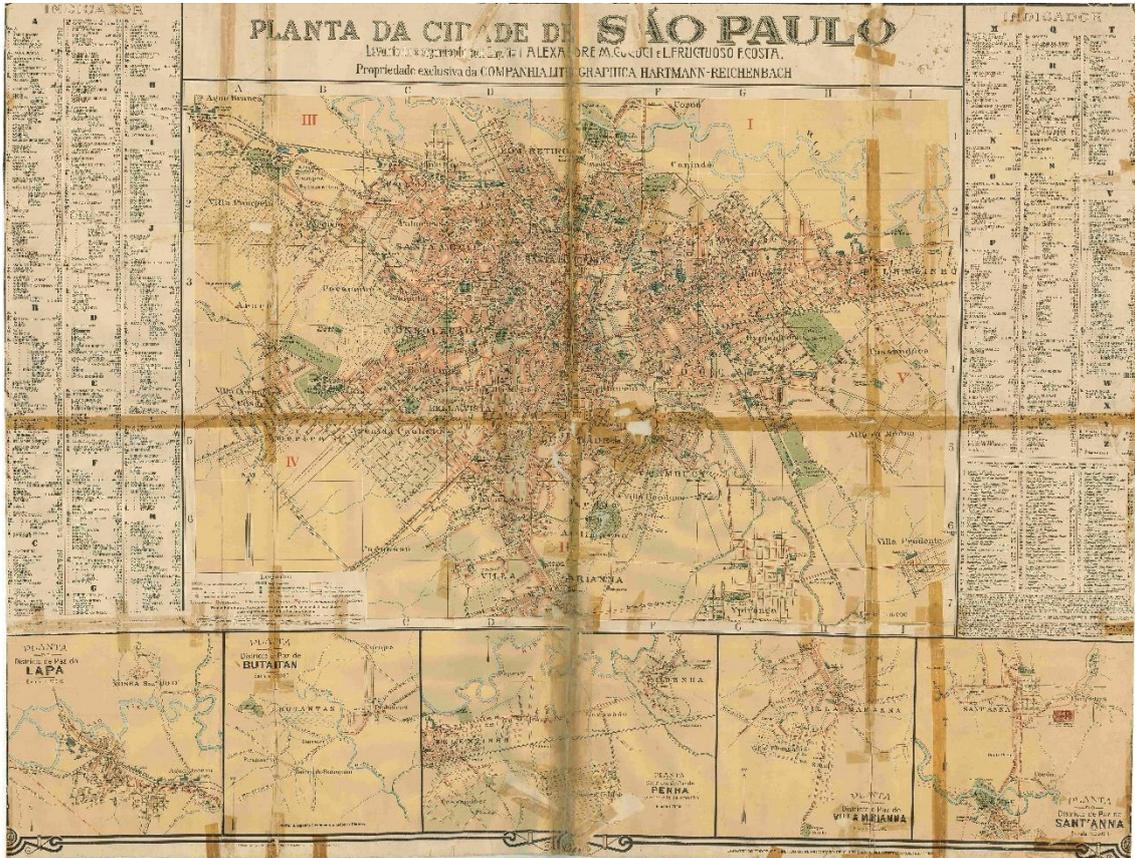
Planta Geral da Cidade de São Paulo Adaptada pela Prefeitura Municipal para uso de suas Repartições - 1905

(Identifica-se o Largo de Pinheiros já conectado por arruamentos ao centro moderno da Paulista)



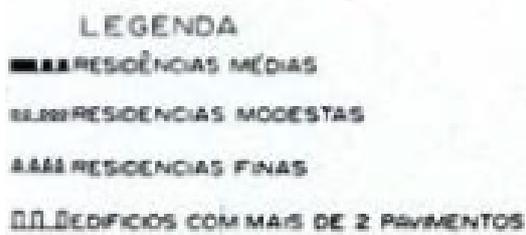
Planta da Cidade de São Paulo – Propriedade Exclusiva da Companhia Lithe Graphica Hartmann – Reichenbach - 1913

(Identifica-se o Largo de Pinheiros representado juntamente com o “Districto da Paz de Butaitan”, embora anteriormente já representado na planta geral da cidade. Neste, os bondes elétricos já chegavam à essa localidade pela Rua Teodoro Sampaio)



Áreas residenciais de Pinheiros – entre 1952 e 1957

(Identificam-se as tipologias sociais habitacionais em desenvolvimento).



Mapa do crescimento do bairro de Pinheiros – até 1960

(Identificam-se as camadas de consolidação do bairro de Pinheiros em 5 momentos de inflexão espaço-temporal distintos entre 1897 e 1960, onde é possível perceber a aceleração do desenvolvimento).

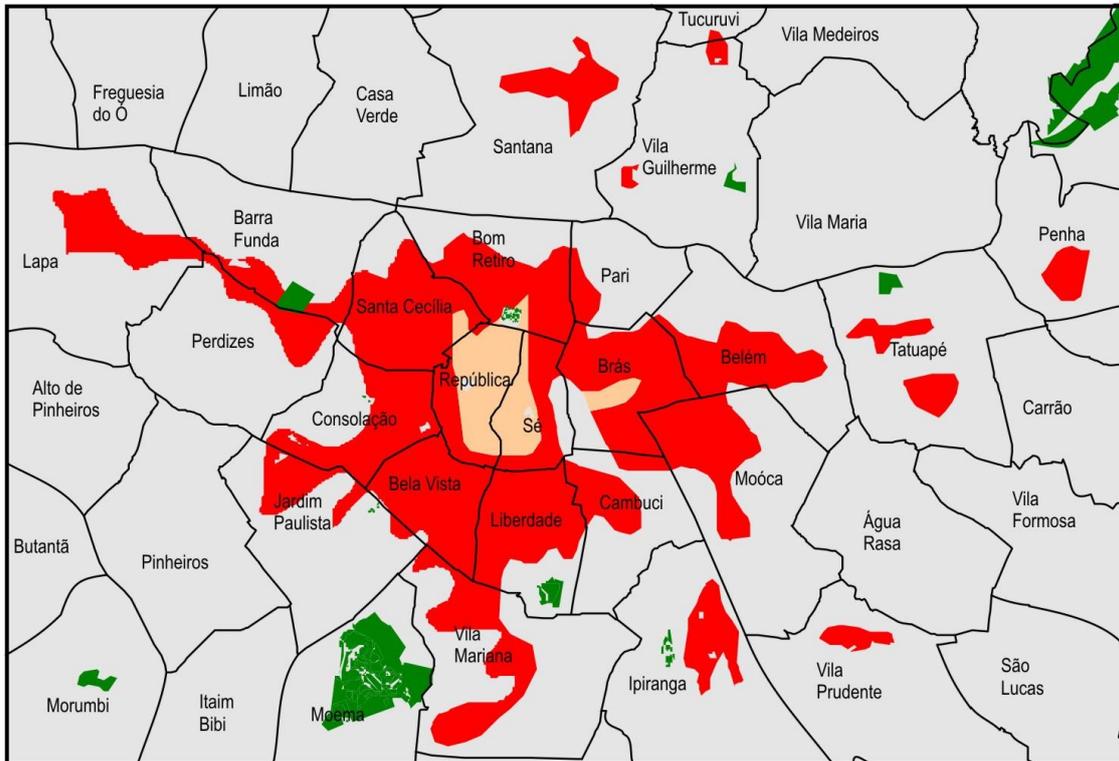


Área Urbanizada do município de São Paulo – até 1914

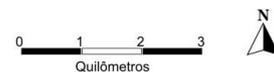
(Pode ser observado os vetores leste/oeste que deu origem ao desenvolvimento de São Paulo, seguido da ocupação no caminho do Anhangabaú e posteriormente o início das ocupações do entorno da Paulista e do centro expandido).

Área Urbanizada

1882/1914

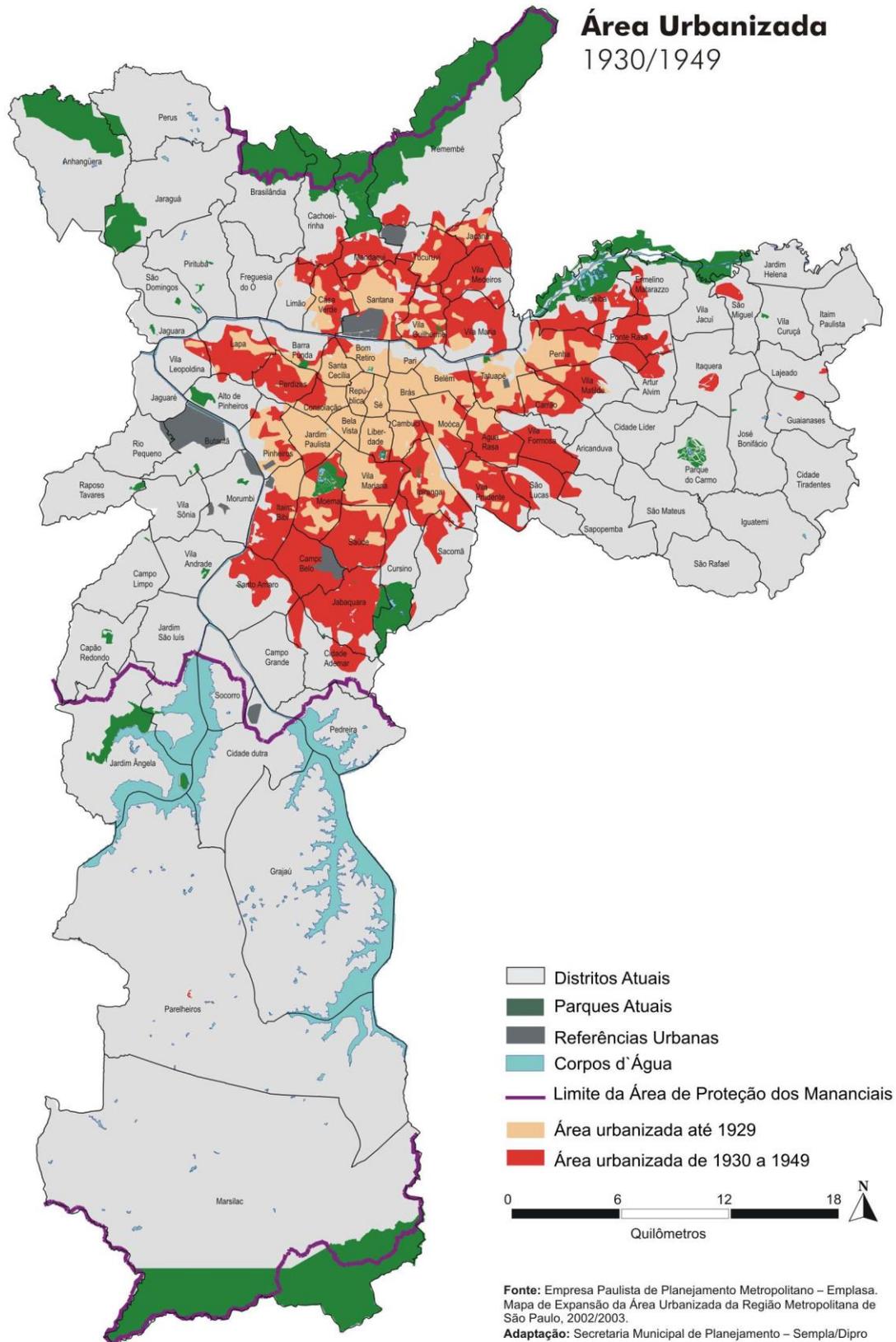


- Distritos Atuais
- Parques Atuais
- Área urbanizada até 1881
- Área urbanizada de 1882 a 1914



Fonte: Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano – Emplasa.
Mapa de Expansão da Área Urbanizada da Região Metropolitana de São Paulo, 2002/2003.
Adaptação: Secretaria Municipal de Planejamento – Sempla/Dipro

Área Urbanizada do município de São Paulo – até 1949



Caminhos de saída de São Paulo – século XIX

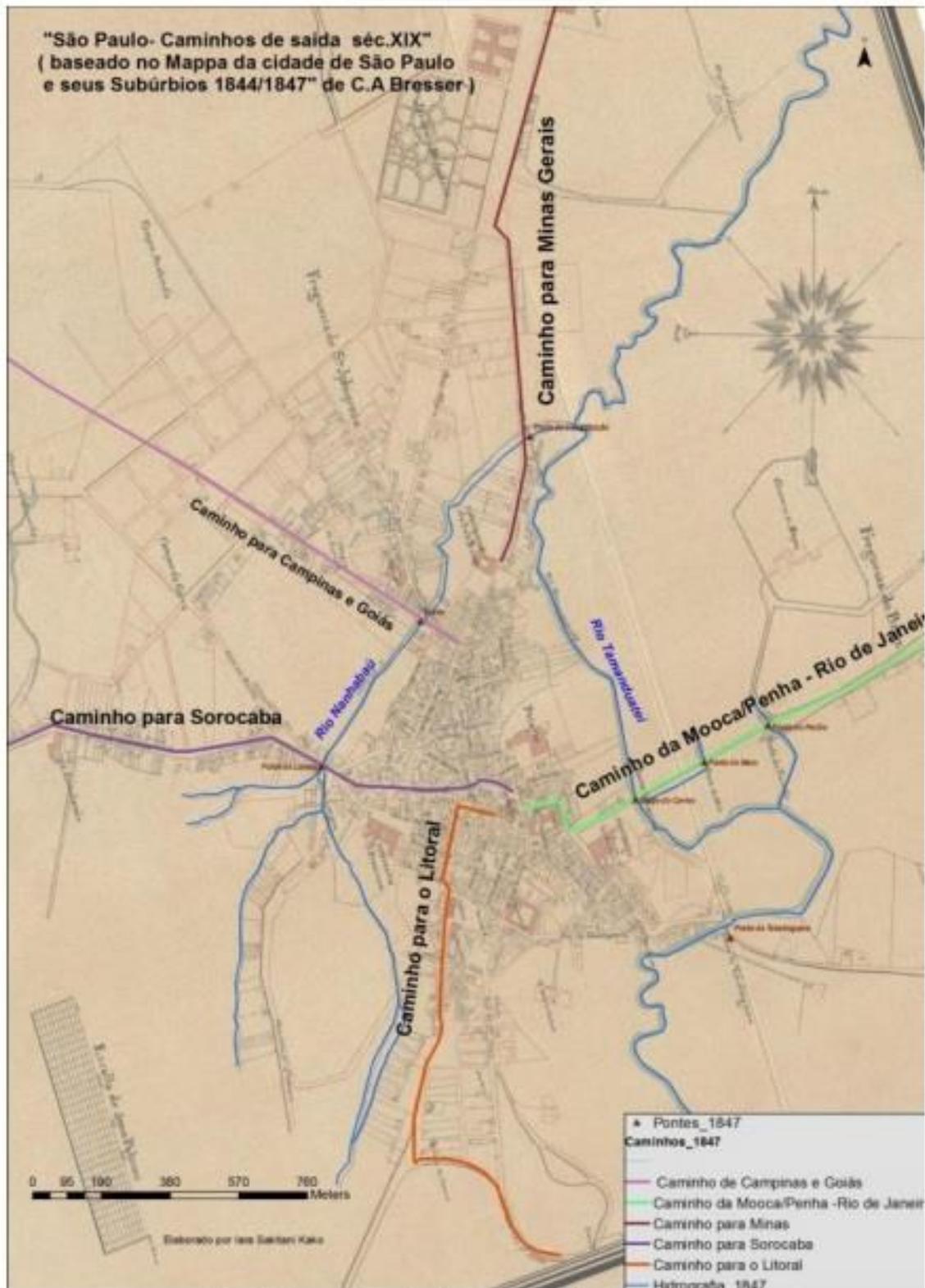


Fig. 1 – Mapa de São Paulo - Caminhos de saída séc. XIX